

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**A PRESENÇA DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS EM MATO
GROSSO (1954-1964)**

DOURADOS – MS

2024

RAFAEL JOSÉ DA SILVA NETO

**A PRESENÇA DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS EM MATO
GROSSO (1954-1964)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações.*

Orientador: Prof. Dr. **Jérri Roberto Marin.**

DOURADOS – MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586p Silva Neto, Rafael José Da
A presença da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos em Mato Grosso
(1954-1964) [recursoeletrônico] / Rafael José Da Silva Neto. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jérri Roberto Marin.
Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande
Dourados, 2024. Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Frades Menores Capuchinhos. 2. Mato Grosso. 3. Diocese de
Corumbá. 4. Igreja Católica. I. Marin, Jérri Roberto. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que
citada a fonte.

RAFAEL JOSÉ DA SILVA NETO

A PRESENÇA DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS EM MATO GROSSO (1954-1964)

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovado em ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA DE DEFESA

Prof. Dr. Jérri Roberto Marin.

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/PPGH, Dourados/MS)
(Orientador)

Prof. Dr. Vanildo Luiz Zugno

(Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, ESTEF, Porto Alegre/RS)
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Damião Duque de Farias

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD, Dourados/MS)
(Examinador Interno)

Á minha família, amigos e a todos os meus professores e professoras.

AGRADECIMENTOS

Conforme Boaventura de Bagnoregio destaca, a existência humana não transcorre em isolamento, mas em constante interação com os outros, e nosso entendimento do mundo é limitado. Todo conhecimento é resultado de uma construção coletiva, influenciado por diversas contribuições individuais. O período pandêmico evidenciou ainda mais a importância de termos pessoas que, mesmo distantes fisicamente, estavam próximas emocionalmente para nos amparar em momentos difíceis e de incerteza. Portanto, cabe a mim expressar minha sincera gratidão a todas as instituições e indivíduos que viabilizaram a realização desta dissertação.

Agradeço primeiramente a Deus por guiar-me por caminhos misteriosos em sua onipotência!

Agradeço à minha família, representada principalmente por minha mãe, Rita Maria da Silva Vieira, e seu companheiro, Feliciano dos Santos Vieira, e a todos os demais familiares, que mesmo distantes, estiveram presentes e tiveram paciência para suportar minhas ausências.

À minha esposa, Yara Karolina Santana de Mattos Messias, agradeço pelo companheirismo e compreensão nos momentos de nervosismo e ansiedade que enfrentamos durante este período de pesquisa. Agradeço também por cuidar de mim e dos nossos animais de estimação incrivelmente bagunceiros, Banguela, Diana e Kalel, que estiveram sempre ao meu lado nos momentos mais solitários da escrita.

Agradeço ao meu orientador, Jérri Roberto Marin, por seus ensinamentos desde a graduação em História na UFMS e agora, na pós-graduação. Muito obrigado pelo cuidado, pelas rigorosas cobranças que me fizeram crescer academicamente, por toda paciência e dedicação ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Foi com você que aprendi que estudar História é algo sério e que ter disciplina é fundamental para o sucesso de qualquer processo de pesquisa. Mais uma vez, Gratidão!

Agradeço aos professores, frei Vanildo Luiz Zugno e Damião Duque De Farias, pela disponibilidade e pelos ensinamentos fornecidos, pelas valiosas contribuições feitas durante o exame de qualificação e pela presença na banca de defesa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFGD e a todos os docentes com quem compartilhei reflexões e saberes durante todo o curso. Além disso, expresso minha gratidão aos colegas do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, especialmente à amiga Stélla Carolina Carvalho Franco e ao amigo Henry Alves Guimarães de Souza Santos, pelas contribuições e auxílio na construção deste trabalho. Grato por tudo!

Agradeço a todos os amigos e amigas, tanto os de longe quanto os de perto, aos colegas de trabalho do Colégio Salesiano Dom Bosco em Campo Grande e da Escola Municipal Porfíria Lopes

do Nascimento em Sidrolândia, assim como aos amigos clubistas do grupo de futebol. Expresso meus sinceros agradecimentos pelo companheirismo, carinho e compreensão em relação às minhas ausências em determinados momentos.

Por último, expresso meu agradecimento à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, especialmente aos frades das províncias do Brasil Central e do Rio Grande do Sul. Durante cinco anos, fiz parte da fraternidade capuchinha, de onde aprendi que a paz é fruto da justiça e que o Reino de Deus começa aqui!

Expresso minha gratidão aos irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular, especialmente à comunidade da fraternidade Nossa Senhora de Fátima em Campo Grande/MS, pelo comprometimento e esforço em demonstrar, no cotidiano, os valores de simplicidade e humildade que caracterizam a vida de Cristo.

Agradeço aos freis Clézio Menezes e Moacir Casagrande, ex-ministro provincial e atual Ministro Provincial da Província Capuchinha do Brasil Central, e por meio deles expresso minha gratidão a todos os frades, em especial aos freis Mateus Venâncio e Klenner Antônio, pelo apoio e disponibilidade na busca de fontes e informações necessárias para a construção deste trabalho.

Ao Frei Nilmar Carlos Gatto, Ex-Ministro Provincial da Província Capuchinha do Rio Grande do Sul, e aos atuais Superiores Provinciais, expresso meu agradecimento pela acolhida e disponibilidade em pesquisar fontes e informações na Cúria Provincial durante o período da pesquisa.

De forma especial, expresso minha profunda gratidão ao Frei Celso Bordignon e a todos os colaboradores do Museu dos Capuchinhos em Caxias do Sul. Frei Celso gentilmente me recebeu na fraternidade Nossa Senhora do Carmo e facilitou meu acesso aos arquivos do museu, fornecendo fontes cruciais para minha pesquisa. Sem a generosidade e apoio dele, não teria sido possível concluir este trabalho. Sou eternamente grato por sua ajuda.

Expresso minha sincera gratidão a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, colaboraram para minha formação e para a realização deste estudo. O meu mais profundo agradecimento!

O conceito de texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço.

Jorge Luis Borges.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a presença dos Frades Menores Capuchinhos em Mato Grosso, onde assumiram diversas paróquias nas dioceses de Corumbá e Campo Grande. O período abordado pelo trabalho compreende a expansão da Província de Caxias do Sul em direção ao Noroeste de São Paulo, em 1946, seguida pela migração para o Mato Grosso, em 1954, e abrange o início da expansão para Goiás e Distrito Federal, em 1958. Serão explorados os interesses institucionais que motivaram essas migrações, tanto no contexto interno da ordem religiosa quanto nas perspectivas dos bispos diocesanos. Além disso, serão examinados os impasses e as dificuldades enfrentados pelos frades durante o processo de expansão territorial. A pesquisa também investigará as relações estabelecidas com a hierarquia eclesial e as populações locais, bem como o trabalho pastoral nas paróquias e as estratégias adotadas para administrar as paróquias e reformar o catolicismo. Como fontes, foram utilizados os livros tomo e os registros paroquiais das paróquias nas quais os frades atuaram, além de correspondências trocadas entre os frades e periódicos de circulação interna da Ordem. O referencial teórico fundamenta-se em diversas bibliografias da História Cultural, destacando-se Foucault e seu conceito de governabilidade para analisar o funcionamento do poder e da governança exercida pelos frades em suas primeiras paróquias em Mato Grosso. Esta dissertação apresenta um quadro geral da presença, instalação e trabalho pastoral dos primeiros frades menores capuchinhos em Mato Grosso de 1954 a 1964, superando os discursos memorialistas que exaltavam a presença da Ordem na região de forma factual e celebrativa. A migração da ordem capuchinha foi acompanhada por dificuldades de ordem material e de adaptação; no entanto, os frades buscaram estabelecer-se nutrindo relações de proximidade com as elites políticas e econômicas de Mato Grosso, exercendo seu poder e influência, garantindo gradualmente sua inserção na sociedade mato-grossense.

Palavras-Chave: Frades Menores Capuchinhos; Mato Grosso; Diocese de Corumbá; Igreja Católica.

ABSTRACT

This study aims to examine the involvement of the Capuchin Friars Minor in Mato Grosso, where they assumed various parishes in the dioceses of Corumbá and Campo Grande. The period covered by the work includes the expansion of the Province of Caxias do Sul towards the Northwest of São Paulo in 1946, followed by migration to Mato Grosso in 1954, and includes the initiation of the expansion to Goiás and the Federal District in 1958. The institutional interests that motivated these migrations will be explored, both within the internal context of the religious order and from the perspectives of the diocesan bishops. Additionally, the challenges and difficulties faced by the friars during this process of territorial expansion will be examined. The research will also investigate the relationships established with the ecclesiastical hierarchy and local populations, as well as pastoral work in the parishes and the strategies adopted to manage the parishes and reform Catholicism. The sources used include the "livros tomo" (church records) and parish registers of the parishes where the friars worked, as well as correspondence exchanged between the friars and internal circulation periodicals of the Order. The theoretical framework is based on various Cultural History bibliographies, highlighting Foucault and his concept of governmentality to analyze the functioning of power and governance exercised by the friars in their initial parishes in Mato Grosso. This dissertation provides an overview of the presence, establishment, and pastoral work of the first Capuchin Friars Minor in Mato Grosso from 1954 to 1964, surpassing memorialist discourses that praised the Order's presence in the region in a factual and celebratory manner. The migration of the Capuchin order was accompanied by material and adaptation difficulties; however, the friars sought to establish themselves by nurturing close relationships with the political and economic elites of Mato Grosso, exercising their power and influence, gradually ensuring their integration into Mato Grosso society.

Keywords: Capuchin Friars Minor; Mato Grosso; Diocese of Corumbá; Catholic Church.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocupação do território Noroeste de São Paulo pelos Capuchinhos da PCCXS – Parte A	45
Tabela 2: Ocupação do território Noroeste de São Paulo pelos Capuchinhos da PCCXS – Parte B	46
Tabela 3: Ocupação do território de Mato Grosso pelos capuchinhos da PCCXS até 1964.....	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro retiro da então Custódia de Mato Grosso em 1958.....	76
Figura 2: Homenagem aos benfeitores da Missão Mato-grossense dos Frades Capuchinhos	79
Figura 3: Verso da Foto acima.....	79
Figura 4: Construção do Ginásio Educandário Frei Mariano em Aparecida do Taboado.	82
Figura 5: Frei Gregório e as pombinhas de Nossa Senhora.	87
Figura 6: A primeira igreja no terreno definitivo.....	104
Figura 7: Rainha da Festa de Maio	110
Figura 8: O Santuário de Fátima em Construção (1972).	112
Figura 9: Construção da Igrejinha de Fátima.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana.

PCCXS – Provincia Capuchinha de Caxias do Sul

ONU - Organização das Nações Unidas

DC - Desenvolvimento de comunidade

RS – Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

EUA – Estados Unidos Da América

URSS – União da republicas socialistas soviéticas

OFM Cap - Ordem dos frades menores capuchinhos

OFM Obs – Ordem dos frades menores observantes

OFM Conv - Ordem dos frades menores conventuais

SMCAE - Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I – O CONTEXTO DA EXPANSÃO DA PROVÍNCIA DE CAXIAS DO SUL	30
1.1 O início da expansão para o noroeste paulista.....	37
1.2 Disputas por território e poder entre províncias capuchinhas no território de São Paulo	39
1.2.1 A visita geral a São Paulo	39
1.2.2 O governo da Custódia paulista na gestão de frei Caetano de Monte Belo	41
1.2.3 A separação do território paulista (comissariado custodial de São Paulo e Custódia do Noroeste paulista).....	43
1.2.4 A saída dos frades gaúchos de São Paulo	47
1.3 A Viagem para o “Mar Desconhecido Estado De Mato Grosso”.....	54
1.3.1 Chegada e saída ao Noroeste paulista.....	55
1.3.2 O “vizinho mar desconhecido”.....	59
II - A INSTAURAÇÃO DA ORDEM CAPUCHINHA NA DIOCESE DE CORUMBÁ	63
2.1 –O advento de um novo campo de missão.....	70
2.2 – As estratégias de normalização das primeiras comunidades	76
2.3 – As disputas no mercado religioso.....	88
III – A SEDE CUSTODIAL – CAMPO GRANDE COMO CENTRO DA MISSÃO	95
3.1 A Escola Miguel Couto	96
3.2 A construção da graça branca do frei Gregório: A paróquia Nossa Senhora de Fátima.....	101
3.3 A expansão para o Goiás e Brasília em detrimento de Mato Grosso	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS E FONTES.....	119
Referências Bibliográficas	119
Periódicos	123
Arquivos	124
Jornais	125
Livros.....	125
Fonte eletrônicas e <i>sites</i>	126
LISTA DE MINISTROS GERAIS	128
LISTA DE SUPERIORES DA PROVINCIA CAPUCHINHA DO RIO GRANDE DO SUL	129
LISTA DE SUPERIORES DA PROVINCIA CAPUCHINHA DE SÃO PAULO	130
ANEXO 5	132
FRADES QUE TRABALHARAM NO NOROESTE PAULISTA:	132

INTRODUÇÃO

Como instituição, a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) exerce grande influência sobre os aspectos sociais, políticos e culturais dos brasileiros e, por isso, compreender as ações pastorais, as relações estabelecidas com os governos e com a sociedade, a expansão para os mais diversos campos sociais, o *modus operandi* das congregações, ordens e institutos religiosos é de suma importância. A Igreja, assim, atua sobre a sociedade e busca sobreviver às suas transformações preservando seus interesses e, sobretudo, procurando expandir-se a pretexto de “salvar almas”¹. Pesquisar a ICAR em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul configura-se, entretanto, um desafio devido à dificuldade de acesso às fontes, à inexistência de arquivos eclesiais e ao mau estado de conservação dos arquivos paroquiais e das dioceses.

A pesquisa, neste sentido, busca analisar a presença da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos em Mato Grosso, nas dioceses de Corumbá e de Campo Grande, mais tarde Mato Grosso do Sul. Inicialmente, pretendeu-se investigar a missão dos frades da Província² de Caxias do Sul rumo ao Noroeste de São Paulo, em 1946, e posteriormente, em direção ao Mato Grosso, em 1954, até o início de sua expansão para outros territórios, isto é, o Estado de Goiás e o Distrito Federal, em meados de 1958. Entre os objetivos do trabalho estão a) compreender as razões da vinda à Mato Grosso, ou seja, tanto os interferentes internos da ordem religiosa quanto as intenções dos bispos diocesanos; b) justificar o estabelecimento dos frades nas paróquias de Bataguassu, Aparecida do Taboado, Maracaju, Sidrolândia, Corguinho e Rochedo, Camapuã, Rio Verde de Mato Grosso, Coxim e Campo Grande; c) apreender os impasses e as dificuldades vivenciadas pela ordem em relação à população local e outras denominações religiosas; d) compreender o trabalho pastoral realizado nas paróquias e as estratégias para reformar o catolicismo na região.

O interesse em pesquisar os capuchinhos surgiu após a experiência como religioso da mesma ordem, durante cinco anos. Desde o período de atuação como frade, foi possível observar que faltavam relatos organizados com rigor acadêmico sobre a origem da ordem

¹ ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. Editora Brasiliense, 1979, p. 57.

² Denomina-se província religiosa o conjunto de várias casas religiosas erigidas canonicamente pela autoridade legítima. A província configura-se parte imediata de um instituto ou ordem (Capuchinhos) e possui personalidade jurídica pública. Ela é governada por um único superior, que recebe o nome de superior provincial ou padre provincial. As circunstâncias necessárias para sua edificação são: número mínimo de casas, delimitação territorial, número de religiosos, além de uma estrutura mínima para a formação de novos frades e de recursos econômicos (PAULO II, Papa. *Código de direito canônico*. Edições Loyola, 1997. Cânones - 620, 621, 625, 634, p. 113-115).

religiosa no território que hoje compreende os estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, circunscrição oficialmente denominada Província Capuchinha do Brasil Central. Além disso, no trabalho de conclusão de curso na graduação em História, realizado na UFMS no ano de 2017, o tema também foi objeto de estudo. Na ocasião, dediquei-me à análise de um diário, com 32 páginas, escrito pelo frei João Simionato, um dos primeiros frades capuchinhos a chegar a Mato Grosso, em 1956. A pesquisa, intitulada *Rumo ao vizinho mar desconhecido estado de Mato Grosso: Trajetória de frei Otávio Simionato, de 1923 a 1980*, tinha o objetivo de analisar o relato de Frei Otávio Simionato, apoiando-se em conceitos da História Cultural.

Com a atual pesquisa, busco contribuir com o tema, construindo, entretanto, uma nova interpretação da história capuchinha em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, evidenciando a expansão da ordem religiosa, a sua ofensiva na sociedade local e as resistências enfrentadas pelos frades no processo de evangelização e na implantação da teologia do desenvolvimento³. Dessa forma, procuro me contrapor aos trabalhos escritos pelos próprios frades, que apresentam conteúdo memorialista⁴ e marcadamente apologético, enaltecendo as ações dos primeiros

³ Segundo Souza, a teologia do desenvolvimento é uma linha de pensamento e ação tomada pela ICAR após Segunda Guerra Mundial, até o Concílio Vaticano II, quando foram estabelecidos valores ético-sociais que ajudaram a constituir o cenário político-econômico do pós-guerra e o ideal reformador e disciplinar da sociedade. Assim, embalada por uma proposta humanista e redefinidora do traço capitalista-liberal, a Igreja estimulou a constituição de um Estado intervencionista de bem-estar social – *Welfare State* – e promoveu uma política de moralização e higienização, de reformas de condutas e de fomento à produção agrícola, baseada na profilaxia do corpo socialmente ajustado e na organização do trabalho disciplinado, produtivo e solidário. A própria realidade histórica que se constituiu precisou carregar-se de valores e códigos de conduta que se adaptassem e corroborassem com uma nova prática econômica em conformidade com o momento emergencial inaugurado. (SOUZA, Rogério Luiz de. Ética católica e capitalismo: Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 70, n.1, p. 379, 2010).

⁴ As obras memorialistas buscam, por meio da mescla de elementos históricos e uma narrativa literária, exaltar os feitos dos grandes homens, datas e fatos políticos importantes. Além disso, a maioria dessas obras enaltecem a Igreja Católica como agente do progresso e do desenvolvimento local. Os autores memorialistas, por sua vez, adotam diferentes fontes e ferramentas de trabalho, resultando em textos, por exemplo, de cunho autobiográfico, nos quais ganham destaque a experiência de vida do autor ou aspectos da tradição oral. São, assim, narrativas históricas desprovidas de rigor científico, ou seja, que não fazem uso de qualquer norma metodológica e teórica de escrita acadêmica sobre a história. Muitas vezes, esses escritores realizam pesquisas de fôlego, debruçando-se durante anos sobre arquivos, mas sem apresentar qualquer indicação de fontes ou referências bibliográficas, misturando informações de sua autoria e citações de documentos. Em muitos casos, os escritores partem de textos de historiados, mas seguem caminhos totalmente diferentes dos trabalhos acadêmicos. Os relatos memorialistas são também numerosos e variados. São escritos ou foram escritos de formas distintas, com suportes específicos e para públicos diferentes, conforme a temporalidade e os avanços da ciência história no Brasil. Neste sentido, segundo Domingues, quando observamos detalhadamente os contextos de produção e circulação das produções memorialísticas, podemos encontrar outras dimensões em seus textos, além da falta de parâmetros teórico-metodológicos. (DOMINGUES, Viviane Pedrosa. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica, *Anais do Simpósio Nacional de História*, v. 26, n.1, p. 2-3, 2011).

frades na região, bem como a história da ordem. A pesquisa, portanto, busca analisar e superar esses testemunhos; sua relevância, junto a outros trabalhos, justifica-se perante o desvendamento do cenário religioso e das manifestações religiosas, mais especificamente da presença da Igreja Católica, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Os trabalhos publicados sobre a história dos frades capuchinhos em Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, como referido, foram feitos por religiosos da mesma ordem. Após o levantamento bibliográfico sobre os capuchinhos na região de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul na *Scientific Electronic Library Online*, no Google Acadêmico e nas bibliotecas de algumas fraternidade, como na província do Brasil Central e na Província do Rio Grande do Sul, foram encontrados dois livros: O primeiro, *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*, escrito por frei Rovílio Costa e Luís Alberto de Boni, e publicado em 1996; o segundo, *Capuchinhos do Brasil*, coletânea que reúne informações sobre várias províncias capuchinhas do Brasil, organizada pela secretaria dos capuchinhos latino americanos (SECAL) e pelo frei Carlos Albino Zagonel, e publicada no ano de 2001.

A obra *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul* conta a história dos capuchinhos do Rio Grande do Sul desde a chegada dos primeiros capuchinhos franceses à região, em 1896, até a comemoração dos 100 anos de província, em 1996. No livro, apenas um capítulo trata da presença dos capuchinhos em Mato Grosso e Goiás, denominado *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul no Brasil Central (1954 – 1982)*. São 73 páginas que narram a história da presença dos capuchinhos no território mato-grossense, explorando, de forma sucinta, desde a chegada dos primeiros missionários, em 1954, até a ereção da província, estruturada e reconhecida pelo governo geral dos frades, em 1982. A narrativa, contudo, não se detém a descrever detalhes, está preocupada apenas com a construção de uma linha do tempo, apontando edificação de paróquias e datas importantes, sob um olhar factual.

O segundo título, *Capuchinhos do Brasil*, também apresenta um capítulo dedicado à presença dos frades menores capuchinhos na região de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Neste caso, o capítulo foi escrito pelo frei Alfredo Sganzerla, que afirma ter utilizado como principal fonte os livros tombos das diversas paróquias nas quais os frades vivem ou viveram⁵. O texto, com 32 páginas, aborda a história da província desde a chegada dos primeiros missionários ao território mato-grossense, em 1954, até os anos de 2001, dada de publicação do livro. A narrativa configura-se uma saga heroica, valorizando os desafios dos primeiros

⁵ ZAGONEL, Carlos Albino. *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre: Editora EST, 2001, p. 267.

missionários e analisando os vários lugares em que os frades fixaram residência. Zagonel, neste sentido, tenta criar uma espécie de “identidade provincial”, lançando propostas para o desenvolvimento e bom crescimento numérico dos frades e da província⁶.

Existem ainda três publicações que trazem, em alguns de seus números, sínteses históricas sobre os capuchinhos na região do Brasil Central. Em geral, são números, lançados em pequenas quantidades, para circulação interna da ordem, em decorrência de datas comemorativas, a fim de relembrar a história da província, tanto no Rio Grande do Sul, quanto no Brasil Central, apoiando-se nos relatos de diferentes frades.

A tradição de comunicar informações e diretrizes aos frades espalhados pelas circunscrições e missões da Ordem Capuchinha é proveniente da Europa. Os frades franceses que fundaram a província de Caxias do Sul também tinham um periódico, *Le Rosier de Saint François*, no qual divulgavam informações sobre a Província capuchinha de Saboia na França. As circunscrições de Caxias do Sul e do Brasil Central, consideradas filhas da Província de Saboia, também desenvolveram seus periódicos quando se tornaram oficialmente independentes.

O primeiro periódico estudado intitula-se *A caminhada* e foi designado órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central. O objetivo e a missão do livreto era:

ser uma presença fraternal e amiga juntos aos irmãos, oferecendo-lhes informações, publicando atos e documentos, propondo valores e normas, animando a vivência do espírito e do carisma, dinamizando o processo de inculturação, enfim, registrando a história da província⁷.

Publicado em janeiro de 1982⁸, o periódico foi reproduzido em mimeógrafo e com apenas um exemplar por ano para agilizar a comunicação e diminuir os gastos⁹. No seu segundo número, apresentou um novo estatuto de formação, elaborado naquele mesmo ano (1982), e uma síntese histórica da província. A síntese fora construída a partir de relatos dos frades, dos livros tombos das fraternidades e de uma série de informações colhidas pelo frei Silvio Aurélio

⁶ *Ibid.*, p. 298.

⁷ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano I, Brasília, DF, nº 1, p. 2, dez. 1982.

⁸ O periódico foi publicado pela primeira vez em setembro de 1982, mesmo ano da ereção canônica da Província Capuchinha do Brasil Central, realizada no dia 5 de janeiro de 1982, pelo então ministro Geral da Ordem, frei Pascoal Rywalski.

⁹ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano II, Brasília, DF, nº 2, p. 2, dez. 1983.

Armiliato. São 77 páginas que contam a história da presença dos capuchinhos no território mato-grossense. Também de forma breve, o texto aborda a chegada dos primeiros missionários, em 1954, representados como os “doze apóstolos”. Assim como as demais publicações, as informações não são apresentadas com detalhes e adquirem um caráter cronológico de construção de eventos e definição de heróis.

O segundo periódico intitula-se *Pax et Bonum* e atuava como meio de comunicação oficial da Província Capuchinha de Caxias do Sul. *A Caminhada*, mencionado anteriormente, substituiu os livretos *Pax et Bonum* quando a Província do Brasil Central se tornou independente. A publicação inicial dos livretos *Pax et Bonum* remonta a maio de 1954, visando

Levar aos religiosos da Província as cartas circulares do Ministro Provincial, diretrizes disciplinares, avisos, comunicações, etc. enfim, tudo o que possa interessar a Província. [...] alguma colaboração sobre iniciativas de apostolado, sobre educação e formação de nossos jovens, uma vez, aprovada e julgada oportuna pelo Ministro Provincial poderá aparecer no periódico oficial para edificação de todos os nossos religiosos¹⁰.

As publicações não seguem qualquer programação, sendo editadas segundo a decisão do ministro provincial¹¹. Em outubro de 1992¹², o número 147 é lançado com o título de *História das fraternidades Capuchinhas da Província de Caxias do Sul*, sobre a responsabilidade de organização do frei Silvestre Gialde, então secretário provincial. Nele, frei Gialde narra a história da província de Caxias do Sul, a partir dos lugares onde os frades haviam trabalhado, até o ano de 1992. Segundo o autor, as histórias das fraternidades foram escritas com a participação de diversos frades e a anuência do ministro provincial à época, frei Aldo Colombo.

O texto sobre a província capuchinha do Brasil Central tem apenas 4 páginas e o título de *Brasil Central - 1954 a 1982*. Trata-se do resumo da trajetória dos frades capuchinhos em Mato Grosso até a ereção canônica da província no Brasil Central, em 1982. Também apresenta uma escrita factual, datas da chegada e saída de frades de determinados lugares. O próprio autor, no entanto, reconhece a limitação da publicação afirmando que faltam fontes, tempo de pesquisa

¹⁰ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano I, Caxias do Sul, RS, n.1, p. 2, maio 1954.

¹¹ *Ibid.*

¹² O texto foi escrito em comemoração ao aniversário de 50 anos da ereção canônica da Província de Caxias do Sul, ocorrido no dia 24 de julho de 1942, sob direção do Ministro Geral da Ordem, frei Donato Welle.

e mesmo conhecimento maior dos critérios da historiografia, mas ainda assim ele apostou nesse projeto¹³.

A terceira publicação data de 2006 e traz uma síntese histórica produzida pelo frei Jaime, em comemoração aos 25 anos da proclamação da província e aos 50 anos da criação da custódia¹⁴ capuchinha do Brasil Central. O autor afirma que usou como fonte a pesquisa realizada pelo frei Sílvio Aurélio Armiliato a partir dos livros tombos das fraternidades, dos relatórios e estatutos da província e das informações orais fornecida pelos frades. O trabalho está organizado em 65 páginas, mas diferente dos demais, omite algumas informações observadas nos relatos anteriores, como a passagem dos frades pelo Noroeste paulista antes de da chegada em Mato Grosso.

Neste caso, o autor se preocupa com a legitimação de projetos futuros da província ao demonstrar e justificar as ações sociais e religiosas em execução até o ano de publicação do periódico. Ele também procura afirmar que a circunscrição se tornará uma província com personalidade própria, descobrindo uma identidade encarnada no território do Brasil Central¹⁵, narrando, por isso, uma história heroica como base para projetos futuros.

As publicações sobre a história dos frades capuchinhos em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul são, portanto, produzidas, como demonstrado, pelos frades, em momentos festivos e datas comemorativas e apresentam um conteúdo claramente apologético, buscando conservar a história dos pioneiros.

O periódico mais utilizado no trabalho foi a *Pax et Bonum*, pois seu primeiro número data de maio de 1954. Os frades gaúchos ocuparam a primeira comunidade em Mato Grosso

¹³ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano XL, Caxias do Sul, RS nº 147. p. 3, out.1992.

¹⁴ O processo de implantação da Ordem Capuchinha (*Implantatio Ordinis*) em novos territórios respeita legislações específicas, as chamadas *Constituições da Ordem dos frades Menores Capuchinhos*, publicadas nos anos de 1896, 1909, 1925, 1968, 1974, 1982 e 2014. Durante esse processo, ocorre, primeiramente, as *Missões*, em que os frades pregam e visitam os fiéis com o intuito de Propagar a Fé (*Propaganda Fide*). Nesses casos, ligados a uma Província, os frades missionários dependem da autorização de seus superiores para pregar. Mais tarde, as missões são transformadas em *Comissariados*, e o grupo de frades, antes missionários, passa a atuar em maior número, mas sem deixar de obedecer aos superiores locais, um comissário e dois assistentes, escolhidos pela província à qual estão ligados. Essa etapa, entretanto, não existe nas constituições atuais. Depois, a penúltima etapa antes da autonomia da circunscrição, denominada *Custódia*, deve apresentar um número ainda maior de religiosos e um número mínimo de conventos. O custódio, por sua vez, é eleito diretamente pelos frades de votos perpétuos da circunscrição e não mais pelos superiores da província. Por fim, a *Província*, circunscrição autônoma e parte essencial e imediata da Ordem, é governada pelo Ministro Provincial e seu definitório, um grupo de frades conselheiros.

¹⁵ BIAZÚS, frei Jaime. *Síntese Histórica: 50 anos de criação da custódia, 25 anos da proclamação da Província*. Brasília, DF, maio 2006, p. 58.

em fevereiro de 1955, ou seja, a publicação traz de forma oficial a trajetória da nova missão, abrangendo desde sua origem até a mudança de sede custodial para Brasília, em meados de 1959, recorte temporal da presente pesquisa. Os textos e documentos não são tratados como a verdade, pelo contrário, são confrontados e cruzados com outras informações, documentos e relatos, a fim de desvendar aquilo que está oculto, suas lacunas e limitações.

Os livros tombos das fraternidades e das paróquias e outros registros paroquiais das comunidades em que os frades atuaram também representam importantes fontes. Porém, muitos livros foram extraviados¹⁶. Em alguns casos, fragmentos desses materiais são citados pelos religiosos na construção de suas memórias. Trata-se de fontes importantes para compreender as questões políticas, socioculturais, além das políticas de expansão da ordem no Brasil e, sobretudo, em Mato Grosso.

Além dos periódicos e os documentos citados, foram adotadas como fontes de trabalho algumas fotografias e diários, a fim de contrapor as informações levantadas. As fotografias fazem parte do acervo do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (MusCap), localizado em Caxias do Sul-RS, onde foram levantados dados relacionados à expansão dos frades capuchinhos no Noroeste de São Paulo e do Mato Grosso, e compõem álbuns particulares de alguns frades. No trabalho, foram contextualizadas e problematizadas tendo em vista a necessidade de representar o período estudado. Considerou-se ainda o processo que deu origem às imagens, sendo elas registradas por um fotógrafo que possuía o desejo de eternizar determinado momento, cena ou paisagem.

Produzidas em momentos específicos, as fotografias têm um valor emocional e sentimental, sendo também portadoras de memórias. Elas servem como uma forma de entender o passado e, conseqüentemente, possibilitam resgatar a memória visual do homem e do seu ambiente sociocultural. Neste sentido, a fotografia assume o papel de ferramenta de pesquisa, permitindo a descoberta, análise e interpretação da vida histórica¹⁷. Neste sentido, tanto as fotografias quanto suas legendas auxiliaram a diversificar as possibilidades de interpretação da realidade dos frades e de suas ações na expansão da ordem, ou afrontando ou evidenciando as

¹⁶ Em cada paróquia há um cartório ou arquivo onde se guardem os livros paroquiais, juntamente com as cartas dos bispos e demais documentos que, pela sua necessidade ou utilidade, devem ser preservados. (PAULO II, Papa. *Código de Direito Canônico*. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo: Loyola, 1987. Cãnone 535, inciso 4. p. 81).

¹⁷ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 59.

informações presentes nos documentos ditos oficiais, nos escritos e nos diários particulares que tratam do mesmo período.

Destacam-se ainda os relatos escritos pelos freis, além de diários sobre suas trajetórias de vida. Essas narrativas são compreendidas como escritas ordinárias¹⁸ e autobiográficas pelo fato de, através delas, os indivíduos buscarem

[...] uma unidade lógica e linear da vida, também produzindo uma invenção literária a partir de experiências reais, objetivas e subjetivas [...] um entrelaçamento entre o que foi e o que memória e narrativa permitem dizer desse passado [...] um documento ao mesmo tempo paradoxal e sedutor¹⁹.

Nestes casos, os relatos são analisados tendo em vista sua complexidade, a existência ou não de uma elaboração prévia, a ordem de apresentação prevista pelos autores, rememorando acontecimento e/ou, por outro lado, omitindo informações sobre questões importantes à época. Os principais escritos utilizados são os trabalhos do frei Otávio Simionato, frei Gregório Bonatto e frei Luís Maria Liberali.

O frade mais famoso, dentre àqueles que participaram da missão de Mato Grosso, é Gregório Bonatto. Seja pelo seu carisma, seja pelo talento musical, o frei ficou bastante conhecido na cidade de Campo Grande, onde fora homenageado com nome de rua²⁰ e com o título de Cidadão Campo-Grandense, concedido no ano de 1979. Além disso, Gregório ocupou a 9ª cadeira da Academia sul mato-grossense de Letras, de 1988 a 2018. Em 1974, gravou com sua sanfona, acompanhado do Conjunto musical Alvorada, um disco de vinil (LP)²¹. Foi autor de mais de trezentas músicas, escreveu em jornais de grande circulação na cidade de Campo Grande, apresentou programa de rádios e tv. Pela grande popularidade, há um número

¹⁸ Maria Teresa Cunha utilizando o autor Daniel Fabre explica que “as escritas ordinárias ou sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de ‘fazer uma obra’ para ser impressa”. (CUNHA, Maria Teresa Santos. *Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro*. *Revista Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v.3, n.1, p. 16, 2007).

¹⁹ NEVES, Leonardo dos Santos; PINTO, Helder de Moraes. O diário é uma série de vestígios: Possibilidades de análise de narrativas autobiográficas como método de pesquisa para a História da Educação em Minas Gerais. *Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH - Mariana*, MG. n.1, v.1, p. 4, jul, 2012. Disponível em <<http://www.encontro2012.mg.anpuh.org>>. Acesso em 21 jan. 2021.

²⁰No dia 22 de setembro de 2009, foi aprovado o projeto de lei municipal nº 6.647/09, de autoria do vereador Cristóvão Silveira, que alterou a denominação da Rua Flávio de Matos para Rua Frei Gregório, no trecho compreendido entre a Rua Professor Severino Ramos de Queiroz e a Av. Eduardo Elias Zahran, no bairro Monte Líbano.

²¹ Parte do disco pode ser ouvido no *Youtube*, no canal Projeto Memória Fonográfica de Mato Grosso do Sul.

expressivo de informações sobre sua figura, documentos, em sua maioria, autorais, mas também de terceiros que tratam de sua vida e sua obra²².

Em função da quantidade de registros sobre o frei Gregório, um capítulo da pesquisa é dedicado ao personagem que ele construiu de si mesmo em seus livros, e ao trabalho realizado na construção da comunidade, que, por algum tempo, foi sede da Custódia de Mato Grosso. A paróquia, apelidada por Gregório de “Garça Branca”²³, teve um processo de difícil construção, tanto o frade que recorrer a diversas técnicas de arrecadação de fundos para sua concretização. Uma das mais polêmicas formas de arrecadação feitas pelo frade foi tocar sanfona em bailes e festas, à noite, atividade mal vista e até proibida pela diocese, que buscava controlar o comportamento dos religiosos e, por extensão, legitimar sua autoridade.

Na ocasião de sua morte, em sua necrologia, são descritos 22 livros de sua autoria; obras que contam sua história de vida, hinos de louvor, textos teológicos e poesias. Não foi, entretanto, possível encontrar informações sobre todos os títulos. Em ordem cronológica, destaco alguns títulos e suas respectivas datas de publicação: *Os caminhos do sagrado e do folclórico* (primeira publicação, lançada em 1981), *A Invernada* (1985), *As aparições de Fátima* (1986), *Do altar para o lar* (1987), *O Aleijadinho e o Alferes Tiradentes* (1987), *O beato Pe. José de Anchieta* (1987), *Cancelas da vida* (1988), *Bodas de ouro sacerdotais – De frei Gregório de Protásio Alves* (1990), *Pingos e respingos* (1986), *Memórias de um frei Capuchinho* (1995), *Pingos e respingos 2* (1997), *O peregrino das veredas do Senhor* (2000), *Frei Gregório de Protásio Alves: Missionário Popular* (2005).

Em alguns casos, além no nome das obras, não foi localizado nem mesmo o ano de publicação dos textos. São exemplos os livros *Lampejos*, *Trajectoria de uma vida*, *Sidrolândia e a história dos pioneiros* e *Missa crioula*. Assim, durante a pesquisa, foram levantadas informações sobre 17 livros escritos pelo frei Gregório. Alguns títulos foram consultados na íntegra. São eles: *Do altar para o lar*, *Memórias de um frei Capuchinho*, *Bodas de ouro*

²² NECROLOGIA: Frei Gregório. Franciscanos Capuchinhos – Província do Brasil Central, *Institucional*, Brasília, DF, p.1. Disponível em: <<https://www.capuchinhosrs.org.br/brasilcentral/institucional/necrologia/outubro>>. Acesso em: 17 jul, 2023.

²³ O frei da paróquia, Frei Gregório, costumar fazer suas refeições na casa, assim também lá deixava sua batina surrada e bem empoeirada em função das andanças nas fazendas e chácaras para arrecadar prendas e construir a matriz de Fátima. A igreja, até hoje, ostenta-se altaneira e bela, feito uma garça branca, e está localizada à rua Flávio de Matos, nº. 537. (ALVES, Gregório P. A Batina do Vigário. *Correio do Estado, Suplemento Cultural*. Campo Grande – MS, ano 65, n. 20.459, p. 6, 20 e 21 jan. 2018)

sacerdotais – De frei Gregório de Protásio Alves, *O peregrino das veredas do Senhor, Pingos e respingos, Pingos e respingos 2, Cancelas da vida, A Invernada*.

Além dos livros escritos pelo religioso, foram examinados textos escritos por terceiros: *Frei Gregório de Protásio Alves – Um homem de Deus em Campo Grande*, escrito por Reginaldo Alves de Araújo²⁴, no ano de 2004, quatro anos antes do falecimento do frade; e *Frei Gregório de Protásio Alves: Missionário Popular*, escrito pelo frei Alfredo Sganzerla, em 2001. Nos dois casos, os livros são obras de caráter memorialista que buscam enaltecer a figura do frei Gregório, colocando-o como um ser privilegiado, um escolhido de Deus para promover o bem e a paz, simbolizando a perfeição do moral, principalmente na cidade de Campo Grande-MS, onde viveu por mais de 40 anos²⁵.

As imagens acerca do frei Gregório presentes nas obras do escritor Reginaldo e do frei Alfredo são muito parecidas, isto é, têm como grande expoente suas virtudes cristãs e apostólicas. As obras abordam assuntos diversos, como a predileção do religioso para a vida religiosa e o sacerdócio, as relações com lideranças política e com famílias ilustres do RS e de MT. São destacados os feitos, o modo de vida, as qualidades espirituais e o bom humor de Gregório, mesmo nos momentos de dificuldades. Nos textos, não há qualquer crítica, erro ou defeito relacionados à sua imagem; são negligenciados também os embates e as colaborações de confrades e terceiros que se relacionaram com o frei Gregório ao longo de sua vida ou em eventos que marcaram a história do capuchinho.

Na dissertação intitulada “*Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em mato grosso do Sul*”, Carlos Amarilha demonstra como os intelectuais do Mato Grosso vão construir a identidade e a história do Mato Grosso do Sul após a divisão do Estado, em 1977. Ele mostra o papel dos escritores memorialistas da ASL e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS), todos eles dedicados à tarefa de engrandecer a vida da elite regional, glorificar discursos, destacar datas importantes, honrar famílias, políticos, artistas, padres e bispos aliados ao poder de mando político e cultural do estado. Gregório e Reginaldo são escritores da ASL, ou seja, fazem parte do seletto grupo dos homens de letras de MS. As

²⁴ Reginaldo Alves de Araújo é bacharel em Teologia e licenciado em Educação Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), e formado em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). É o atual presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). Segundo o autor, o livro sobre o Frei Gregório é fruto de uma intensa pesquisa, realizada a partir do relato de dezenas de simpatizantes do Frade e de crônicas publicadas nos Jornais, Correio do Estado e Primeira Hora. (ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *Frei Gregório de Protásio Alves – um homem de Deus em Campo Grande*. Campo Grande, MS: Associação de Novos Escritores de Mato Grosso do Sul, 2004. p. 4).

²⁵ *Ibid.*, p. 7.

obras produzidas pelo frade e por Reginaldo Araújo integram, do mesmo modo, um conjunto de escritos que têm como objetivo reforçar a identidade regional, escritos que buscam,

[...] criar e estabelecer os heróis, o hino, o epônimo, o gentílico entre outros símbolos culturais para o estado de Mato Grosso do Sul. Evidentemente, instituído de concordância com a elite dominante do estado. Nesse sentido, os homens de letras de Mato Grosso do Sul constroem heróis, mitos, acontecimentos e fatos. Para serem cultuados, adorados, lembrados, idolatrados e amados. Portanto, tentam estabelecer identidades que devem ser homenageadas e homogeneizadas por todos os sul-mato-grossenses²⁶.

Nessas obras, de forte cunho histórico, os autores tentam impor uma versão “verdadeira” dos fatos narrados, mas esquecem, silenciam e manipulam outras memórias. Assim, preocupando-se apenas com os grandes feitos, acabam ocultando outros agentes sociais, também sujeitos-protagonistas nas comunidades em que religioso passou e ajudou a construir. Como afirma o historiador Jacques Le Goff, a memória coletiva é um instrumento de disputa e de manipulação nas relações entre os grupos sociais. Segundo o autor,

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva²⁷.

As publicações sobre o frei Gregório, assim, buscam enaltecer a história da Ordem capuchinha e da Igreja local a partir de uma perspectiva apostólica e conservadora. Contudo, a utilização das obras é válida pela grande quantidade de fontes documentais trazidas, embora sem critérios críticos ou informações sobre a origem dos documentos. Nesse sentido, busco construir uma história utilizando as mesmas fontes, mas indo além da memória, do discurso elitista dos grandes heróis e dos santos, exercendo, em contrapartida, o ofício do historiador, como afirmado por Le Goff: aquele que transforma memória em história.

O segundo frade que mais escreveu sobre sua vida e suas ideias foi o frei Luís Maria. Ele tinha formação diocesana e recebera o título de Monsenhor²⁸ antes de entrar na Ordem

²⁶ AMARILHA, Carlos Magno Mieres. *Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul*. 2006. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados. p. 176.

²⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão *et al*, Campinas, SP, Unicamp, 1990. p. 422.

²⁸ Título honorário concedido pelo papa a um padre, mediante solicitação de seu bispo.

capuchinha. Antes de ser frade, foi cura da catedral de Uruguaiana-RS, mas saiu da diocese depois de embates com o bispo diocesano e parte do clero da diocese de Uruguaiana, diante da possibilidade de ser missionário entre os indígenas²⁹.

Frei Luís Maria escreveu três livros: *Togno Brusfratic* (1941), um livro de literatura sobre uma família de imigrantes italianos; *Polêmicas* (1956), obra em que combate religiões e filosofias contrárias à fé católica; e *Horas de combate* (1937), livro que reúne diversos artigos escritos por Luís Maria, quando ainda era monsenhor, e combate o que denomina ser seitas acatólicas e demoníacas. A publicação teve mais de 7 edições e foi elogiado pelo secretário do Papa Pio XII, G.B. Montini, futuro Papa Paulo VI³⁰.

A reunião de relatos dos vários frades em busca da construção de uma história da ordem religiosa impõe uma versão oficial, mas que não conta com a participação de outros indivíduos, além dos religiosos, que atuaram no processo de expansão na região, como, por exemplo, os leigos, responsáveis por dar abrigo e auxílio aos frades, sem cuja contribuição a expansão seria praticamente inviável.

Além disso, as memórias sobre a história da ordem religiosa foram obtidas principalmente nos periódicos, sendo produzidas para reafirmar a identidade capuchinha. A análise dessas memórias deve, assim, levar em consideração sua complexidade, pois, segundo Le Goff,

É um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia [...]. A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder³¹.

Neste sentido, deve-se ainda considerar as minúcias do trabalho com a memória e suas limitações. Pollack, cita diversos cuidados com a análise de um documento que remonta as memórias de uma história de vida, especialmente a seletividade:

A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de

²⁹ MAZZAROLLO, Isidoro. *Frei Luís Maria Liberali, missionário e sertanista*. Porto Alegre, RS, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983. p. 20 e 21.

³⁰ *Ibid.*, p. 83, 84 e 85.

³¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão *et al*, Campinas, SP, Unicamp, 1990. p. 476.

organização³².

A fundamentação teórica foi organizada segundo algumas vertentes de estudo. Bibliografias referentes ao contexto de Igreja na região de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tais como as pesquisas de Marin³³, Ponciano³⁴ e Castilho³⁵ foram consultadas, além de outros títulos, bibliografias auxiliares, para relacionar a expansão da ordem e o processo de reformas católicas, os planos de expansão da Igreja do Brasil, das dioceses de Corumbá e de Campo Grande, e a atuação dos frades. Segundo Manoel (2000), o processo de reforma sofreu mudanças que marcariam a postura da Igreja Católica nos anos pós 1950. A respeito, esclarece que

O catolicismo viveu uma fase de transição do Ultramontanismo para um outro tipo de catolicismo, uma fase em que muito do Ultramontanismo clássico sobrevivia na doutrina e na prática da Igreja, mas que outras práticas – a atuação do laicato e seu maior engajamento junto a população e seus problemas, por exemplo – acabaram por forçar as mudanças doutrinárias e até teológicas que se manifestaram fortemente na Igreja pós conciliar, na esquerdização de arte significativa do catolicismo e na teologia da libertação na América Latina³⁶.

Outro aspecto a ser identificado são as singularidades da sociedade mato-grossense, características de uma área fronteiriça, com conflitos e negociações indenitárias, a partir dos trabalhos de Galetti³⁷ e Corrêa³⁸. Nesse caso, foram examinados os relatos escritos dos primeiros frades, para compreender o sistema simbólico, social e religioso na qual estavam inseridos. Para tratar da história cultural, recuperou-se o conceito de representação de Roger

³² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 3, p. 4, 1989.

³³ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e "desacontecer" da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Editora UFMS, 2009.

³⁴ PONCIANO, Nilton Paulo. *Fronteira, Religião, Cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial da cidade de Fátima do Sul/MS (1943-1965)*. 2006. 231 f. 2006. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Letras e Ciências de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP.

³⁵ DE CASTILHO, Maria Augusta. História, memória e identidade dos 50 anos do bispado em Campo Grande-MS. In: XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História, 2007, São Leopoldo, RS, *Anais ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História*, 2007, p. 2.

³⁶ MANOEL, Ivan A. *O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)*. Maringá, PR, Eduem, 2004, p. 143.

³⁷GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá, MT, Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

³⁸ CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e fronteira: o Sul de Mato Grosso, 1870-1920*. Campo Grande, MS, Editora UCDB, 1999.

Chartier (1991), autor que demonstra como as representações coletivas e as identidades sociais são importantes para

Exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe³⁹.

Outro conceito utilizado é o de *governabilidade*. Segundo Foucault, trata-se de uma abordagem analítica que se concentra no estudo das práticas, técnicas e racionalidades empregadas pelos governos para governar a sociedade e suas populações. A governabilidade não se refere apenas ao governo como uma instituição específica, à ICAR ou ao Estado, mas a uma variedade de dispositivos e mecanismos utilizados para direcionar, regular e influenciar o comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais. Envolve a forma como o poder é exercido para moldar a conduta das pessoas e, ao mesmo tempo, como os próprios indivíduos são conduzidos a se governar de acordo com certas normas e valores sociais⁴⁰.

Nesse contexto, Foucault afirma que o governo não se restringe a um poder repressor ou coercitivo, mas se manifesta através de diversas técnicas de governabilidade. Essas técnicas incluem a regulamentação de práticas, a criação de normas e políticas, o desenvolvimento de tecnologias de controle, a administração da população, a gestão de recursos, a produção de conhecimentos específicos e outros. A governabilidade também está associada ao conceito de biopoder, que abrange o controle e a gestão da vida coletiva, como saúde pública, natalidade, mortalidade e outros aspectos biológicos e sociais que afetam a população⁴¹. Em síntese, refere-se à diversidade de práticas e estratégias empregadas pelo governo para moldar e direcionar a vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. Essa perspectiva permite analisar o poder e suas manifestações em diferentes contextos políticos, sociais e históricos.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em três capítulos. O primeiro discorre sobre a expansão da Província Capuchinhas de Caxias do Sul para São Paulo e as comunidades de Aparecida do Taboado e de Bataguassu, que faziam parta da diocese de Corumbá. O segundo

³⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, SP, v. 5, n.11, abr. 1991, p. 183.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 143-144.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2009, p. 130.

capítulo aborda o estabelecimento da ordem religiosa em Mato Grosso, as primeiras paróquias, as relações dos frades com as comunidades, e os impasses e as resistências encontradas pelos religiosos nos anos de 1950 e 1964. São exibidas, conforme as fontes disponíveis, algumas das primeiras comunidades onde os frades capuchinhos gaúchos trabalharam, evidenciando o roteiro de expansão na diocese de Corumbá e suas dificuldades para se adaptar a um novo território de missão. A paróquia de Campo Grande integra o terceiro capítulo da pesquisa, focando o trabalho do frei Gregório de Protásio Alves para consolidação da ordem religiosa na cidade que, hoje, é capital do Mato Grosso do Sul. Finalizo a dissertação ilustrando o que motivou a mudança de foco de trabalho e de sede custodial para Brasília, a nova capital do país.

I – O CONTEXTO DA EXPANSÃO DA PROVÍNCIA DE CAXIAS DO SUL

A circunscrição Capuchinha de Caxias do Sul foi proclamada província no ano de 1942, depois de 50 anos da chegada dos missionários capuchinhos franceses ao Estado do Rio Grande do Sul. Em 1896, os freis oriundos da Província de Saboia, na França, passaram a atuar na então diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, convidados pelo bispo D. Claudio José Gonçalves Ponce Leão, que necessitava de padres para atender os imigrantes italianos chegados a partir de 1875⁴². Os frades, entretanto, expandiram seu trabalho missionário e consolidaram sua presença entre os imigrantes italianos dos Campos de Cima da Serra e da cidade de Porto Alegre⁴³.

Os capuchinhos foram importantes agentes no processo de reforma católica⁴⁴ no Rio Grande do Sul, como demonstra o frei Vanildo Zugno no livro *Capuchinhos Franceses no Rio Grande do Sul – Presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Eles combatiam os positivistas, maçons, liberais, protestantes e espíritas, vistos como erros modernos e, entrelaçados com o Estado, buscaram ocupar outros lugares e aumentar sua influência religiosa na sociedade. Os superiores da circunscrição religiosa e os bispos

⁴² Em 20 de maio 1875, os primeiros italianos chegaram a Campo dos Bugres (Caxias do Sul). Inaugurou-se, então, o primeiro ciclo imigratório, no Brasil, de 1875 a 1914. Instaram-se no Rio Grande do Sul 84 mil italianos vindos sobretudo da Lombardia, Vêneto e Tirol. O ponto culminante da imigração foi entre os anos de 1884 e 1894, abrangendo cerca de 60 mil italianos; número, contudo, que diminuiu gradativamente com o cancelamento da concessão de passagem transoceânicas pelo governo republicano (MECOM, Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. *Museu Etnográfico da Colônia Maciel*, Pelotas, RS, 2022. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/museumacieli/imigracao-italiana-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 25 fev. 2022).

⁴³ ZUGNO, Vanildo Luiz. *Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Porto Alegre, RS, ESTEF, 2017. p. 81–82.

⁴⁴ Segundo o historiador Jérri Roberto Marin, a reforma católica está inserida num amplo processo de transformações em curso na Europa, especialmente na Itália, a partir da segunda metade de Século XIX, quando a Sé Apostólica adotou posições defensivas nos vários ramos do conhecimento e do apostolado. Tais posturas, consolidadas pelas encíclicas *Quanta cura* e *Syllabus Errorum*, – condenam, por exemplo, os erros do modernismo, e tinha como tendência reconhecer o Papa como uma autoridade total e infalível. Elas caracterizaram-se também pela acentuada centralização das decisões na Sé Apostólica e na difusão do catolicismo romanizado, com ênfase na ortodoxia católica e suas verdades incontestáveis. No Brasil, a romanização aponta para a reeuropeização conservadora do catolicismo brasileiro, centralizando a gestão do sagrado na Santa Sé e propondo uma reforma em três áreas complementares e simultâneas: a formação intelectual e espiritual do clero; a disciplina eclesiástica; e a intensificação da pastoral junto aos fiéis para purificar a religiosidade popular (MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: Reflexões Provisórias. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.º. 30, 2001, p. 151-152. E MARIN, Jérri Roberto. *Igreja Católica e a romanização: olhares possíveis*. In: Jérri Roberto Marin. (Org.). *Questões de religiões: teorias e metodologias*. 1ed. Dourados: Editora da UFGD, 2013, p. 33-35.).

partilhavam valores como:[...] a crítica ao liberalismo, a visão autoritária do poder que dispensa a participação popular, o apelo à ordem e à moral como garantes da convivência em sociedade⁴⁵.

O trabalho dos frades, assim, se expandiu para outras áreas de atuação social, como escolas, capelarias, jornais e paróquias, conquistando espaços em diferentes territórios, fora da influência imigrante, entre os brasileiros. O frei Rovílio resume o processo de expansão jurídica da circunscrição, suas posses materiais e a quantidade de frades da seguinte forma:

*A Missão refúgio São Francisco de Assis tornou-se Comissariado Provincial em 1902 e Custódia Provincial do Rio Grande do Sul em 1939. Desde 1906, foi consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, por especial devoção do frei Bruno de Gillonnay, traduzida, aliás, num pequeno e precioso livrinho dedicado aos confrades da missão, *Vers le Coeur de Jésus*. Ao ser proclamada *Província*, em 1942, contava com seis conventos, uma residência, um seminário diocesano, em Caxias do Sul, quatro capelarias, um jornal, 24 paróquias, 83 sacerdotes, sendo nove franceses, 53 clérigos filósofos e teólogos, 27 irmãos não clérigos e 18 noviços⁴⁶.*

Apesar de Costa afirmar que o comissariado foi elevado a Custódia no ano de 1939, oficialmente, na revista *Pax et Bonum*, a mudança é datada no ano de 1937⁴⁷. Posteriormente, a Custódia foi desmembrada da Província de Saboia, em 1942, passando a se chamar *Província*

⁴⁵ ZUGNO, Vanildo Luiz. *Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Porto Alegre, RS, ESTEF, 2017, p. 148.

⁴⁶ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 801.

⁴⁷ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano LXVI, Caxias do Sul, RS, n. 230, out. 2018. p. 17.

do *Sagrado Coração de Jesus do Rio Grande do Sul*⁴⁸, com sede na cidade de Caxias do Sul⁴⁹. Segundo o frei Rovílio, a emancipação foi acelerada devido à Segunda Guerra Mundial, quando as comunicações entre a província da Saboia e a custódia gaúcha foram interrompidos pelo conflito e, a partir daí, a Circunscrição teve que se reorganizar e andar com as próprias pernas⁵⁰.

A província capuchinha do Sagrado Coração de Jesus de Caxias do Sul foi a primeira circunscrição oficializada como província na América Latina. Seu primeiro provincial, nomeado pelo Definitório Geral⁵¹, foi o frei José Cherubini (Humberto Cherubini), custódio gaúcho desde o ano de 1937, natural de Bento Gonçalves-RS. A província era constituída em sua maioria por frades brasileiros. O aumento do número de frades⁵², contudo, permitiu a construção de novas paróquias e o investimento, de forma expressiva, no campo de

⁴⁸ A devoção de frei Bruno de Gillonnay ao Sagrado Coração de Jesus contribuiu para que o nome da nova província fosse adotado. O frei Bruno de Gillonnay (Adrien-Charles-Propre Bellier) havia sido o fundador da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, um dos primeiros candidatos matriculados na École Séraphique (Escola Seráfica) de La Roche-Sur-Foron (França), inaugurada em 6.6.1875, iniciativa da Província de Saboia. Depois que ingressou no noviciado, recebeu o hábito religioso em 1.5.1876, professou no dia 1.5.1877 e fez os votos solenes em 21.11.1880. Foi ordenado sacerdote no dia 19.12.1885. Exerceu seu ministério, nos primeiros anos, na Missão de Ghazir no Líbano, como professor e diretor dos estudantes de teologia e filosofia. Enviado para a Missão do RS, juntamente com o frei Leão de Montsapey e o frei Raphael de La Roche, celebrou o Natal de 1885, no navio, em Rio Grande-RS. No dia 18.1.1896, os três Frades Capuchinhos chegaram em Conde d'Eu (atual Garibaldi). Registra-se essa data como da Fundação da Província do RS. Trabalhou como missionário. Organizou, em 1898, a primeira Escola Seráfica (Seminário), em Garibaldi, para acolher vocações nativas. Implantou a Ordem em terras gaúchas, abriu novas frentes de trabalho e assumiu paróquias. Foi também Reitor de Seminário Diocesano de Porto Alegre e primeiro Comissário Provincial. Permaneceu na Missão até outubro de 1924, quando regressou à França. Em 1925, foi eleito Primeiro Definidor da Província de Saboia. No mesmo ano faleceu o Provincial. Frei Bruno, então, assume o Governo Provincial e, em 1926, realiza a visita canônica aos Frades do Rio Grande do Sul. Falece no dia 4.11.1938, aos 79 anos, em Chambéry, onde está sepultado, no jazigo dos Missionários Capuchinhos Saboianos. (NECROLOGIA: Frei Bruno de Gillonnay. Franciscanos Capuchinhos – Província Sagrado Coração de Jesus, Institucional, Caxias do Sul, RS, p.1. Disponível em: <<https://www.capuchinhosrs.org.br/caprs/institucional/necrologia/novembro>>. Acesso em: 28 fev. 2022).

⁴⁹ O nome dado a circunscrição sofreu três alterações. Foi fundada como *Província do Sagrado Coração de Jesus do Rio Grande do Sul*, com sede em Caxias do Sul. Poucos dias após a fundação, o definitório geral determinou que o nome oficial fosse alterado para *Província de Caxias do Sul*. No ano de 1964, o definitório geral, mais uma vez, determinou a mudança de nome para *Província do Rio Grande do Sul* (ACCRS, Arquivo da Cúria dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. *Ata do primeiro encontro do definitório da nova Província*. Livro de Documentos de 1942, Caxias do Sul, RS, 1942, p. 13).

⁵⁰ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996. p. 803.

⁵¹ Grupo de frades conselheiros que ajuda o Provincial a organizar e tomar decisões na Província.

⁵² A *Lista das famílias da Província capuchinha do Sagrado Coração de Jesus*, de 1946, traz um aumento expressivo no número de frades e de formandos após o fim do triênio de oficialização como província: eram 110 frades sacerdotes, 28 frades leigos e 78 formandos (postulantes, noviços e pós noviços) (ACCRS, Arquivo da Cúria dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Carta Circular do M. R. Pe. Alberto de São Marcos de Caxias – 11 de fevereiro. Livro de Documentos de 1946, Caxias do Sul, RS, 1946, p. 17 – 24).

comunicação social –imprensa, televisão e rádio –, uma nova necessidade na evangelização da ICAR nos anos 1950 e 1960.

O crescimento da província chamou a atenção da cúria geral⁵³, que designou frades da nova província para cargos importantes no Brasil e na América Latina, solicitando, inclusive, o auxílio de alguns religiosos na formação de uma nova província em Portugal:

Assumindo 16 novas paróquias, e assumindo, em Caxias do Sul, a direção do Seminário Diocesano. Em Porto Alegre, aceitou a capelania do Hospital Itapoã; construiu o novo convento de Flores da Cunha, adquiriu a área e construiu o de Marau e também o Seminário de Ipê. No período da Segunda Guerra Mundial, prevendo a desvalorização monetária investiu o fundo das bolsas de estudos na aquisição da granja Fátima. Como comissário, também foi responsável pela consolidação do *Staffeta* Riograndense, adquirindo, em 1927, o *II Corriere d'Italia*, de Bento Gonçalves. Não fosse esta decisão, o *Staffeta* teria desaparecido⁵⁴.

Os períodos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o pós-guerra trouxeram, porém, novos desafios estruturais, políticos, econômicos e sociais para o Brasil e para o mundo. O maior conflito militar da história exigiu a reconstrução das sociedades, a mudança do pensamento e das estruturas político-econômicas. A guerra, assim, impôs à sociedade e à Igreja Católica novos paradigmas explicativos e uma nova racionalidade⁵⁵. No Pontificado do Papa Pio XI (1922 – 1939), a Santa Sé promoveu mudanças em suas relações diplomáticas, convocando, por exemplo, os leigos a trabalhar, tendo em vista a necessidade de recristianizar a sociedade:

As ações de Pio XI pautando-se em políticas internacionais de acordos e concordatas entre a Igreja e os Estados, na busca de garantir direitos aos católicos e de aumentar a participação da Igreja na vida social. Para isso, introduziu a catequese nas escolas, incentivou a Ação Católica e a conseqüente participação dos leigos na Igreja, bem como ampliou as festividades religiosas⁵⁶.

⁵³ Fraternidade em que o Ministro Geral, superior geral da Ordem, reside com os seus conselheiros.

⁵⁴ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano LXVI, Caxias do Sul, RS, n. 230, out. 2018, p. 374.

⁵⁵ SOUZA, Rogério Luiz de. *A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)*. 2001, 257 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001. p. 13.

⁵⁶ SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II*. 2016, 245 f. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Ciências e Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2016. p. 45.

A aproximação com a sociedade tornou-se mais ampla no Pontificado do Papa Pio XII (1939-1958). Ele defendeu um novo posicionamento da Igreja e preocupou-se com as ações políticas e com o engajamento pastoral, buscando transformar a realidade, seja conscientizando o povo de seu protagonismo na democracia representativa, seja humanizando o capitalismo liberal. Pio XII também admitiu que a democracia era a mais justa forma de governo para a sociedade civil, mesmo sendo ela um dos frutos do liberalismo (sistema longamente condenado pela Igreja Católica)⁵⁷.

No pós-guerra, foi proposto pela recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) o chamado Desenvolvimento de Comunidade (DC)⁵⁸. No mesmo período teve início a Guerra Fria (1947-1991), um conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em que ambas as potências buscavam conquistar hegemonia política, econômica e ideológica. Em um mundo, então, polarizado, a ONU uniu-se aos Estados Unidos para impedir a expansão do bloco socialista, uma vez que os dois consideravam que os países e as populações menos favorecidas estavam mais vulneráveis às propagandas comunistas que as sociedades abastadas.

No Brasil, o DC surgiu em um momento de transição, entre o fim do regime ditatorial, o Estado Novo (1937 - 1945), e a primeira experiência de democracia no país (1946-1964)⁵⁹. A ICAR, que havia sido aliada de Getúlio Vargas desde o golpe de 1930⁶⁰, precisava adaptar-se ao novo terreno democrático e aos novos anseios da Santa Sé. O episcopado brasileiro, de maneira mais combativa e mais consciente no campo social nas décadas de 1950/1960,⁶¹ tendo

⁵⁷ *Ibid.*, p. 47.

⁵⁸ O Desenvolvimento de Comunidade é um processo pedagógico, técnico-metodológico, empreendido pela recém-criada ONU, em 1945, com o apoio dos EUA, para atuar junto às comunidades menos favorecidas pelo mundo. O DC é considerado um processo de cooperação social, ou seja, suas ações têm a participação social como elemento central e leva em conta os interesses e as necessidades de toda a população, visto que ela ocupa o mesmo espaço. O processo exige esforços do próprio povo que, unido às suas autoridades governamentais, busca melhorar as condições econômicas, sociais e culturais das comunidades, de integrar essas comunidades à vida nacional e de capacitá-las para contribuir plenamente com o progresso do país. (AMMANN, Safira. B. *Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil*. 9ª ed. São Paulo, SP, Cortez, 1997. p. 29-32).

⁵⁹ FERREIRA, Jorge. 1946–1964: a experiência democrática no Brasil. *Revista Tempo*, Niterói, RJ, v. 14, n. 28, 2010. p. 17.

⁶⁰ BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo no Brasil em época de transição*. São Paulo, SP, Edições Loyola, 1974. p. 83.

⁶¹ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil República*. Cem Anos De Compromisso 1889-1889. Estudos & Debates Latino-Americanos, São Paulo, SP, Edições Paulinas. 1991. p. 141.

um maior protagonismo frente às questões sociais no contexto político de Guerra Fria, desenvolveu uma nova linha de pensamento e de ação denominada por Souza de *Teologia do Desenvolvimento*⁶².

Na Teologia do Desenvolvimento, a ICAR colocava-se como ponta de lança na criação de uma nova sociedade, uma nova cristandade, em que o trabalho comunitário e o solidarismo cristão passavam a ser os responsáveis por atrair o progresso e o crescimento econômico. Pós um período de guerra, a Igreja mostraria um caminho para o fim das divisões sociais e dos conflitos de classe, a *Ação Católica*⁶³, movimento que traria a verdadeira democracia, em consonância com o Estado e homens de bem, guiados por uma moral natural:

O Estado, por isso, deveria estar ligado àquelas instituições que diziam estar autorizadas a representar os valores dos cidadãos e legitimavam a ação estatal. Portanto, o que importava à solução da crise da civilização e à edificação da vida social e política dos povos era verificar que a sociedade e, especialmente, a estrutura de Estado dependeriam naquele momento do catolicismo como arauto e portador legítimo das virtudes e dos valores humanos⁶⁴.

Segundo Souza, o projeto de reforma social da ICAR tinha o desejo de totalidade. Assim, deveria haver o controle e o processo de adaptação da pessoa aos grupos sociais em

⁶² SOUZA, Rogério Luiz de. Ética católica e capitalismo: Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, 2010, v. 70, p. 379.

⁶³ A Ação Católica é um movimento leigo da Igreja Católica que busca ativamente a participação dos fiéis na sociedade, integrando a fé à vida cotidiana, e contribuindo para a transformação social. O surgimento e desenvolvimento desse movimento foram influenciados por importantes encíclicas, como a "*Rerum Novarum*", emitida pelo Papa Leão XIII, em 1891, que abordou questões sociais e econômicas, defendendo os direitos dos trabalhadores. Outras encíclicas relevantes incluem a "*Quadragesimo Anno*" de Pio XI, a "*Mater et Magistra*" de João XXIII e a "*Gaudium et Spes*" do Concílio Vaticano II. A Ação Católica também atua em diferentes ramos, como a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Rural Católica (JRC), entre outros, cada um focalizado em uma área específica da sociedade. Papas como Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, Pio X, Pio XI e Pio XII, juntamente com teóricos leigos, estabeleceram o grande projeto católico de sua época: recuperar o lugar central da igreja e, com ele, o controle sobre a sociedade como um todo. A estratégia elaborada para atingir esse objetivo estava alinhada com a razão subjacente ao declínio de prestígio da Igreja naquele período: a secularização da sociedade. Nesse contexto, a Cúria Romana considerava necessário realizar um movimento inverso, ou seja, a recristianização da sociedade. A ideia era que, uma vez recristianizada, a sociedade, desde seus líderes até seus membros mais simples, automaticamente, restabeleceria a Igreja no centro, e a voz do Papa voltaria a ser o comando firme para guiar a humanidade ao porto seguro da salvação (MANOEL, Ivan Aparecido. *Ação Católica Brasileira: notas para estudo. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, PR, v. 21, p. 207-215, 1999).

⁶⁴ SOUZA, Rogério Luiz de. Ética católica e capitalismo: Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, 2010, v. 70, p. 390.

vista de uma concepção comunitária alicerçada na harmonização e na homogeneização de valores extemporâneos, entendidos, todavia, como transcendentais⁶⁵.

Nesse processo de controle e instrumentalização do meio social para os interesses da ICAR, a PCCXS deu uma contribuição importante para a Igreja do Rio Grande do Sul: os frades investiram em novos meios de comunicação social e na ampliação⁶⁶ do jornal *O Correio Riograndense*. O periódico, que estava sobre o controle dos capuchinhos gaúchos desde 1917, ganhou um novo nome e se tornou num dos principais meios para difundir a *Teologia do Desenvolvimento*, combater as religiões e ideologias concorrentes e expandir o catolicismo no Sul do país⁶⁷.

No início da década de 1950, a ordem capuchinha investiu nas emissoras de rádio. As primeiras emissoras de AM da PCCXS foram fundadas nas cidades gaúchas de Lagoa Vermelha (Rádio Cacique), Soledade (Rádio Cristal), Garibaldi (Rádio Garibaldi) e Veranópolis (Rádio Veranense). Citando o Papa Pio XII, na inauguração da Rádio Difusora Cacique, em Lagoa Vermelha, o ministro provincial, frei Basílio, alertava para a necessidade de comunicação com o mundo moderno:

O Papa Pio XII, comentando os males da era atual, dizia: ‘E tempo de sacudir o sono letárgico. Todos os bons e os que tem solicitude pelo destino do mundo devem reconhecer-se e cerrar fileiras. A Igreja quer que os seus filhos trabalhem com meios os mais eficazes na difusão do bem. Hoje, parece estranho, é possível reedificar e construir também com a rádio, justamente por causa da sua extraordinária eficácia de penetração e da sua imensa capacidade de difusão. A rádio é um dos meios de transmissão de ideias que hoje pode falar mais diretamente e mais eficazmente aos contemporâneos. Se ela for purificada, santificada, será um fator entre as ‘*res creatae*’ que mais pode auxiliar o apostolado católico. A rádio é um bem e talvez um dos bens mais significativos que hoje se encontra nas mãos do homem. Diante desta imensa possibilidade de doutrinação que a Província oferece a terceira rádio, a

⁶⁵ SOUZA, Rogério Luiz de. Ética católica e capitalismo: Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, 2010, v. 70, p. 395.

⁶⁶

Observando as cartas circulares da PCCXS é possível notar o aumento no número de assinantes e a ampliação da estrutura física do jornal *O Correio Riograndense*. No ano de 1947, no governo do frei Alberto Stawinski, o periódico contava com 18.000 assinantes; pouco tempo depois, no ano de 1950, estava com quase o dobro, 30.000 assinantes, e permanecia “chovendo de novas assinaturas”. As missivas mencionam também uma reforma estrutural para se adaptar ao aumento da concorrência, com a circulação de outros jornais, e garantir a expansão do jornal, buscando atingir um novo público, além das regiões coloniais. (ACCRS, Arquivo da Cúria dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. III^o Carta Circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos de 12 de janeiro de 1947, p. 4. III Carta Circular do Ministro Provincial Venâncio de Alfredo Chaves de 06 de janeiro de 1950. Livro de Documentos de 1946, Caxias do Sul, RS, 1946, p. 7).

⁶⁷ VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)*. Porto Alegre, RS, EdiPUCRS, 2008, p. 11.

Província, solicita em atender até os mínimos desejos do Santo Padre, adquiriu mais uma rádio. Trata-se da rádio CACIQUE de Lagoa Vermelha. Temos, portanto, em nossas mãos quatro rádios-difusoras, Rádio ‘Cristal de Soledade, rádio ‘Garibaldi, rádio ‘Veranense’ e rádio ‘Cacique’. Estas quatro emissoras ligadas em cadeia serão a voz potente do Batista a levar aos céus do Brasil a doutrina do reino de Deus⁶⁸.

Assim, nas décadas de 1940 e 1950, os frades da PCCXS mobilizaram meios para concretizar os anseios da Santa Sé e da hierarquia eclesial brasileira, de acordo com o modelo proposto pelo DC e pela *Teologia do Desenvolvimento*. Os freis, dialogando com o mundo moderno, tentaram adaptar-se às transformações sociais, culturais e políticas provocadas pela expansão do capitalismo e pelo avanço das novas tecnologias. Investiram, como referido, em novos meios de comunicação social, aumentando o alcance institucional da circunscrição, avançaram fronteiras geográficas e fixaram-se em novos campos de missão.

1.1 O início da expansão para o noroeste paulista

Dado o crescimento expressivo e o sucesso da nova província capuchinha de Caxias do Sul (PCCXS), o ministro geral, frei Clemente de Milwaukee (William Neubauer), nomeou alguns frades para trabalhos importantes na Europa, no Brasil e na América Latina. Com isso, um grupo de frades da PCCXS foi solicitado pela Cúria Geral Capuchinha para trabalhar na formação de religiosos em Portugal, então Comissariado Geral de Portugal. Assim, no ano de 1945, estando a circunscrição da cidade do Porto, que contava com 30 formandos, noviços e pós-noviços sem formadores em seu seminário, foi requerida a presença dos frades brasileiros. O frei José Cherubini, em janeiro de 1945, ficou responsável pela nomeação dos frades, e os primeiros enviados foram os freis Amadeu de Caxias (Antônio Semin) e Cirino de Getúlio Vargas (João Primon), em fevereiro de 1946⁶⁹.

Frei José Cherubini tinha funções importantes, além do governo da província do RS. Desde 1942, ele ocupava o cargo de conselheiro no chamado Comissariado Geral das Américas⁷⁰. Após terminar o seu governo como provincial do RS, em 18 de dezembro de 1945,

⁶⁸ ACCRS, Livro de Documentos de 1946. VIIIº Carta Circular do Ministro Provincial Basílio de Bragança de 28 de outubro de 1956, p. 16.

⁶⁹ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS, EST, 1996, p. 678-679.

⁷⁰ O Comissariado Geral da América do Sul foi criado como instrumento de ligação entre Europa e América no período da Segunda Guerra mundial. Foi presidido por frades da Argentina, Rio Grande do Sul e Chile. No período, o frei Pascual de Pamplona (Argentina) atuava como Comissário Geral; o frei José Cherubini (Brasil) como

foi nomeado Visitador Geral⁷¹ da Bahia e de São Paulo, tendo como seu secretário o frei Caetano de Monte Belo (Marcelino Angheben). Esse, por sua vez, atuando como conselheiro no governo provincial desde 1942, fora o primeiro sacerdote nativo da circunscrição do RS⁷². Em 26 de julho de 1946, o frei José foi nomeado pela Cúria Geral a Comissário Geral do Equador e Colômbia, enquanto, frei Caetano de Monte Belo em julho de 1947, a comissário da custódia provincial de São Paulo⁷³.

A passagem de frei José Cherubini e frei Caetano de Monte Belo por São Paulo marcou o início do caminho dos frades gaúchos para São Paulo e, posteriormente, para Mato Grosso. Com isso, abriu-se também um período de desavenças e acusações entre as duas circunscrições. Porém, são poucas as publicações que tratam do período citado e as que o fazem resumem os embates em “dolorosas discussões e conflitos”⁷⁴, “razões diversas, evitáveis, com certeza, modificaram a caminhada dos Capuchinhos do RS que deixaram o Estado de São Paulo”⁷⁵, “as relações não eram favoráveis e as tensões determinaram o término da permanência dos frades gaúchos no território paulista”⁷⁶.

primeiro conselheiro e o frei Mateo de Huarte (Chile), o segundo conselheiro (PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano LXVI, n. 230. Caxias do Sul, RS, out. 2018. p. 17).

⁷¹ O ministro geral, no tempo de seu mandato, deveria visitar todas as províncias da ordem pelo mundo. Não sendo possível, poderia designar outro frade, um visitador geral, para tal função. Os superiores provinciais também deveriam fazer visitas a todas as fraternidades de suas circunscrições e no final de cada visita era necessário a elaboração de um relatório. Era uma forma de observar o cumprimento da regra por parte dos frades e fraternidades, além de mostrar o andamento da ordem dentro de seus três pilares: a vida de oração, a vida fraterna e a vida pastoral. CONSTITUIÇÕES CAPUCHINHAS de 1925, nº 218, 219 e 220.

⁷² O Comissariado Geral da América do Sul foi criado como instrumento de ligação entre Europa e América no período da Segunda Guerra mundial. Foi presidido por frades da Argentina, Rio Grande do Sul e Chile. (PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano LXVI, n. 230. Caxias do Sul, RS, out. 2018. p. 380).

⁷³ ACCRS, Livro de Documentos de 1946. VIº Carta Circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos de 11 de fevereiro de 1946, p. 1.

⁷⁴ ZAGONEL, Carlos Albino. *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre, RS, EST, 2001.p. 366.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 268.

⁷⁶ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano XL, n. 147. Caxias do Sul, RS, out. 1992. p. 209.

1.2 Disputas por território e poder entre províncias capuchinhas no território de São Paulo

Nenhum documento ou publicação traz o(s) motivo(s) da cizânia entre os frades das duas províncias e nem o(s) motivo(s) da saída dos frades gaúchos das terras paulistas. No entanto, a obra *Memória Histórica da Província dos Capuchinhos de São Paulo*, escrita pelo frei paulista Odair Verussa, em 2020, retrata a presença dos frades gaúchos em São Paulo como “invasores”. Ele argumenta, diante da ausência de fontes, que a migração gaúcha tinha acontecido graças “a decisão arbitrária dos frades gaúchos que aqui estavam com o apoio dos bispos do oeste paulista para entregar-lhes paróquias”⁷⁷.

Para elucidar os motivos da saída das terras paulistas, o “Relatório sobre o caso paulista”, produzido pelo frei Hilário Frighetto, em março de 1993, representou uma significativa fonte. Trata-se de um apanhado de documentos sobre o período da permanência dos frades da província de Caxias do Sul no território de São Paulo. O relatório, de 25 páginas, reuniu um conjunto de cartas, datilografadas e xerocópias. São correspondências trocadas entre os frades do RS, de SP, do Ministro Geral da Ordem, de bispos de São Paulo e das dioceses de Corumbá e Campo Grande, escritas em latim, italiano e português.

Na missiva que abre o relatório, observa-se que a tarefa do frade gaúcho era levantar informações junto a pessoas e instituições sobre a passagem dos capuchinhos por São Paulo, com o objetivo de auxiliar na escrita de uma nova história dos capuchinhos, por ocasião do centenário de fundação, em 1996. Segundo frei Hilário Frighetto, os documentos trazidos no relatório foram encontrados em pesquisa realizada por ele, entre os dias 18 e 19 de março de 1993, no arquivo da província Imaculada Conceição em São Paulo (Província Capuchinha de São Paulo – PROCASP).

1.2.1 A visita geral a São Paulo

Novas instâncias de governo e de organização foram criadas diante das dificuldades enfrentadas pela ordem capuchinha no contexto da Segunda Guerra mundial. Os frades da América do Sul organizaram, neste contexto, um Comissariado Geral com as lideranças dos provinciais da Argentina, Chile e Rio Grande do Sul, para facilitar a troca de informações e a divulgação das decisões tomadas pelos superiores dos capuchinhos.

⁷⁷ VERUSSA, Odair. *Memória Histórica da Província dos Capuchinhos de São Paulo*. São Paulo, SP, Província Imaculada Conceição dos Capuchinhos de São Paulo, 2020. p. 576-577.

Alguns meses após o fim da guerra, em 18 de dezembro de 1945, na província da PCCXS, chegou ao fim o governo do frei José Cherubini, e um novo ministro provincial foi eleito, o frei Alberto de São Marcos (Victor Stawinski). No dia 8 de abril de 1946, houve eleições para definir o novo governo geral dos capuchinos, e o frade americano Clemente de Milwaukee (William Neubauer) assumiu a posição de Ministro Geral, estando entre os seus conselheiros o frei Pascual de Pamplona, provincial da Província Capuchinha da Argentina⁷⁸.

As mudanças no governo da PCCXS foram supervisionadas e aprovadas pelo frei Pascual de Pamplona⁷⁹ que, além de conselheiro do governo geral da ordem religiosa, tinha a função de comissário geral na América no Sul e Central. Por sua influência, foram escolhidos os freis José Cherubini e Caetano de Monte como visitador e secretário para São Paulo e Bahia. Posteriormente, nos embates entre os frades do Sul e de São Paulo, em uma carta de protesto de um frade paulista, o frei Pascual é mencionado como “amigo interessado dos riograndenses”⁸⁰.

Entre os meses de abril a junho de 1946, durante a visita de rotina, os frades do Comissariado de São Paulo foram surpreendidos com a notícia de que os frades gaúchos haviam sido nomeados para visitar os comissariados de São Paulo e da Bahia, consideradas as "duas províncias mais prósperas custódias do Brasil"⁸¹. Apesar da inesperada presença dos frades gaúchos, surgiram algumas possíveis razões para uma supervisão mais rigorosa das atividades na província paulista.

Frei Fidélis, nesse ínterim, cita uma “reforma religiosa”⁸², a qual, segundo ele, não teria alcançado êxito. Na obra do frei Odair Verussa, por sua vez, observa-se a denúncia de dois frades rigoristas da custódia paulista, acusados de “deslizes” na vida religiosa, bem como a necessidade de correção. Tal fato pode também ser compreendido como mais um motivo de

⁷⁸ ACCRS, Livro de Documentos de 1946, II carta circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos – 31 de maio de 1946, p. 8.

⁷⁹ ACCRS, Livro de Documentos de 1946, I Carta Circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos – 11 de fevereiro de 1946, p. 1.

⁸⁰ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto. Carta de frei Fidélis de Primério (ex-custódio paulista) ao Procurador Geral da Ordem – 29 de abril de 1952, p. 9.

⁸¹ ACCRS, Livro de Documentos de 1946, II carta circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos – 31 de maio de 1946, p. 8.

⁸² ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto. Carta de frei Fidélis de Primério (ex-custódio paulista) ao Procurador Geral da Ordem – 29 de abril de 1952, p. 9.

discórdia entre os frades e o superior da Custódia, o frei Plácido Descalvado (Bruno Santo Bruschetta)⁸³. Outro possível motivo para a visita seria a necessidade de averiguar a situação da Custódia paulista, em face da decisão da Cúria Geral de separá-la da província mãe, a Província Capuchinha de Trento,⁸⁴ na Itália, separação que aconteceu três anos mais tarde, em 1950.

O relatório enviado pelo frei José Cherubini para a Cúria Geral que informava sobre a situação da Custódia Paulista, contudo, apresentou uma “avaliação positiva” sobre a circunscrição e sua organização. O documento foi enviado no dia 12 de julho de 1946, pelo frei Hilário, que resume o relatório da seguinte forma: são três páginas de relatório com considerações altamente positivas⁸⁵.

1.2.2 O governo da Custódia paulista na gestão de frei Caetano de Monte Belo

Ainda em julho de 1946, o frei José Cherubini foi escolhido pela Cúria Geral para ser Comissário Geral para o Equador e Colômbia⁸⁶ e o frei Caetano, seu secretário, retornou a PCCXS, onde fora novamente denominado conselheiro e tinha a função de lente de moral⁸⁷ e capelão do colégio dos Irmãos Maristas em Garibaldi/RS⁸⁸.

Em 12 de julho de 1947, um telegrama da Cúria Geral anunciou a mudança de status político da custódia paulista: de Custódia, ela passou a ser um Comissariado, ou seja, a circunscrição que antes era de responsabilidade dos frades da Província de Trento agora estava sob a tutela

⁸³ VERUSSA, Odair. *Memória Histórica da Província dos Capuchinhos de São Paulo*. São Paulo, SP, Província Imaculada Conceição dos Capuchinhos de São Paulo, 2020, p. 576.

⁸⁴ A Custódia de São Paulo, hoje Província Capuchinha da Imaculada Conceição de São Paulo, tem sua origem nas missões capuchinhas solicitadas por D. Pedro II, no período Imperial, para catequizar os povos indígenas e colaborar com o governo. (Ver mais em: AZZI, Riolando. Os Capuchinhos e o movimento brasileiro de reforma católica do século XIX. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 35, n. 123, p. 139-308, 1975).

⁸⁵ ACCRS, Relatório do frei Hilário de Frighetto, Carta do frei José da Bento Gonçalves ao Definidor Geral – 12 de julho de 1946, p. 1.

⁸⁶ ACCRS, Livro de Documentos de 1947, VI carta circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos – 12 de julho de 1947, p. 1.

⁸⁷ O "lente de moral" era uma figura presente nos seminários católicos, especialmente durante o período em que os seminários eram estritamente controlados pela Igreja Católica. O lente de moral tinha a função de ser um monitor da moralidade e conduta dos seminaristas. Sua responsabilidade principal era fiscalizar e garantir que os seminaristas seguissem os preceitos morais e éticos da Igreja, bem como as regras e normas do seminário.

⁸⁸ ACCRS, Livro de Documentos de 1947, Lista das famílias da Província capuchinha do Sagrado Coração de Jesus de 1947. – 15 de abril de 1947, p. 1-5.

da Cúria Geral, circunscrita em Roma⁸⁹. O frei Caetano de Monte Belo passava a ser o novo superior custodial. Foram nomeados também novos conselheiros, entre eles, como primeiro conselheiro, estava o frei Plácido Descalvado, último superior eleito da Custódia em 1942 e reeleito em 1945.

São, porém, poucas as informações sobre o governo de frei Caetano enviadas ao Comissariado de São Paulo, de 1947 a 1950. O relatório do frei Hilário traz uma ata de reunião⁹⁰ do conselho da Comissariado Paulista, de 1949. O documento mostra que existia um acordo, desde 1948, entre o conselho do Comissariado e o monsenhor Vitor Ribeiro Mazzei, então vigário capitular da diocese de Cafelândia, sobre a possibilidade de os frades assumirem uma comunidade na recém fundada cidade de Dracena⁹¹. Ao final da ata é mencionado, inclusive, o fato de o novo bispo de Cafelândia, D. Henrique Gelain⁹², concordar com a vinda dos capuchinhos para a cidade, pois tinha relações de amizade com os frades gaúchos.⁹³

No dia 15 fevereiro de 1950, o frei Caetano de Monte Belo, em nome do conselho do Comissariado Paulista e com a assinatura do frei Plácido Descalvado, enviou uma carta ao frei Agatângelo de Langanó, primeiro conselheiro do governo Geral dos capuchinhos, informando que a cúpula do comissariado estava “plenamente de acordo” com a entrega da paróquia de Dracena e região para os capuchinhos riograndenses:

O conselho desta custódia está plenamente de acordo, seja entregue aos capuchinhos riograndenses a paróquia de Dracena e toda aquela região para

⁸⁹ ACCRS, Livro de Documentos de 1947, VI carta circular do Ministro Provincial Alberto de São Marcos – 12 de julho de 1947, p. 1-2.

⁹⁰ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Atas das reuniões do conselho do Comissariado de São Paulo - 30 de novembro de 1949, p. 4.

⁹¹ Dracena tornou-se oficialmente município de São Paulo através da Lei Estadual n.º 233 de 12/04/1948, por meio de uma proposta apresentada pelo deputado estadual Ulisses Guimarães, que o desmembrou de Gracianópolis (atualmente Tupi Paulista). Ao ser desmembrada, o município era composto de três distritos: Dracena, Jaciporã e Ouro Verde. A instalação oficial ocorreu em 4 de abril de 1949. (PREFEITURA DE DRACENA. Site Oficial. História do Município Dracena, SP. Disponível em: <https://www.dracena.sp.gov.br/portal/servicos/1001/historia-do-municipio/>. Acesso em 16 de junho de 2022).

⁹² Nasceu aos 12/06/1910, em Nova Pádua, então 4º distrito de Caxias do Sul-RS. Ingressou no seminário em São Leopoldo, em 1923. Foi ordenado sacerdote em 28/10/1935, em Porto Alegre, por D. João Becker, depois bispo, em 10/12/1944, em Antônio Prado-RS, cidade onde atuava como pároco. Em janeiro de 1945, tomou posse em Cajazeiras-CE. Em 22 de agosto de 1948 assumiu a Diocese de Cafelândia (atualmente Lins-SP) onde trabalhou até março de 1964. (DESPERTAR ÉTICO. Necrologia. *Revista eclesialística brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 54, n. 214, 1994. p. 498).

⁹³ O bispo Henrique Gelain nasceu na cidade de Nova Pádua, em 1910, então distrito de Caxias do Sul, território de colonização italiana e assistida pelos frades capuchinhos.

que lá eles possam prestar sua atividade apostólica e desenvolver o seu ministério à vontade [...]. Nossa custódia não pode atender a esta solicitação. Em agosto de 1949 o Bispo auxiliar D. Paulo loureiro disse que tem 15 paróquias a criar. Entregará aos capuchinhos quantas quiserem. Faltam pessoas⁹⁴.

A carta do conselho elencava três motivos básicos para a entrega de territórios aos frades gaúchos: O primeiro era a dificuldade do clero secular de São Paulo frente ao número de habitantes do Estado; o segundo, a boa relação do povo com os capuchinhos de São Paulo, e de acordo com a missiva, a estima pelos paulistas seria uma vantagem para os gaúchos. Por fim, destacou-se o respeito ao bispo de Cafelândia e o seu convite para receber um corpo de missionários capuchinhos. O documento terminava afirmando que a oferta de D. Henrique Gelain tinha sido um “presente do céu”⁹⁵.

Em abril de 1950, a Cúria Geral solicitava a exposição dos limites geográficos da Nova Custódia que deveria ser criada⁹⁶. Em 21 de dezembro do mesmo ano foi criada a Custódia Noroeste de São Paulo, desmembrada do Comissariado de São Paulo, estando sobre o controle da PCCXS e tendo como nomeado superior o frei Caetano de Monte⁹⁷.

1.2.3 A separação do território paulista (comissariado custodial de São Paulo e Custódia do Noroeste paulista)

A carta circular da PCCXS que informava a criação da nova custódia felicitava D. Henrique Gelain e o frei Caetano pela expansão institucional no Oeste Paulista, também exaltava os ganhos econômicos possíveis do território a ser explorado:

Campo Vastíssimo, onde poderá ser fundada uma prospera província. Sob o aspecto material não podia ser melhor; para o Oeste de São Paulo vale o que diz do tão famoso Alto Paraná. Terrenos fertilíssimos, plantações de café e algodão a perder-se de vista⁹⁸.

⁹⁴ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Caetano de Monte Belo ao Comissário Geral da Ordem (frei Agatângelo de Langan), p. 4-5.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 5.

⁹⁶ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Caetano de Monte Belo ao Comissário Geral da Ordem (frei Agatângelo de Langan), p. 4-5.

⁹⁷ ACCRS, Livro de Documentos de 1951, Vº Carta Circular de frei Venâncio de Alfredo Chaves – 07 de março de 1951, p. 8-9.

⁹⁸ *Ibid.*

Ao assumirem as primeiras comunidades em São Paulo, os frades gaúchos abandonaram outros campos de missão no Rio Grande Do Sul, como a diocese de Uruguaiana, e convocaram o retorno dos frades que estavam em Portugal. Como referido, havia sido enviado ao menos um grupo de frades da PCCXS, sendo o primeiro em 1946, para auxiliar na formação de novos frades, em Portugal. De forma geral, o abandono da missão foi descrito como resultado das dificuldades encontradas, como a diversidade cultural, formativa e geracional das diferentes províncias portuguesas. Além da PCCXS, outras cinco circunscrições contribuíram no processo formativo, em Portugal: Castela, Andaluzia, Navarra, Catalunha e São Paulo⁹⁹.

Assim, a primeira leva de frades da PCCXS foi enviada para São Paulo em março de 1951, sendo composta por cinco frades: frei Inácio de Alfredo Chaves (Pedro Curtarelli), frei Pio de Alfredo Chaves (Baptista Ampílio Boschetto), frei Demétrio de Encantado (Antônio Polês Zanchetta), Gervásio de Alfredo Chaves (Francisco Ferronato) e Protásio de Alfredo Chaves (Celeste Ferronato). O frei Caetano, superior do Comissariado de São Paulo, já se encontrava em São Paulo¹⁰⁰.

Os frades gaúchos começaram a ocupar o novo território a partir de Dracena/SP, em 1951. Os freis Rovílio Costa e o frei Luís A. De Boni usaram metade das páginas em que apresentavam a questão paulista, no livro “*Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*”, para elencar cronologicamente as comunidades assumidas pelos frades e suas funções nessas comunidades. São assumidas paróquias na chamada Alta Paulista, ou Noroeste Paulista¹⁰¹, dos anos de 1951 a 1955. São ao todo 12 comunidades: Dracena, Gracianópolis, Junqueirópolis, Penápolis, Glicério, Votuporanga, Birigui, Coroados, Pompéia, Tupi Paulista, Pereira Barreto e General

⁹⁹ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 670 e 682.

¹⁰⁰ ACCRS, Livro de Documentos de 1951, Vº Carta Circular de frei Venâncio de Alfredo Chaves – 07 de março de 1951, p. 9.

¹⁰¹ A região do Noroeste Paulista tinha grande potencial econômico. Em meados da década de 1950, a pecuária extensiva teve uma ampliação em sua produção na região devido ao aumento do preço da carne no mercado nacional, que incentivava os produtores a investirem na formação de pastagens. [...] O período do pós-guerra foi dominado no [...] âmbito agrícola, pelo novo ciclo de valorização dos preços externos do café, que se abriu com a ampliação do comércio mundial do produto a partir de 1946. Essa valorização externa do produto se estendeu até 1961, quando se iniciaram os acordos internacionais, levando muitos produtores a seguirem pela produção cafeeira, servindo como grande atrativo para os produtores da região. Esse potencial econômico trazia novas populações em busca de subsistência e melhor condições de vida. (ROSAS, Celbo Antônio da Fonseca. *A cafeicultura no contexto da agropecuária no extremo Noroeste Paulista*. 2002. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Assis, SP, 2002, p.40 – 43, 91).

Salgado; nos anos de 1954 e 1955, os frades assumem outras duas comunidades em Mato Grosso, Bataguassu e Aparecida do Taboado¹⁰².

Tabela 1: Ocupação do território Noroeste de São Paulo pelos Capuchinhos da PCCXS – Parte A

PARÓQUIA	ANO DE OCUPAÇÃO	FRADES E FUNÇÕES NAS COMUNIDADES
Dracena	1951 a 1955	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Caetano Angheben (superior e pároco – 1951-52) • Frei Pio Boschetti (vigário paroquial – 1951) • Frei Gervásio Ferronato (vigário paroquial – 1951-52/ pároco– 1953-55/ guardião - 1955) • Frei Protásio Ferronato (vigário paroquial – 1953) • Frei Ernesto Zambonin (irmão não clérigo – 1954-55) • Frei Roque Costella (vigário paroquial e guardião – 1954) • Frei Archimedes Balottin (vigário paroquial – 1955)
Gracianópolis	1952 a 1953	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Pio Boschetti (pároco – 1952-53)
Junqueirópolis	1952 a 1955	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Justino Dotti (pároco – 1952-54/ superior da zona -1953-55)
Penápolis	1952 a 1953	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Casemiro Zaffonato (superior -1952/ pároco– 1952-53) • Frei Caetano Angheben (superior – 1953) • Frei Bernardino Vian (diretor das missões paulistas – 1952-1953) • Frei Orestes Reginato (vigário paroquial e capelão da Santa Casa e do ginásio -1953-53) • Frei Eusebio Ferreto (missionário – 1952-53) • Frei Lauro Reginato (missionário – 1952-53) • Frei Lourenço Armiliato (vigário paroquial – 1953) • Frei Jacinto Ferri (missionário – 1953) • Frei Ernesto Zambonin (irmão não clérigo – 1953)
Glicério	1952 a 1953	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Luiz Maria Liberali (pároco – 1952-53)

Fonte: DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS Est Edições, 1996. p. 686 e 687.

¹⁰² DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS, Est Edições, 1996, p. 686 e 687.

Tabela 2: Ocupação do território Noroeste de São Paulo pelos Capuchinhos da PCCXS – Parte B

PARÓQUIA	ANO DE OCUPAÇÃO	FRADES E FUNÇÕES NAS COMUNIDADES
Votuporanga	1953 a 1955	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Gregório Bonatto (pároco – 1953-55/ superior – 1954-55) • Frei Eliseu Mencatto (vigário paroquial – 1953-54) • Frei Roque Costella (vigário paroquial – 1955)
Birigüí	1951 a 1953	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Demétrio Zanchetta (pároco – 1951-53/ superior -1952-53) • Frei Inácio Curtarelli (vigário paroquial – 1951) • Frei Protásio Ferronato (vigário paroquial – 1951-52) • Frei Nicásio Muraro (vigário paroquial – 1952) • Frei Roque Costella (vigário paroquial – 1953) • Frei Raymundo Simoneto (vigário paroquial – 1953)
Coroados	1953	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Nicásio Muraro (pároco – 1952)
Pompéia	1954 a 1955	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Caetano Angheben (superior regional e vigário paroquial – 1955-55) • Frei Eusébio Ferreto (pároco - 1954-55) • Frei Bernardino Vian (diretor das missões paulistas – 1954-1955) • Frei Lauro Reginatto (missionário – 1954-55) • Frei Alceu Richetti (missionário – 1954) • Frei Protásio Ferronato (missionário – 1955)
Tupi Paulista	1954 a 1955	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Pio Boschetti (pároco – 1954-55) • Frei Lourenço Armiliato (vigário paroquial -1954-55/ guardião – 1955)
Pereira Barreto	1954 a 1955	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Nicásio Muraro (pároco – 1954-55/ guardião - 1955) • Frei Protásio Ferronato (vigário paroquial – 1954) • Frei Otávio João Simionato (vigário paroquial – 1955)
General Salgado	1954	<ul style="list-style-type: none"> • Frei Casemiro Zaffonatto (pároco – 1954)

Fonte: DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre: Est Edições, 1996. p. 686 e 687.

As cidades citadas faziam parte de quatro dioceses¹⁰³: a diocese de Cafelândia¹⁰⁴, criada em 1926, a diocese de Assis¹⁰⁵, de 1928, a diocese de São José do Rio Preto¹⁰⁶, de 1929 e a

¹⁰³ VERUSSA, Odair. *Memória Histórica da Província dos Capuchinhos de São Paulo*. São Paulo, SP, Província Imaculada Conceição dos Capuchinhos de São Paulo, 2020, p. 582.

¹⁰⁴ Em 21 de junho de 1926 foi criada a diocese de Cafelândia por bula do Papa Pio XI, a partir do desmembramento da diocese de Botucatu. Em 27 de maio de 1950, porém, a sede da diocese foi transferida para o município de Lins executando a bula “*Apostolicis Sub Plumbo Litteris*”, quando, então, recebeu a denominação atual de Diocese de Lins, e teve D. Henrique Gelain como primeiro Bispo. Dois anos depois cedeu parte de seu território para que fosse criada a Diocese de Marília. Em fevereiro de 1964 o território foi novamente desmembrado para que fosse criada a Diocese de Bauru, o que voltaria a se repetir trinta anos depois por ocasião da criação da Diocese de Araçatuba. CHENEY, David M. *Catholic Hierarchy, Diocese of Lins*. Site *Catholic Hierarchy* ORG. Disponível em: <https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dlins.html>. Acesso em 22 jul. 2022.

¹⁰⁵ A diocese de Assis foi criada pelo Papa Pio XI, por meio da Constituição Apostólica “*Sollicitudo universalis Ecclesiae*”, de 30 de novembro de 1928, a partir de território desmembrado da então Diocese de Botucatu. CHENEY, David M. *Catholic Hierarchy, Diocese of Lins*. Site *Catholic Hierarchy* ORG. Disponível em: <https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dlins.html>. Acesso em 22 jul. 2022.

¹⁰⁶ Criada em 25 de janeiro de 1929, pelo Papa Pio XI. Só recebeu o seu primeiro Bispo um ano depois da nomeação do mesmo, em 1930. D. Lafayette Libânio esteve à frente da Diocese de 1930 a 1966. CHENEY, David M. *Catholic Hierarchy, Diocese of Lins*. Site *Catholic Hierarchy* ORG. Disponível em: <https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dlins.html>. Acesso em 22 jul. 2022.

diocese de Marília¹⁰⁷, criada em 1952. No decorrer dos anos de 1951 a 1955 passam pelo Noroeste paulista 24 frades capuchinhos gaúchos. Observa-se uma transitoriedade de funções e de tempo de ocupação dos frades nas paróquias. Alguns frades moraram em mais de três comunidades, no período citado, ocupando funções diferente em cada uma.

1.2.4 A saída dos frades gaúchos de São Paulo

Na primeira carta citada no relatório do Frei Hilário Frighetto, datada do mês de setembro de 1951, destacam-se críticas sobre a divisão do Comissariado e a vinda dos frades gaúchos para São Paulo. As principais críticas foram escritas por Frei Fidélis Motta, ex-custódio paulista (de 1938 a 1942), e outros três frades da mesma circunscrição, endereçadas ao Ministro Geral. Em dezembro, o Procurador e Comissário Geral, Frei Agatângelo de Langasco, enviou questionamentos aos quatro conselheiros e ao Comissário paulista, eleitos em 1950¹⁰⁸, sobre sua opinião quanto à separação do território do Comissariado.

O relatório do frei Hilário Frighetto não apresenta as cartas enviadas, mas reúne algumas cartas respostas. A carta resposta do primeiro conselheiro, frei Marcos Maria de Alvares, por exemplo, defende a entrega das paróquias aos paulistas:

Considerando o bem da Ordem, sou do parecer e o meu voto é que aquele campo de apostolado volte para este nosso Comissariato Provincial'. Os irmãos do RS podem ir para Goiás. Nós ficamos forçados a trabalhar mais. É a forma de extinguir o azedume que o caso criou entre nós e os do RS¹⁰⁹.

O segundo conselheiro, frei Eugênio Maria de Conchas, também defendia o retorno do território cedido aos gaúchos para os paulistas. Nesse caso, ele apontou nove razões para reestabelecer os limites territoriais antigos. Os motivos englobavam desde a tristeza dos frades paulistas com a divisão e a desavença criada com a divisão entre os frades das duas circunscrições até a má relação entre paulistas e gaúchos, tanto dos frades quanto do povo. O

¹⁰⁷ A Diocese de Marília foi criada pelo Papa Pio XII, por meio da Bula Apostólica “*Ad Episcoporum múnus*”, em 16 de fevereiro de 1952, sendo totalmente desmembrada da Diocese de Lins (antiga Diocese de Cafelândia) e teve como primeiro Administrador Apostólico D. Henrique Gelain (12 de outubro de 1952 - 21 de março de 1954). D. Hugo Bressane de Araújo assumiu a diocese como Administrador Apostólico em 21 de março de 1954, sendo empossado como Bispo Diocesano em 07 de outubro do mesmo ano. D. Hugo esteve à frente da Diocese de 1954 a 1975. CHENEY, David M. *Catholic Hierarchy, Diocese of Lins*. Site *Catholic Hierarchy* ORG. Disponível em: <https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dlins.html>. Acesso em 22 jul. 2022.

¹⁰⁸ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, p. 6.

¹⁰⁹ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta resposta do frei Marcos Maria Alvares ao Procurador frei Agatângelo de Langasco – Taubaté/SP - 26/12/1951. p. 6.

frei também reclamava da parcialidade do frei Caetano na questão e afirmava que das dioceses em que os frades gaúchos se instalaram, apenas D. Henrique Gelain desejava a permanência dos frades, estando, os demais, contra. Por fim, afirmou que havia outros territórios onde os sul-rio-grandenses poderiam trabalhar¹¹⁰.

O terceiro conselheiro, frei Mansueto de Jaboticabal, mostrou-se o mais crítico à divisão do Comissariado ao afirmar que teria sido “*consultado quase todos os frades do Comissariato a respeito da Nova Custódia*”¹¹¹ e que todos foram unânimes no desejo de retornar a conjuntura anterior. O frei considerava o processo de divisão feito às pressas e sem consulta aos frades paulistas; além disso, insinuou a má intenção de frei Caetano e de D. Henrique Gelain no processo. Ele também ressaltou a surpresa e a tristeza que os frades paulistas estavam passando com a situação e, por fim, reclamou da suspensão de relações com a Província Capuchinha de Trento e da perda da comunidade de Penápolis-SP, vista como o “berço de todo apostolado e suores antigos dos Padres”¹¹².

O último conselheiro, frei Manoel de Seragnano, ao se submeter às decisões hierárquicas dos superiores, aceitou a decisão. Porém, os freis se mostraram “ofendidos” com sua postura, diante da perda de territórios eclesiais e de patrimônios:

Habitado a acolher as disposições dos Superiores, ‘de olhos fechados’ pouco pensei sobre a determinação da criação da Custódia do Noroeste. Temo que o retorno diminua a autoridade e que os confrades do RS fiquem ofendidos. Da nossa parte existe uma grave e pública humilhação que suscitou uma íntima amargura e um abatimento geral pelo fato de abandonar lugares que custaram tantos sacrifícios. A Província experimenta grande amargura em assistir esses fatos sem ser consultada. As comunidades estranharam a diferença de modo de tratar dos gaúchos, agravada pela tradicional antipatia que nutrem contra o RS¹¹³.

Dos quatro conselheiros, de fato, apenas o frei Manoel não demonstrava interesse pela retomada da configuração anterior. Na carta resposta do comissário provincial, frei Plácido

¹¹⁰ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta resposta do frei Eugênio Maria de Conchas ao Procurador frei Agatângelo de Langasco – São Paulo/SP - 04/01/1952. p. 7-8.

¹¹¹ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta resposta do frei Mansueto de Jaboticabal ao Procurador frei Agatângelo de Langasco – São Paulo/SP - 29/12/1951. p. 7.

¹¹² ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta resposta do frei Mansueto de Jaboticabal ao Procurador frei Agatângelo de Langasco – São Paulo/SP - 29/12/1951. p. 7.

¹¹³ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta resposta do frei Manoel de Seragnano ao Procurador frei Agatângelo de Langasco – Santos/SP - 28/12/1951. p. 7-8.

Maria de Descalvado, apresenta uma posição diferente, pois ele havia feito parte do conselho de frei Caetano no momento da divisão da circunscrição e, agora, defendia a manutenção da divisão territorial, afirmando que:

Nosso Comissariato não pode atender a região Alto Paulista (entre os rios peixe e feio) que está crescendo muito. Somos 70 sacerdotes, sendo 1 vêneto, 7 trentinos, 1 louco, 2 em Portugal e 2 em Roma. Realmente somos 57. Dos 57, 11 ultrapassaram os 60 anos. Há doentes e incapazes. Há 10 estudantes de teologia e 18 de filosofia. Resta-nos ainda 2/3 dos Estado para trabalhar. Sou do parecer que se deve criar a nova custódia e confiá-la a Província de Caxias do Sul. Queira Deus que venham logo e com muitos sacerdotes¹¹⁴.

Após receber todas as considerações do Comissário e de seus conselheiros, frei Agatângelo enviou uma carta ao Ministro Geral. Nela, entretanto, defendeu que a divisão do território paulista tinha sido consensual por parte do consenso do período, mas afirmou que os frades da circunscrição não haviam sido consultados. Agatângelo não aconselhava a revisão da separação por causa da ausência de frades paulistas para assumir as comunidades na Alta Paulista. Por fim, frei Agatângelo sugeriu a manutenção da situação e falou, inclusive, da necessidade de aumentar o número de frades gaúchos nas novas comunidades¹¹⁵.

Assim, o Ministro Geral, frei Clemente de Milwaukee, no dia 7 de fevereiro de 1952, em carta, ordenou ao frei Plácido que a divisão permanecesse sem alteração¹¹⁶. Esse, por sua vez, agradeceu e afirmou que as relações entre o Comissariado Paulista e a PCCXS eram verdadeiras fraternas¹¹⁷. No entanto, poucos meses depois, frei Fidélis de Primério, ex-ministro custodial de São Paulo, de 1938 a 1942, enviou uma carta a frei Agatângelo criticando a divisão da circunscrição e pedindo a devolução da comunidade de Penápolis¹¹⁸:

Parece muito injusto que eles queiram nosso convento de Penápolis. Aqui estamos há 44 anos. Preparamos e trabalhamos 20 paróquias. É o melhor campo de vocações religiosas [...] dizem que o Rio Grande do Sul tem muitos religiosos. O RS é um campo imenso, maior que São Paulo e tem toda a

¹¹⁴ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta resposta do Plácido Maria de Descalvado ao Procurador frei Agatângelo de Langasco – São Paulo/SP - 24/12/1951. p. 6.

¹¹⁵ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta do frei Agatângelo de Langasco ao Ministro Geral – Montevidéu/UY - 23/01/1952. p. 8.

¹¹⁶ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta do Ministro Geral ao frei Plácido Maria de Descalvado – Roma/IT - 07/02/1952. p. 8.

¹¹⁷ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta do frei Plácido Maria de Descalvado ao Ministro Geral – São Paulo/SP - 17/02/1952. p.8.

¹¹⁸ A comunidade São Francisco de Assis, hoje Santuário São Francisco de Assis, em Penápolis/SP, era uma das comunidades mais antigas do Comissariado Paulista, a presença dos frades na região remontava o ano de 1906.

patagônia e a terra do fogo para evangelizar. Porque querem exigir de nós o que nos custou 40 anos de serviço? ‘ao menos Penápolis, o velho convento nos seja restituído’. No dia 08 de fevereiro, três padres riograndenses apareceram repentinamente em Penápolis e ocuparam o seu convento¹¹⁹.

Na carta, o frei Fidélis criticou o dito “famigerado” frei Caetano de Monte Belo, afirmando ter se instalado na circunscrição paulista uma decadência espiritual, ao contrário de uma dita reforma religiosa. Ele reiterou que a única preocupação do frei Caetano à frente da província Paulista tinha sido introduzir os sulistas em São Paulo, com o auxílio do frei Pascoal Pamplona, um amigo interessado dos riograndenses. A mensagem de frei Fidélis estava, portanto, em total oposição ao fraternismo observado nas relações em paulista e gaúchos e descrito por frei Plácido ao Ministro Geral.

Em maio de 1952, foi eleito em Roma um novo Ministro Geral, o frei Benigno de Sant’Ilario Milanese. Um ano depois, em maio de 1953, a PCCXS iniciou os preparativos para a visita canônica do novo superior geral à Província, que aconteceria no final de 1953 ou no início de 1954¹²⁰. No dia 8 de dezembro de 1953, a Cúria Geral capuchinha enviou um decreto elevando o Comissariado de São Paulo ao grau de Província de São Paulo e convocando um Capítulo para eleger os novos superiores, entre 21 e 22 de dezembro¹²¹. Segundo o *Pró-memória*, de autoria de frei Benigno, a elevação do Comissariado Paulista à província se deu pela maturidade da circunscrição, que, à época, possuía 163 frades professos e 120 seminaristas¹²². No primeiro capítulo provincial de São Paulo foi, então, eleito como primeiro provincial, o frei Anselmo de Moena (Anselmo Domingos Donei), frade de nacionalidade italiana.

O frei Benigno, entretanto, após visitar São Paulo, em dezembro de 1953, e o Rio Grande do Sul, em janeiro de 1954¹²³, foi desfavorável às ambições dos frades gaúchos e à sua

¹¹⁹ Relatório do frei Hilário de Frighetto, p. 16. Carta do frei Fidélis de Primério ao Procurador Geral – Botucatu/SP - 29/04/1952.

¹²⁰ ACCRS, Livro de Documentos de 1953, XIª Carta Circular de frei Venâncio de Alfredo Chaves – 31/05/1953, p. 13.

¹²¹ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, p. 9; ACCRS, Livro de Documentos de 1952, Decreto de frei Benigno de Sant’Ilario Milanese – Roma/IT - 17/02/1952.

¹²² ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Pró- Memória sobre a constituição de uma custódia no Noroeste do Estado de São Paulo. Roma/ IT. 26 de outubro de 1955 – Duas páginas em italiano. Assina: frei Benigno de Sant’Ilario Milanese. n.p.

¹²³ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano I, nº 1. Caxias do Sul, RS, maio 1954. p. 4-5.

permanência na recém fundada Custódia do Noroeste paulista. Os frades gaúchos tentaram, em várias ocasiões, convencer o Ministro Geral pela manutenção da Custódia Noroeste:

Temos a consolação de cientificar à Província que os Superiores tudo envidaram para que o caso fosse solucionado a nosso favor. Disto falamos em Roma por ocasião do Capitulo Geral. Foram dirigidas cartas ao Ministro Geral, ao Definitório Geral, pondo tudo em pratos limpos de maneira que os Superiores Gerais estavam perfeitamente a par de tudo. Na visita canônica voltamos a falar sobre a questão em diversas circunstâncias com o Revmo. Pe. Geral. Em mãos do Definitório Geral estava uma farta documentação para que pudesse resolver o caso como melhor lhe aprouvesse. O Rvmo. Pe. Geral afirmou-nos por diversas vezes, quer por escrito, quer oralmente, que entramos no Estado de São Paulo legal e canonicamente e que em nada podia nos enculpar por termos feito tudo com a devida prudência e trâmites legais¹²⁴.

Apesar dos esforços para manter o controle sobre parte do território paulista, os frades gaúchos foram obrigados a se retirarem e devolverem as comunidades para os paulistas. A determinação foi transmitida a PCCXS em 22 abril de 1954¹²⁵. Segundo o *Pró-memória*, a visita canônica apenas demonstrou o desejo dos frades paulistas de retornar às suas antigas comunidades:

Os freis de São Paulo pediram por unanimidade para poderem retornar ao Noroeste, região de promissoras vocações, e de serem reintegrados seus direitos violados pela forma de processo. O Ministro Geral, de acordo com seu Definitório e munido de necessária faculdade da Santa Sé, depois de haver conferido com as duas Províncias, decretou que os conventos já antes pertencentes à Província de São Paulo no Noroeste retornassem à Província de São Paulo¹²⁶.

A saída dos frades das comunidades do Noroeste paulista deveria, contudo, ser planejada, de modo que não deixasse os fiéis sem assistência. Os religiosos jovens que desejavam entrar na ordem religiosa, naquela região, deveriam ser redirecionados à província de São Paulo¹²⁷. O processo de saída, ao contrário, foi marcado pela animosidade entre os frades das duas Províncias.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 11.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 10.

¹²⁶ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Pró- Memória sobre a constituição de uma custódia no Noroeste do Estado de São Paulo. Roma/ IT. 26 de outubro de 1955 – Duas páginas em italiano. Assina: frei Benigno de Sant’Ilario Milanese. n.p.

¹²⁷ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*. Ano I, nº 1. Caxias do Sul, RS, maio 1954. p. 10

Em fevereiro de 1954, o frei Anselmo de Moena havia recebido uma correspondência pedindo para que não deixassem os gaúchos firmarem o pé em Dracena-SP, cidade que havia dado muito dinheiro a eles¹²⁸. No mês de novembro, o frei Anselmo enviou uma carta cobrando o provincial da PCCXS, frei Venâncio, sobre diversos pontos de desavenças:

Porque ainda fala da Custódia de São Paulo (e não Província)? Porque a Província do RS pede apoio ao Bispo de Marília para criar a Custódia Noroeste de São Paulo (Oferecendo mais padres)? Porque os frades do RS, ao chegarem em SP, se hospedam em residências familiares e não em conventos? Porque o bispo de Marília foi insinuado de que a Província de São Paulo é de italianos que desejam expulsar os nacionais?¹²⁹.

O frei Anselmo também reclamou ao Ministro Geral a presença de frei Caetano de Monte Belo na região Noroeste de São Paulo, afirmando que a separação da antiga Custódia havia vindo dele e sua presença prejudicava o andamento da transição entre gaúchos e paulistas¹³⁰.

Os frades sul-rio-grandenses mostraram-se irritados com a saída de São Paulo, e o frei Basílio Miotti, eleito provincial em 1954, ordenou a saída dos frades de São Paulo de forma célere. Para tanto, escreveu ao frei Anselmo pressionando-o a arrumar frades para as paróquias da região Noroeste o mais rápido possível, ainda no final de 1955¹³¹. Essa saída repentina das paróquias gerou dúvidas e temores por parte dos bispos da região, pois temiam que elas ficassem abandonadas. D. Hugo Bressane de Araújo, bispo da diocese de Marília, empossado em 1954, e D. Orlando Chaves, bispo da diocese de Corumbá, enviaram cartas ao Ministro Geral questionando a saída dos frades gaúchos e ao Núncio Apostólico no Brasil, Armando Lombardi, suplicando ao provincial paulista o envio de frades para as paróquias que ficaram desguarnecidas¹³².

¹²⁸ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Mansueto de Jabuticabal para frei Anselmo de Moena – Roma/IT - 04/02/1954. p. 10.

¹²⁹ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Anselmo de Moena para frei Venâncio de Alfredo Chaves – São Paulo/SP - 22/11/1954. p. 10.

¹³⁰ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Anselmo de Moena para frei Benigno de Sant’Ilario Milanese – São Paulo/SP - 20/01/1955. p. 10.

¹³¹ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Basílio Miotti para frei Anselmo de Moena – Caxias do Sul/RS - 18/12/1955. p. 14.

¹³² ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de Armando Lombardi para frei Anselmo de Moena – Rio de Janeiro/RJ - 19/01/1956. p. 16.

A saída brusca dos gaúchos foi vista pelos freis paulistas como uma manobra política para manipular os bispos paulistas e as autoridades da Igreja em prol da permanência deles da região. Diante disso, Frei Anselmo enviou uma carta ao Ministro Geral reclamando da atitude dos frades de Caxias que saíram às pressas a fim de provocar comoção e desgaste. No entanto, ainda que revoltado pelo modo como saíram, afirmava que o mais importante fora a saída definitiva dos gaúchos de São Paulo:

Recebi hoje carta do Núncio Apostólico. Ao meio dia recebo um telefonema de Dracena dizendo que ‘não há mais nenhum capuchinho naquela zona e que partiram ontem dizendo que tinham recebido ordens do Sr. Bispo’. [...] Quem compreende algo? Não faz mal. Melhor assim. Iremos também no Mato Grosso, se necessário, mas que os gaúchos desapareçam e se verá quem é movido pelo verdadeiro zelo das almas¹³³.

Em abril de 1956, frei Anselmo comunicou o frei Benigno sobre o processo de saída dos frades das comunidades do Noroeste paulista. Ele destacou a forma como as paróquias foram abandonadas e fez referência à reclamação dos fiéis aos frades gaúchos, por suposto roubo de jipes, aparelhos de autofalantes e dívidas adquiridas em nome das comunidades, sem ter dinheiro em caixa para saná-las. Citou também algumas mensagens que foram deixadas pelos frades gaúchos, escritas nas paredes ou em bilhetinhos:

A verdade comum não é que expulsaram missionários e Cina etc. mas os frades, movidos pela inveja, não querem que os confrades trabalhem na imensa messe do Senhor... onde imploram as multidões.’ [...] ‘Os pobres pedem pão..., mas não eram os ingratos capuchinhos que partilham com eles. [...] ‘São Paulo 11 milhões de almas! 70 Capuchinhos. Sem fertilidade. Rio Grande 4 milhões: 184 sacerdotes capuchinhos. [...] ‘Por Trinta moedas de prata vendeste a Caridade e os irmãos’ [...] ‘Por baixo da Barba Capuchinha se comportam como Caim’ [...] ‘Este é o Sepulcro de Abel morto pelos infelizes frades preguiçosos que vivem na Rua Brigadeiro L. Antônio.’ [...] ‘Vingança, meu Senhor, clama minha alma... Choraré a Ordem Seráfica¹³⁴.

As disputas entre os frades paulistas e gaúchos, como se observa, estão envoltas por lutas por vocações, patrimônios, recursos financeiros e territórios. Ambos acusam uns aos outros de serem gananciosos, colocarem a espiritualidade em segundo plano e priorizar os objetivos materiais. Existe, entretanto, uma diferença de ideias pastorais: os paulistas,

¹³³ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Anselmo de Moena para frei Benigno de Sant’Ilario Milanese – São Paulo/SP - 23/01/1956. p. 16.

¹³⁴ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Anselmo de Moena para frei Benigno de Sant’Ilario Milanese – São Paulo/SP - 16/04/1956. p. 18.

catequisados por frades italianos, não tinham a vida paroquial como prioridade, como os frades europeus. Já no Rio Grande do Sul, a PCCXS aceita a administração de paróquias a fim de sanar a escassez de recursos da Província. A falta de frades e paróquias dos paulistas era visto pelos gaúchos como um desperdício, fruto de preguiça e descaso.

1.3 A Viagem para o “Mar Desconhecido Estado De Mato Grosso”

Após a Cúria Geral determinar a desocupação do território paulista, os capuchinhos da PCCXS tiveram que procurar outro lugar de missão. D. Orlando Chaves, bispo de Corumbá, já havia concedido duas paróquias para os capuchinhos gaúchos. Dessa forma, eles assumiram uma comunidade na cidade de Bataguassu, em 05 de janeiro de 1954, e outra na cidade de Aparecida do Taboado, em 27 de fevereiro de 1955¹³⁵. Chaves também enviou uma carta ao Ministro Geral solicitando a permanência dos frades nas duas comunidades e oferecendo paróquias aos capuchinhos gaúchos:

Sou o Bispo da diocese de Corumbá, Estado do Mato Grosso, no Brasil. A minha diocese é a maior e uma das mais abandonadas do Brasil. É diocese só de nome porque é um autêntico território de missão. Há 360 mil km quadrados com 500 mil habitantes. O clero diocesano consta de um sacerdote italiano. Também existem algumas tribos de indígenas a civilizar. A diocese tem só 24 paróquias, todas, tirando uma, são dirigidas por missionários religiosos: salesianos italianos, redentoristas americanos, franciscanos alemães e palotinos brasileiros. Duas paróquias foram confiadas aos freis capuchinhos da província de Caxias do Sul. Há paróquias muito grandes que são tão extensas quanto a Suíça. Como os capuchinhos da província de Caxias do Sul se retiraram do Estado de São Paulo, venho suplicar, por amor de Deus, o reverendíssimo Ministro Geral, que os mande a minha diocese, para formar no Estado do Mato Grosso, uma vice Província dependente do ministro provincial de Caxias do Sul¹³⁶.

O convite do bispo e a necessidade de um novo território para missão fizeram, assim, com que os capuchinhos da PCCXS adentrassem em Mato Grosso e iniciassem a fundação de uma missão. Muitos frades que estavam no Noroeste paulista nunca tinham viajado para Mato Grosso, região compreendida como erma, de vazio demográfico, onde a Igreja Católica ainda não havia chegado.

O frei Otávio Simionato (João Simionato) realizou essa viagem e a relatou por escrito. Ele escreveu um diário a pedido dos frades, buscando preservar a história dos primeiros

¹³⁵ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS, Est Edições, 1996. p. 690.

¹³⁶ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, n.p. e Carta de D. Orlando Chaves para frei Benigno de Sant’Ilario Milanese – Corumbá/MT - 25/01/1956. p.17.

capuchinhos a chegar na região. No relato, escrito em um caderno escolar, ele cita diversos episódios de sua vida, entre eles a chegada ao Noroeste paulista e a Mato Grosso.

1.3.1 Chegada e saída ao Noroeste paulista

Frei Otávio chegou a São Paulo em 1955 para atuar como vigário paroquial na comunidade São Francisco Xavier, em Pereira Barreto - SP. Na ocasião, ele afirmou que “depois de 4 anos de trabalhos apostólicos em todo o interior de Soledade/RS, onde gostava demais, veio a obediência por parte do superior, transferindo me para Pereira Barreto”¹³⁷. No momento da partida, descreveu que a “viagem foi uma epopeia”, engrandecendo os desafios de superação vividos para anunciar o evangelho em outras terras. Lá, trabalhou ao lado do frei Nicácio Muraro, mas eram os anos finais da nova missão.

Pouco depois, no início do ano de 1956, chegou o aviso do fim da missão em Pereira Barreto. Em função disso, foi dada a cada frade a oportunidade de voltar para o Rio Grande do Sul ou adentrar em um novo território de missão, Mato Grosso. O frei Otávio expõe o ambiente de preocupação na época relatando que:

O ano de 1956 foi de muita tensão e preocupação, tensão nervosa de deixar um campo de trabalho tão rico em resultados espirituais e de tanta amizade verdadeira. Preocupação pela incerteza do que estava nos aguardando no desconhecido Mato Grosso. Todos perguntavam: Porque? Vocês vão embora? A resposta foi um tanto evasiva: ‘Deus nos fala através dos superiores’¹³⁸.

Frei Otávio resignou-se, mas aceitou viajar e não deixou de registrar seu temor diante da “incerteza do que estava nos aguardando no desconhecido Mato Grosso”¹³⁹. Era uma decisão que marcaria sua vida e que lhe traria muitos desafios e sofrimentos. Sair de uma região onde a Igreja Católica estava estruturada, tanto em edificações e boas condições de manutenção, como São Paulo, e penetrar em um lugar “desconhecido” foi um desafio que só poderia ser consumado pela hierarquia, acreditando ser aquela uma designação divina.

Relacionando as informações bibliográficas e documentais que tratam da história das províncias de SP, do RS e do Brasil Central nesse período conclui-se que o frei Otávio foi designado para avaliar a viabilidade de estabelecer uma missão em Mato Grosso. Os superiores

¹³⁷ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. [Entre 2006-2012]. p. 10.

¹³⁸ *Ibid.*

¹³⁹ *Ibid.*, p. 10.

já sabiam da necessidade de sair da região de São Paulo, mas frei Otávio parecia não ter conhecimento desse fato.

Nesse contexto, o religioso ainda citou as dificuldades e os benefícios do trabalho na comunidade de Pereira Barreto. Pela falta de outros sacerdotes na região, os freis assistiram também comunidades vizinhas, e na sua concepção “[...] em 2 anos fizemos perto de 5000 batizados”¹⁴⁰. O grande número de sacramentos (confissões, batizados, comunhões e casamentos) revelava o êxito dos trabalhos missionários. E ao ser questionado pelos fiéis o porquê da saída dos frades da cidade, frei Otávio responsabilizou seu superior, afirmando que “[...] o povo do sertão também deseja conhecer mais a Deus”¹⁴¹.

No imaginário dos freis, Mato Grosso era uma “terra de missão”, isto é, lugar em que a presença da Igreja Católica não estava consolidada, embora, no sentido jurídico, a região estivesse sob a jurisdição da *Propaganda Fide*¹⁴². Na literatura brasileira a noção de deserto indica o lugar em que

[...] o sagrado e o profano se encontram e se defrontam, e onde a austeridade do meio aliada à ausência de coações do grupo permitem uma reflexão serena e amadurecida. [...] é lugar árido, mais frequentado pelos animais selvagens que pelos homens, povoado de espíritos, demônios, assombrações. Lugar de refúgio para a expiação de crimes e pecados, de meditação sobre o sentido da vida e do sobrenatural¹⁴³.

Esse imaginário acompanhou os europeus desde sua chegada ao continente americano. Desde o século XVII, o termo sertão foi utilizado em crônicas e registrado em documentos coloniais ao se referir a regiões como o Oeste da América portuguesa, um território habitado por indígenas, entrelaçado por rios e repleto de riquezas minerais.

No decorrer dos anos, a ideia de sertão continuou a indicar áreas do interior do território brasileiro, um lugar visto como austero, desconhecido, desafiador, distante, inculto, misterioso, mítico, aventureiro, vazio e violento. Regiões não integradas à dinâmica capitalista moderna

¹⁴⁰ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012], p. 11.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 11.

¹⁴² MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009. p. 426.

¹⁴³ GALETTI, Lylia S. G. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá, MT, Entrelinhas: EdUFMT, 2012. p. 48.

também eram definidas como sertão, ou seja, eram vistas como um patrimônio do país não explorado, com potencial para alavancar o futuro de uma nação rica e próspera. No século XIX, entretanto, muitos brasileiros que buscavam terras devolutas para se estabelecer deslocaram-se para o sertão do Mato Grosso.¹⁴⁴

Visando o progresso econômico da nação e a ocupação do considerado “vazio” Centro-Oeste do Brasil, o governo Getúlio Vargas inaugurou um novo empreendimento, em 1938, a chamada *Marcha para o Oeste*. O projeto de excursão para os “sertões” contou com a propaganda estatal para conseguir a adesão dos brasileiros na conquista de novas regiões. Vargas desejava promover a ocupação sistemática do território mato-grossense:

O problema da ocupação econômica do nosso território é um postulado da própria criação do Estado Nacional. Estamos fazendo a estruturação dos núcleos básicos do nosso crescimento, não apenas ao longo da faixa marítima, mas abrangendo a totalidade do país. E essa obra, que há de ser o maior título de glória da geração atual, porque significa unir e entrelaçar as forças vivas da Nação, retomou o sentido dos paralelos e renovou o lema bandeirante da Marcha para Oeste. A minha visita ao Mato-Grosso, como a outras regiões centrais do Brasil, revela a ação essencialmente nacionalizadora do novo regime. O vosso estado deixou de ser, felizmente, terra esquecida, feudo eleitoral sem exigências e reduto de infundáveis rixas partidárias. Pelos informes colhidos, verifico quanto tem sido auspicioso o seu desenvolvimento nos últimos anos. E, se o Governo Nacional sempre encorajou as iniciativas que para isso têm concorrido, mas o fará, ainda, quanto maior for o vosso esforço construtivo¹⁴⁵.

O território mato-grossense não se encontrava desocupado; nele já coexistiam diversas etnias indígenas e havia áreas dedicadas à produção de mate e extensas regiões de garimpo de ouro e diamante, propriedades privadas de estrangeiros, constituindo, assim, um cenário complexo e diversificado de populações. O processo de ocupação havia se intensificado após a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), quando a região passou a receber novos contingentes populacionais, visando, agora, uma exploração sistemática capitalista por parte do Estado¹⁴⁶. Vargas, neste sentido, aproveitou a religião como instrumento de controle social e ideológico em um regime de colaboração entre o poder secular e Igreja.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 209.

¹⁴⁵ LIPPI, Lúcia Oliveira. Sinais de modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional- estatismo (1930-1945)*. Rio de Janeiro, RJ, Civilização Brasileira, 2003. p. 59.

¹⁴⁶ LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e centro-oeste*. Campinas, SP, Unicamp, 1986. p. 60.

A aliança entre Igreja e o poder estatal continuou mesmo após o fim do governo Vargas, em 1945, e até aumentou nos anos 1950, com a Igreja permanecendo próxima ao Estado e utilizando suas estruturas e recursos para se firmar e crescer enquanto instituição espiritual/social¹⁴⁷. Dessa forma, junto com os migrantes nos anos de 1950, vieram também para Mato Grosso ordens e congregações religiosas a fim de consolidar a presença da Igreja Católica num contexto de expansão demográfica.

O bispo, D. Orlando, havia convidado várias congregações e ordens religiosas para trabalhar na sua diocese, e defendia políticas colonizadoras, visando atrair cada vez mais migrantes. Essas famílias e missionários católicos iriam executar uma missão civilizadora e, por isso, tinham a responsabilidade de cristianizar a sociedade em toda a sua extensão, assim como superar a escassez vocacional¹⁴⁸.

Os religiosos, no entanto, consideravam a cultura dos mato-grossenses atrasada e inferior, sobreviventes num mundo restrito e isolado, carentes de civilidade e de Deus. Nesse período, o Mato Grosso era representado pelos missionários alemães como terra de

Pessoas infantis, ingênuas, despreparadas, ignorantes, mais próximas à natureza do que da humanidade. [...]Os homens eram preguiçosos, conversadores, desonestos, desatentos, de prole numerosa, vivendo da pesca, sempre fumando e cuspiendo de esguicho. [...] Para eles, a convivência com os mato-grossenses era inútil, pois não tinham nada a ensinar e corriam o risco de regredirem intelectualmente¹⁴⁹.

Por outro lado, pelo isolamento geográfico, o sertão havia preservado as populações dos males da secularização e dos valores da sociedade moderna. Ao iniciar os trabalhos na região, os capuchinhos observaram que a maior parte da população não contava assistência religiosa regular. Além disso, por ser uma região fronteira¹⁵⁰, com grandes distâncias geográficas e dificuldade de comunicação, havia muitas culturas distintas, e a população era regida por

¹⁴⁷ PONCIANO, Nilton. P. *Fronteira, religião e cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul (1943-1965)*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2006. p. 142.

¹⁴⁸ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009. p. 428.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 464 - 465.

¹⁵⁰ Segundo Lylia Galetti, O conceito de fronteira vai além da questão territorial é composto também por uma série de condições que se confrontam-encontram-confundem as temporalidades, ambientes, culturas, etnias, gêneros e estilos de vida distintos. GALETTI, Lylia S. G. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá, MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

valores próprios. Muitos homens, com um estilo de vida singular, mostravam-se dotado de opinião pública pouco afeita às normas institucionais e sentimentos anticlericais¹⁵¹. Por isso, D. Orlando Chaves defendia a vinda de migrantes para cristianizar a região, fundar vilas e cidades, onde seriam criadas paróquias.

A partir dos anos 1950, Mato Grosso passou por transformações econômicas, sociais, políticas, sobretudo com o incremento demográfico. A região recebera migrantes cearenses, pernambucanos, baianos, paulistas e mineiros; posteriormente, também migraram gaúchos, catarinenses e paranaenses. A Igreja Católica, nesse contexto migratório, ultrapassou suas preocupações com as questões religiosas e ocupou também espaços que seriam do Estado, construindo cemitérios, hospitais, escolas, poços artesianos, etc. Contribuiu, assim, para consolidar a política de colonização do governo¹⁵².

1.3.2 O “vizinho mar desconhecido”

A viagem para o dito “território desconhecido” de Mato Grosso já havia sido empreendida por outros capuchinhos antes da chegada de frei Otávio¹⁵³. Porém, o estabelecimento dos capuchinhos começou apenas em 1956, com a fundação oficial da Custódia de Mato Grosso, por decreto do então Ministro Geral, frei Pascoal Rywalski¹⁵⁴. D. Orlando Chaves, como referido, em decorrência da falta de padres na diocese de Corumbá, havia convidado inúmeras ordens e congregações religiosas para se estabelecerem na diocese, entre elas os capuchinhos do Rio Grande do Sul.

¹⁵¹ MARIN, Jérri Roberto. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, PR, ANPUH, Ano III, v. 3, n. 7, maio 2010. p. 115.

¹⁵² PONCIANO, Nilton. P. *Fronteira, religião e cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul (1943-1965)*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2006.

¹⁵³ Em 1824, a primeira presença capuchinha no território deu-se através do frei José de Macerata e seus companheiros. O trabalho mais duradouro na Província de Mato Grosso, entretanto, foi iniciado com a chegada dos freis Mariano de Bagnaia, Antonio de Molineto, Ângelo de Caramonica e Anselmo, entre outros frades, nomeados pelo governo imperial para se dirigirem à província e auxiliar no trabalho com os povos indígenas. SGANZELA, Alfredo. *A história do Frei Mariano de Bagnaia: o missionário do pantanal*. Campo Grande, MS, Ed. FUCMT, 1992, p. 137. 175-233.

¹⁵⁴ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano II, Brasília, DF, n. 2, dez.1983. p. 21.

Os capuchinhos deveriam assumir as paróquias vacantes, sobretudo aquelas que não ofereciam rendas suficientes para manter um único padre¹⁵⁵. D. Orlando estava empenhado em criar novas paróquias e buscar ordens e congregações seculares que assumissem sua administração. A divisão das paróquias mais extensas permitiria melhorar a gestão desses territórios eclesiásticos e assistir e disciplinar as populações de forma mais eficaz.¹⁵⁶

Esse foi o caso das paróquias de Aparecida do Taboado e Bataguassu, comunidades abandonadas pelos religiosos dos frades menores observantes (OFM Obs.)¹⁵⁷ e assumidas pelos frades capuchinhos que estavam no Noroeste de São Paulo. No entanto, Bataguassu foi entregue sem antes ser oferecida aos franciscanos observantes, o que causou um mal estar entre os observantes e D. Orlando¹⁵⁸. Dessa forma, o frei Luís Maria Liberali chegou a Bataguassu no ano de 1954 e o frei Joaquim Dallagnol, em 1955. O frei Basílio de Bragança, então provincial do Rio Grande do Sul, havia pedido ao ministro geral para aceitar o convite de D. Orlando, e foi atendido dado a proximidade com o território já assumido em São Paulo¹⁵⁹.

Em julho de 1956, uma delegação de capuchinhos, sob a liderança dos freis Celestino Dotti e Romualdo Mulinari, foi até Corumbá negociar com D. Orlando e colher dados informativos sobre as condições de trabalho na diocese. No final do ano 1956 e início de 1957 começam a chegar os primeiros missionários para assumir as paróquias prometidas por D.

¹⁵⁵ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS Ed. UFMS, 2009.

¹⁵⁶ Sobre a criação de paróquias como estratégia eclesial para fazer frente à nova situação criada pela separação entre Igreja e Estado e controlar territórios e populações ver: AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 143-170, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882012000100007&script=sci_arttext e SOUZA, Rogério Luiz de. A paroquialização como fenômeno geopolítico e estratégia biopolítica no processo de formação da República no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 78, n. 310. Petrópolis, RJ, 2018, p. 318-342.

¹⁵⁷ A Primeira Ordem Franciscana compreende os religiosos irmãos e clérigos com votos: formam a “Ordem dos Frades Menores” (O.F.M.). A organização moderna dos Frades Menores compreende três famílias ou grupos separados, cada um considerado uma ordem religiosa por direito próprio, sob seu próprio ministro geral e um tipo particular de governo. Todas elas vivem de acordo com um corpo de regulamentos conhecido como Regra de São Francisco. Com o tempo a Ordem dividiu-se em três ramos: Ordem dos Frades Menores Observantes (**OFM. Obs.**); Ordem dos Frades Menores Conventuais (**OFM. Conv.**); Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (**OFM. Cap.**).

¹⁵⁸ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009, p. 319.

¹⁵⁹ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre: Est Edições, 1996. p. 688.

Orlando¹⁶⁰. Em todas as bibliografias que citam o processo de idas e vindas dos missionários, são feitas referências aos doze missionários, isto é, o número de missionários apóstolos de Jesus.

Frei Otávio foi descrito como um dos primeiros apóstolos e, de fato, assim se manifestou: “[...] seja como for, aconteça o que acontecer, é para lá que vamos, Deus nos chama e nos convida e sabemos que haverá de nos acompanhar”¹⁶¹. Em 26 de dezembro de 1956, os freis Otávio e frei Nicásio deixaram a cidade de Pereira Barreto rumo a Mato Grosso, cheios de questionamentos sobre o futuro, dúvidas baseadas num ideário pré-concebido de “sertão”, questionando-se sobre o que encontrariam pela frente:

[...] Um mundo desconhecido com um impacto de interrogação, qual espada eriçada em nossa frente: Que será? Como será? Que gente será? Que condições será? Que vida será? Que trabalho será? Que garantia será? Que coragem será? Que perseverança será? Será que vai dar? Será que vamos rir? Será que vamos chorar? Será que vamos ficar ou será que vamos correr?¹⁶².

A viagem foi empreendida pela ferrovia Noroeste do Brasil, estrada de ferro sob o domínio da Companhia de Estradas de Ferro Noroeste do Brasil (NOB)¹⁶³, que à época contava com apenas metade de sua extensão lastrada com pedras¹⁶⁴. Ela foi descrita como desconfortável e desagradável devido aos mosquitos e o calor escaldante, e nos traçados sem pedras, as nuvens de poeira deixavam os viajantes “pintados” de terra. Situações que despertavam sensações de medo, arrependimento e espanto diante do desconhecido:

Era uma poeira diabólica, um trac trac de sensações inexplicáveis, eu dizia comigo mesmo: onde fomos nos embrenhar? Meu Deus porque não voltei ao Rio Grande do Sul, assim foi noite adentro até a madrugada. [...] Pelas três horas da madrugada apareceram as primeiras luzinhas, ralas muito esparsas e

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 690.

¹⁶¹ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012], p. 12.

¹⁶² SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012], p. 12.

¹⁶³ A construção das primeiras ferrovias da companhia data de 1907 visando, a princípio, “conquistar” e “civilizar” o noroeste de São Paulo. Entretanto, no decorrer dos anos, foi ampliada para a exploração do Estado do Mato Grosso, ligando Bauru-SP a Corumbá-MT, na divisa com a Bolívia, e fazendo integração com a rede ferroviária boliviana até Santa Cruz de La Sierra. Na primeira metade dos anos de 1950 a ferrovia foi finalizada em todos os seus ramais, e em 1956 era um dos principais caminhos de entrada no território mato-grossense (QUEIRÓZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: A E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século XX*. Bauru, SP, Edusc; Campo Grande, MS, Editora, UFMS, 2004. p.53).

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 54.

fracas. Era o anuncio da cidade de Campo Grande. Meu Deus! É Agora! [...] (frei Otávio e frei Nicásio) Olhando um para o outro, nos conhecemos só pelos olhos tamanha foi a poeira na estrada¹⁶⁵.

Assim, destacando sobretudo as adversidades encontradas no caminho, Frei Otávio criou imagens bastante negativas da viagem. Além disso, o sofrimento da viagem sem nenhum conforto se misturou à angústia de não saber o que encontraria após a chegada. Até mesmo o contato com os viajantes significou motivo de tristeza, uma vez que o trem estava superlotado, tornando ainda mais penoso o trajeto. Mesmo assim, eles conseguiram embarcaram em Três Lagoas-MT.

Segundo o relato, grande parte dos viajantes eram “[...] uma rapaziada que iria servir o exército em Campo Grande”. Esses, no decorrer da viagem, ao avistarem “luzes de lampião”, “gritavam: Oh! Matuto – mandioqueiro. Tudo isso imprimia na gente um estado de espírito tão melancólico que não tem explicação”¹⁶⁶. Os risos dos soldados e o testemunho de Simionato atestam como a imagem de sertão ligado a Mato Grosso eram difundidos na sociedade brasileira. A falas eram, quase sempre, preconceituosas, racistas e discriminadoras.

Assim, a viagem foi marcada por más impressões e dificuldades, mas os frades chegam a Campo Grande-MT, nos primeiros dias de janeiro, ainda de madrugada, trazendo na bagagem malas e um automóvel, um Jeep adquirido em São Paulo. A grande questão na chegada era o que fazer, pois eles haviam recebido poucas instruções sobre onde ir, encontrando-se sozinhos em um lugar até então “desconhecido”.

¹⁶⁵ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012], p. 13.

¹⁶⁶ *Ibid.*

II - A INSTAURAÇÃO DA ORDEM CAPUCHINHA NA DIOCESE DE CORUMBÁ

A diocese de Corumbá foi criada em 1910, pelo Papa Pio X (1835-1914), por meio da Bula *Novas Constituire*. Seu território era extenso, abrangia 450.000 km², e pertencia a Província Eclesiástica de Cuiabá. Em 1948, depois de quase quarenta anos de edificação da diocese e poucas mudanças estruturais¹⁶⁷, o bispo D. Orlando Chaves, religioso salesiano, assumiu a diocese¹⁶⁸.

O lema do brasão episcopal utilizado por D. Orlando era “Salvar Almas”, pois ele considerava a diocese uma terra “quase missionária”. Sua posse ocorreu após três anos e meio de vacância, uma vez que a Santa Sé apresentou dificuldades para encontrar um bispo que assumisse sua gestão¹⁶⁹. Desde sua posse, D. Orlando se propôs a reorganizar a diocese, mas o cenário era precário:

A extensão territorial da diocese era de 358.158 km, para aproximadamente 308.500 habitantes, 18 paróquias extensas, duas vacantes, e um clero composto por 60 religiosos estrangeiros, sem seminário diocesano nem residência episcopal. Atuavam na diocese os Salesianos há 50 anos, os Redentoristas há 20 e os Franciscanos há 10 e as Congregações Religiosas

¹⁶⁷ Jéri Roberto Marin, no livro “*A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*”, evidencia como foi difícil o processo de expansão da diocese de Corumbá. Em 38 anos como diocese, o número de paróquias havia aumentado de 5, na sua criação, para 18, quando da chegada de D. Orlando. Além de ser poucas as paróquias, muitas delas passavam longos períodos vacantes por falta de clero. O processo de *paroquialização* ainda estava por ser feito na vasta região da diocese. (MARIN, Jéri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS Ed. UFMS, 2009. p. 132-134, 242, 342-343).

¹⁶⁸ D. Orlando Chaves nasceu em Campina Verde/MG, em 17 de fevereiro de 1900. Era filho do Cel. João Evangelista Chaves e de Matilde Rodrigues Chaves. Ele iniciou o seu processo formativo no colégio salesiano, em Santa Rosa de Niterói, RJ e no dia 10 de julho de 1927, com 27 anos, foi ordenado padre em Turim/IT. Foi o primeiro brasileiro a se tornar Provincial dos Salesianos Nossa Senhora Auxiliadora, do Sul do Brasil, compreendendo casas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como superior, empenhou-se em nacionalizar a Congregação. Em 1939, quando se tornou Inspetor da Província de Nossa Senhora Auxiliadora, desenvolveu ampla campanha vocacional, denominada “campanha de mil vocações”. Era considerado o “apóstolo das vocações” ou “campeão mundial de vocações”. Foi inspetor durante nove anos, período em que o número de seminaristas aumentou significativamente: Em 1940, os noviços eram 20, em 1948 eram 80. Os aspirantes, em 1939, eram 200 e, em 1948, eram 864. D. Orlando também organizou os Cooperadores Salesianos, que de 5.000 membros, em 1940, atingira 30.000 ao término de seu mandato. PICCININI, Bonifácio, *D. Orlando Chaves, SDB Arcebispo de Cuiabá*. Site Salesianos ORG, In Memoriam – Bispos, Cuiabá, MT, Mitra Arquidiocesana, 1982. p. 1-15. Disponível em: <https://salesianosp.org.br/in-memoriam-bispos>. Acesso em: 22 jan. 2024.

¹⁶⁹ MARIN, Jéri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009. p. 342.

femininas Filhas de Maria Auxiliadora, Vicentinas, Franciscanas Irmãs de Jesus Adolescente. O protestantismo, o espiritismo, os cultos afro-brasileiros e a maçonaria estavam difundidos na maioria das paróquias. A população católica era calculada em 287.000 e os pertencentes a outras religiões seriam 21.500. A cúria e a catedral, embora estivessem sob os cuidados dos Salesianos, estavam abandonadas. Ao assumir, pediu hospedagem no colégio Santa Teresa e conseguiu um secretário junto aos Salesianos. A falta de pessoal obrigou-o a empreender inúmeras tarefas, tais como: angariar fundos para construir o seminário, fiscalizar a construção do prédio, realizar campanhas pelas vocações, administrar e gerir os recursos da diocese, realizar o trabalho apostólico e pastoral, além das tarefas administrativas da Cúria. D. Orlando ocupava vários cargos, entre eles, o de vigário capitular e de diretor da Ação Católica e da Liga Eleitoral Católica¹⁷⁰.

A diocese, nesse contexto, enfrentava questões referentes ao incremento demográfico, à criação de novos municípios, ao crescimento da população urbana e ao acirramento da concorrência religiosa e ideológica. Isso porque o processo de ocupação da região foi incentivado pelos governos federal, estaduais e municipais e pela participação de companhias privadas. Essas empresas haviam adquirido grandes áreas do Estado, e a partir do seu loteamento fizeram surgir novas colônias agrícolas, atraindo pessoas procedentes de várias partes do país¹⁷¹.

Na criação da CAND - Colônia Agrícola Nacional de Dourados, em 1948, os governos federal, estadual e municipal, como exemplo, investiram em apelos publicitários e ideológicos para estimular a ocupação e o desenvolvimento das fronteiras¹⁷². Os migrantes chegavam a todo momento, e diante da impossibilidade de prestar assistência religiosa a todos esses novos habitantes¹⁷³, D. Orlando Chaves temia o avanço das religiões concorrentes. O bispo, desse modo enfrentava problemas como a falta de padres e de recursos materiais.

Para suprir a escassez de clero, D. Orlando convidou várias congregações e ordens religiosas para trabalhar na sua diocese, além de criar novas paróquias, escolas, obras assistenciais, a fim de consolidar a presença da Igreja Católica na sociedade. Como o bispo e o

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 342-343.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 405.

¹⁷² ABREU, Silvana. Ocupação, Racionalização e Consolidação do Centro-oeste brasileiro: O Espaço Matogrossense e a Integração Nacional. In: MARIN, Jéri Roberto e VASCONCELOS, Cláudio Alves de. *História, Região e Identidade*. Campo Grande, Editora UFMS. 2003. p. 59.

¹⁷³ MARIN, Jéri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 407

Ministro Geral dos capuchinhos eram próximos, antes da saída dos capuchinhos da PCCXS do território paulista, ele os convidou para assumir algumas paróquias da diocese de Corumbá.

Em carta dirigida a D. Orlando, frei Benigno deixou claro que havia o desejo de enviar religiosos capuchinhos para Mato Grosso e lá fundar uma nova circunscrição. Em meio aos conflitos entre gaúchos e paulistas e com receio de que as paróquias já assumidas da diocese de Corumbá ficassem abandonadas, ele afirmou:

Em 1953 permitimos que confrades da Província de Caixas do Sul entrassem em sua diocese para, num futuro próximo, (era nossa intenção e é ainda hoje), lançar as bases de uma nova Província brasileira. Queira ordenar aos Padres de Caxias do Sul que ainda se encontram na diocese de Corumbá, em nosso nome, que não se retirem¹⁷⁴.

O acordo foi firmado em 1954, quando o frei Benigno se comprometeu assumir as paróquias de Bataguassu e Aparecida do Taboado, localidades próximas ao território Noroeste de São Paulo, onde os capuchinhos permaneciam instalados. Mato Grosso era visto como um território de missão e uma região com possibilidades de se fixarem definitivamente.

A presença de religiosos era essencial para sanar a falta de clero. O episcopado mato-grossense preferia o clero regular ao secular, por acreditar que teriam melhor formação acadêmica e moral sólida, isto é, eram celibatários e tinham vocação missionária. As imagens construídas acerca dos missionários eram idealizadas e sacralizadas:

Ele renunciava a permanência em seu país e sacrificava-se com vista a um bem maior, ou seja, difundir o evangelho, salvar almas e santificar-se. Seria uma criatura divina, possuidor de poderes superiores aos dos anjos, a quem todos deveriam obedecer sem contestar. Como líderes e guardiães da ortodoxia, conduziriam os mato-grossenses e as populações indígenas à felicidade, à verdade eterna, à inteligência e à razão. Ao mesmo tempo em que abençoavam tinham o poder de amaldiçoar, de excomungar, de interditar e excluir¹⁷⁵.

Foi nessa conjuntura que os primeiros religiosos franciscanos capuchinhos se encaminharam para o território de Mato Grosso. Apesar da autorização de entrada na diocese ter sido emitida aos frades em 1953, a carta documentando tal ação só foi mencionada na rede de comunicação da PCCXS em abril de 1956. Na VI carta circular, o então provincial, frei

¹⁷⁴ ACCRS, Relatório do frei Hilário Frighetto, Carta de frei Benigno de Sant'Ilario Milanese a D. Orlando Chaves – Roma/IT - 04/02/1956. p. 17.

¹⁷⁵ MARIN, Jérri Roberto. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, PR, ANPUH, Ano III, v. 3, n. 7, maio 2010, p. 209

Basilio de Bragança, afirmou ter sido confiada à província gaúcha a “Missão do Estado de Mato Grosso”. Na missiva, o frei também fez menção à autorização concedida anteriormente, numa visita canônica a PCCXS, no ano de 1954, quando agradeceu a confiança do Governo Geral para cuidar dessa “espinhosa” missão:

Agradecemos, vivamente, ao Revmo. Definitório Geral a confiança depositada em nossa Província, confiando-nos a espinhosa Missão de Mato Grosso. A Província disposta entrará, vigorosamente, em Mato Grosso para desbravar a mata virgem e para levar àquelas almas semiabandonadas a luz do Evangelho. Temos certeza de que a Missão de Mato Grosso, sob a ação decidida dos nosso religiosos, avolumar-se-á dia após dia, até a sua completa maturidade¹⁷⁶.

A comunicação oficial do Ministro Geral ordenando a saída dos frades da PCCXS de São Paulo é datada de maio de 1954, enquanto a chegada dos primeiros frades, agindo em nome da PCCX em Mato Grosso, efetua-se em julho de 1956. Isto é, transcorreram-se dois anos até que os frades capuchinhos deixassem efetivamente a província paulista. Com isso, em 26 de julho de 1956 chega a Corumbá um grupo de frades oriundos do RS, sendo recebidos com exultante alegria por D. Orlando:

É simplesmente impossível dizer da alegria e do entusiasmo de Sua Excia. (D. Orlando), que não se fartava em repetir: ‘é Santa Ana, é Nossa Senhora que os enviou! Deo gratias! Deo Gratias!’. Ficamos hospedes de Sua Excia. Estudamos o melhor modo de iniciarmos nossa atividade apostólica na diocese de Corumbá¹⁷⁷.

A comissão era formada pelos freis Celestino de Antônio Prado e Romualdo de Alfredo Chaves, ambos conselheiros na PCCXS, o frei Gregório de Protásio Alves, motorista do grupo, e o frei Vital de Garibaldi. Depois de acolhida pelo D. Orlando, foram negociadas as condições e as paróquias que seriam assumidas. A ideia era formar duas zonas de atuação: Campo Grande e Aparecida do Taboado,

Julgamos ser conveniente assumir a direção de paróquias situadas de forma a poder formar a ZONA CAMPO GRANDE com as seguintes paróquias: Campo Grande, Terenos, Sidrolândia, Rochedo-Corguinho, Rio Verde,

¹⁷⁶ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano III, nº 2. Caxias do Sul, RS, abr.1956a. p. 13.

¹⁷⁷ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano III, nº 4. Caxias do Sul, RS, out.1956c. p. 14.

Coxim e Camapuã. A outra zona será de APARECIDA DO TABOADA com a Paróquia do mesmo nome e mais Bataguassu e Cassilândia¹⁷⁸.

Depois do primeiro encontro com o bispo de Corumbá, em julho, Frei Romualdo retornou à PCCXS e se reuniu com os outros conselheiros da província para apresentar a realidade das comunidades visitadas. O decreto de criação da Custódia de Mato Grosso foi publicado em 12 de agosto de 1956, quando Frei Romualdo de Alfredo Chaves foi nomeado o novo custódio de Mato Grosso. Mais tarde, ele retornou a Mato Grosso, chegando em 22 de novembro de 1956¹⁷⁹.

Na década de 1950, Campo Grande já era um dos maiores centros urbanos de Mato Grosso, detinha uma população de aproximadamente 57.000 habitantes nas áreas urbanas e rurais¹⁸⁰. A cidade também era a maior cidade da diocese de Corumbá, além de centro viário e militar, e crescia com o advento da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB) e com o desenvolvimento do comércio. Ao chegar, todavia, Frei Otávio Simionato relatou que “havia quase só charretes e alguns automóveis pequenos”¹⁸¹, isto é, era mais rural que urbana.

Dada a importância da região, D. Orlando Chaves assumiu o compromisso de estabelecer uma paróquia para os capuchinos na cidade de Campo Grande, mas não honrou sua promessa. Para os frades, ter uma comunidade em Campo Grande era de extrema importância pela localização e por ajudar no sustento das outras paróquias. Eles, entretanto, assumiram aquelas que haviam sido abandonadas devido à escassez de rendas, tais como Coxim e Rio Verde de Mato Grosso¹⁸².

Ao retornar a Corumbá e questionar D. Orlando quanto a um lugar para servir de sede à missão dos capuchinhos no Mato Grosso, recebeu uma “[...] resposta decepcionante”, pelo fato do “bispo [estar] de mau humor naquela hora, [e] simplesmente responder secamente: vire-

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 14.

¹⁷⁹ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano II, Brasília, DF, n. 2, dez. 1983, p. 23.

¹⁸⁰ IBGE - Conselho Nacional de Estatística Serviço Nacional de Recenseamento. *Estado de Mato Grosso: Censos Demográficos e Econômicos – Série Regional Volume XXIX*. Rio de Janeiro, RJ, IBGE, 1956, p. 64.

¹⁸¹ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho/MS? Costa Rica/MS? Camapuã/MS? e Rio Verde de Mato Grosso/MS?] [Entre 2006-2012] p. 13.

¹⁸² MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009. p. 400.

se”¹⁸³. A fala do bispo aborreceu o frei Romualdo que, segundo frei Otávio, defendia o retorno dos capuchinhos ao Rio Grande do Sul. De acordo com o frei Otávio, a irresponsabilidade do bispo e a falta de orientações criou uma situação frustrante, um “Deus nos acuda!”¹⁸⁴. Em decorrência, ele considerou esse episódio como um dos maiores “entraves” para a formação da nova custódia capuchinha¹⁸⁵.

Apesar da pouca preocupação do bispo em assisti-los, eles decidiram permanecer. Nesse contexto, conheceram Oliva Enciso¹⁸⁶, que atuava junto a projetos sociais e políticos e era uma das responsáveis pela Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante (SMCAE)¹⁸⁷. Ela os apresentou às autoridades locais que, interessados no avanço do processo civilizatório, pediram aos frades permanecessem e assumissem a escola, onde poderiam residir¹⁸⁸. A reunião ocorreu em novembro de 1956:

A 22-11-1956, partindo de Porto Alegre, chegou às 16:30 horas, em Campo Grande, frei Romualdo Mulinari, presidente da Custódia em formação, sendo acolhido muito cordialmente no convento dos franciscanos pelo frei Eucário, superior, já no dia 23, apresentam-se no convento dos franciscanos, dona Oliva Enciso, Sr. Nilton e o Sr. Miranda, do Ministério da Agricultura, insistindo para que os capuchinhos assumissem a direção da Escola Miguel

¹⁸³ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho/MS? Costa Rica/MS? Camapuã/MS? e Rio Verde de Mato Grosso/MS?] [Entre 2006-2012] p. 15.

¹⁸⁴ *Ibid.*

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 16.

¹⁸⁶ Oliva Enciso foi a primeira vereadora de Campo Grande/MS e a primeira deputada estadual de Mato Grosso. Foi também uma figura pública importante na história da área educacional campo-grandense, dando nome, inclusive, a duas escolas locais. Além disso, foi uma das responsáveis pela instalação da Escola do Senai (Serviço Nacional da Indústria) em Campo Grande. Oliva Enciso fundou, no dia 21 de janeiro de 1940, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, trabalhando no atendimento a crianças carentes e abandonadas. Foi fundadora/1ª Titular da Cadeira nº 22 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (patroneada por Vespasiano Martins), e escreveu as seguintes principais obras: “Biografias dos Patronos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”, “Pensai na Educação, Brasileiros”, “Mato Grosso do Sul – Minha Terra” e “Palavras de Poesia” (ASL - Academia Sul Mato Grossense de Letras. Faleceu aos 96 Anos de idade. Campo Grande, MS. *Site da ASL*, 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://acletrasms.org.br/aos-96-anos-de-idade-falece-a-academica-oliva-enciso/>>. Acessado em 06 jan. 2023.

¹⁸⁷ A Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante foi fundada na década de 1940, com o objetivo de atender as lacunas existentes no campo da educação, assistência, comércio e produção. A devoção à Santa Terezinha do Menino Jesus constitui-se em condicionante de mobilização da assistência social vinculada a ações filantrópicas. Nessa instituição, funcionou o lar de menores abandonados, denominado Lar Santa Terezinha, o abrigo infanto-juvenil feminino, Lar Santa Inês, e o abrigo juvenil masculino, Pensionato São Luiz. (BRITZ, Adriana Espíndola. *Episódios da trajetória de Oliva Enciso: a gênese de instituições educativas filantrópicas e profissionalizantes não estatais no sul do antigo Mato Grosso (1930-1970)*. 2020. 294 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2020. p. 26).

¹⁸⁸ Após o encontro, a sede da missão capuchinha do Mato Grosso passou a ser Escola Miguel Couto.

Couto, abrigo de menores. Dia 24, chegou Dom Orlando Chaves e teve o primeiro encontro com o presidente da nova custódia¹⁸⁹.

Na ocasião, o prédio da escola foi, assim, descrito: “era constituído de uma sala para refeições e ao mesmo tempo servia de dormitório. A comida era aquela que os alunos da Escola tomavam, deu para arregalar os olhos. Mas pensamos é aqui que começamos a vida missionária no Mato Grosso”¹⁹⁰.

Tendo organizada uma estrutura mínima de vida na nova missão, os frades trataram de iniciar as atividades missionárias, apesar das dúvidas quanto ao futuro:

[...] Foi uma grande alegria de nos encontrar pela primeira vez no alvorecer dessa nova etapa de atividades apostólicas – de imediato foi nos apresentada a lista das diversas paróquias novas a serem assumidas e o destino de cada um. Destino de frei Nicásio Muraro: Rio Verde. Destino de frei Otávio: Corguinho. Meu Deus!! Não podia ser um nome melhor?! Pelo nome do lugar senti-me amesquinhado! Ninguém conhecia essa tal de Corguinho, nem mesmo o frei Romualdo, pois não tinha dado tempo para visitar o lugar, antes de instalar a nova custódia capuchinha¹⁹¹.

O destino de frei Otávio foi a paróquia de Corguinho, local onde atuou por 34 anos. Os outros frades foram designados para as paróquias de Terenos, Sidrolândia, Rochedo-Corguinho, Rio Verde, Coxim, Camapuã, Bataguassu, Cassilândia. Além disso, os capuchinhos assumiram a direção espiritual do Colégio de Miguel Couto, na diocese de Corumbá.

¹⁸⁹ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 697.

¹⁹⁰ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho/MS? Costa Rica/MS? Camapuã/MS? e Rio Verde de Mato Grosso/MS?] [Entre 2006-2012], p. 16.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 17.

Tabela 3: Ocupação do território de Mato Grosso pelos capuchinhos da PCCXS até 1964

PARÓQUIA	ANO DE OCUPAÇÃO	FRADES E FUNÇÕES NAS COMUNIDADES
Bataguassu	1954 a 1959	<ul style="list-style-type: none">• Frei Luís Maria Liberali (pároco – 1954-59)
Aparecida do Taboado	1955 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Joaquim Dallagnol (pároco – 1955)• Victório Remígio Vian (pároco – 1956 – segundo presidente da Custódia – 1962 a 1964)• Frei Caetano Angheben (superior – 1957)• Frei Lourenço Armiliato (pároco – 1957 a 1964)• Frei Vital Aresi (conselheiro da Custódia de Mato Grosso, diretor do seminário seráfico - 1959)• Domingos Collet (irmão não clérigo – serviços gerais)• Frei Diogo Sorgatto (vigário – 1963)• Frei Cristóvão Pirolli (formador e professor - 1959)
Escola Miguel Couto - Campo Grande	1956 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Romualdo Mulinari (1º presidente da Custódia – 1956 a 1961)• Frei Gregório Bonatto (Capelão da Escola – 1959 a 1964)• Frei Ernesto Zambonin (irmão não clérigo - cozinheiro – 1956 a 1964)
Rio Verde de Mato Grosso	1957 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Nicásio Muraro (pároco – 1957 a 1959)• Frei Gilberto Motter (pároco – 1959)• Frei Diogo Sorgatto (pároco – 1960 e 1961)• Frei Cristóvão Pirolli (pároco – 1962 a 1964)
Coxim	1957 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Felipe Geremia (pároco – 1957 a 1959)• Frei Gilberto Motter (pároco – 1960)
Camapuã	1957 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Vicente Weber (vigário – 1957 a 1968)
Maracaju	1957 a 1959	<ul style="list-style-type: none">• Frei Gregório Bonatto (pároco – 1957 a 1959)
Sidrolândia	1957 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Ludovico Strzeleski (pároco – 1957)• Frei Jerônimo Gresese (pároco – 1957 a 1960)• Frei Horácio Smiderle (pároco – 1960)
Corguinho e Rochedo	1957 a 1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Otávio Simionato (pároco – 1957 a 1964)
Catedral de Corumbá	1957 a 1959	<ul style="list-style-type: none">• Frei Vital Aresi (Cura da Catedral – 1957 a 1959)
Campo Grande	1964	<ul style="list-style-type: none">• Frei Gregório Bonatto (pároco – 1964)

Fonte: A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano II, Brasília, DF, n. 2, dez. 1983, p. 26-38; DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 690, 710 e 708¹⁹².

2.1 –O advento de um novo campo de missão

Quando os capuchinhos chegam a Mato Grosso recebem paróquias isoladas e têm grandes dificuldades de arrecadação de renda. Elas haviam sido anteriormente abandonadas pelos frades franciscanos observantes e pelos salesianos, nos anos de 1955 e 1956. Os franciscanos da Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora de Mato Grosso, por exemplo, atuavam na diocese de Corumbá desde 1938, mas estavam passando por reestruturações:

O envelhecimento dos quadros de pessoal, a diminuição da imigração de novos frades, a recusa em aceitar vocações brasileiras e o aumento do trabalho pastoral obrigou o Comissariado a entregar várias paróquias e a concentrar

¹⁹² Apresento, antes de analisar a instalação da Ordem no território mato-grossense, uma tabela com as comunidades e os frades que passaram pelo Mato Grosso até o ano de 1964.

seus esforços na formação de centros pastorais regionais. Foram entregues as paróquias mais isoladas e que não geravam rendas¹⁹³.

Nos relatos dos capuchinhos, a falta de estrutura configura-se aspecto marcante. Isso porque quase todas as paróquias recebidas não tinham grandes edificações, alfaias, imagens sacras, nem casa paroquial para receber os religiosos. O primeiro trabalho empreendido pelos frades foi arrumar onde ficar e o que comer, para, depois, tentar construir ou reformar as paróquias recebidas.

A primeira comunidade assumida pelos frades capuchinhos em Mato Grosso foi Bataguassu e ela abrangia outras regiões, como Bataiporã, Fazenda Primavera (hoje, cidade de Porto Primavera) e o que seria futuramente a cidade de Nova Andradina. A paróquia de Bataguassu havia sido criada por D. Orlando Chaves, em 1954, como parte da comunidade de Entre Rios (atual Rio Brilhante), de 1935, e era assistida pelos franciscanos observantes desde 1938¹⁹⁴.

Os capuchinhos assumiram a comunidade oficialmente no dia 01 de maio de 1954¹⁹⁵¹⁹⁶. O frade designado para ser o primeiro pároco em Bataguassu foi o frei Luís Maria Liberali, que havia atuado na paróquia de Glicério/SP antes de assumir a nova missão no Mato Grosso. Entre as dificuldades iniciais enfrentadas por frei Luís estavam as distâncias entre a sede paroquial e as capelas e a falta de meios de transporte para deslocar-se. No entanto, o frei se aproximou rapidamente das famílias mais abastadas da cidade conseguindo a doação de um cavalo e um jipe, um “pé-de-bode”, do fazendeiro Moura Andrade¹⁹⁷.

Também não havia casa paroquial, por isso, inicialmente, frei Luís se instalou na casa do paroquiano João Carlos da Silva. Mais tarde, aliou-se a outros fazendeiros da cidade,

¹⁹³ MARIN, Jérri Roberto. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, PR, ANPUH, Ano III, v. 3, n. 7, maio 2010, p. 229.

¹⁹⁴ O desmembramento de Bataguassu de Entre Rios gerou embates entre os franciscanos e o bispo de Corumbá, pois a divisão foi feita sem o conhecimento dos frades alemães e a parte desmembrada era a mais rentável e povoada. MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009. p. 318.

¹⁹⁵ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. Os capuchinhos do Rio Grande Sul. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 690.

¹⁹⁶ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano I, nº 1. Caxias do Sul, RS, maio, 1954, p. 10.

¹⁹⁷ Acervo do Muscap. *Diário de um Sacerdote*. frei Luís Maria (1933 a 1976) AcMuscap - Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul, RS, [s.d], p. 225.

conseguiu recursos para construir um puxadinho nos fundos da igreja matriz e, finalmente, uma casa de alvenaria¹⁹⁸:

Em Bataguassu construiu uma casa paroquial de material com 16x9 metros quadrados de comprimento. Eu queria fazer um sobrado, mas como o construtor havia feito uma caixa d'água para prefeitura e por ser alta ela caiu. Para a casa não cair tive que fazê-la baixa, eu a desejava alta para poder dormir de janelas abertas. Os fazendeiros me ajudaram bem. Um deles, sócio do Moura Andrade em navegação, deu-me todas as portas e janelas que mandei fazer em Venceslau. Outro me deu toda a madeira de sua fazenda. Outro deu o cimento. Gastei num total 200 contos, incluindo a luz e a cozinha¹⁹⁹.

Ao passar por Bataguassu, frei Otávio observou que a casa paroquial já havia sido construída e considerou a construção “nova e confortável”²⁰⁰. No entanto, questionou como um prédio tão pequeno poderia desempenhar o papel de uma paróquia, descrevendo-a como “uma fábula”, isto é, algo quase inconcebível.

A paróquia de Rio Verde de Mato Grosso também era de responsabilidade dos frades franciscanos. Inicialmente, pertencia à paróquia de São José de Herculânea (atual Coxim), criada em 1936²⁰¹. Os capuchinhos foram os primeiros a residir nas cidades de Rio Verde de Mato Grosso e Coxim, tendo, por isso, que construir casas para acolher os religiosos.

O primeiro pároco da comunidade de Rio Verde de Mato Grosso foi o frei Nicácio Muraro. Ele tomou posse da paróquia no dia 01 de janeiro de 1958, contando com a presença do superior da Custódia capuchinha de Mato Grosso, frei Romualdo Mulinari. Embora tenha assumido a paróquia no dia 1 de janeiro, os documentos oficiais só chegaram um mês depois, dia 2 de fevereiro de 1957²⁰². Na ocasião, o documento foi lido para a comunidade, e o novo

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 224.

¹⁹⁹ Acervo do Muscap. *Apontamentos referentes a história da vice província: Goiás – Mato Grosso*: frei Luís Maria (1933 a 1976) AcMuscap - Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul, RS, [s.d], p. 49.

²⁰⁰ SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho/MS? Costa Rica/MS? Camapuã/MS? e Rio Verde de Mato Grosso/MS?] [Entre 2006-2012], p. 17.

²⁰¹ HISTÓRIA. *Site Catedral São José*. Coxim, MS. Disponível em: <https://catedralsaojose.wordpress.com/2015/09/24/historia/>. Acesso em 16 jan. 2023.

²⁰² PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, MT/MS, 1957-1983.

pároco realizou a profissão de fé e o juramento antimodernista²⁰³ diante de um representante do bispo. Depois disso, o documento de posse foi devolvido à cúria diocesana:

Mandamos, portanto, a todos os fiéis da mencionada paróquia, que reconheçam o Revdo. Pe. frei Nicásio por seu legítimo pároco, obedecendo-lhe e prestando-lhe todo o acatamento a que estão obrigados. Antes de começar a servir deverá fazer a profissão de fé e o juramento antimodernista em mãos do Revdo. Pe. Subdelegado a quem damos a necessária autorização do que se fará termo no verso desta. Esta depois de lida à estação da missa paroquial de um domingo ou dia festivo e registrada no livro tombo deverá ser devolvida a cúria com a certidão de posse²⁰⁴.

Frei Nicásio e todos os outros frades que assumiram a paróquia, até 1964, passaram pelo mesmo ritual de posse. Neste caso, antes da chegada do documento de posse, o novo pároco precisou reformar a casa paroquial. A comunidade, então, iniciou o processo de reforma da casa e pelo período de três meses o religioso permaneceu na pensão do Sr. José Cândido Aguiar, tendo as despesas financiadas pela paróquia. Junto à reforma da casa, começou também a expansão da Igreja Matriz, e o ano de 1957 foi dedicado às readequações físicas da paróquia:

Nos primeiros três meses o Vigário hospedou-se na pensão São José, do senhor José Cândido de Aguiar, as despesas da pensão ocorreram por conta da igreja elevado o ponto do telhado, feito o aumento de 8 metros da igreja velha, somente no dia 5 de abril que o Vigário residiu na casa paroquial. Parte dos objetos para mobiliar a casa foram doados pelo povo [...] foram postos os óculos da igreja matriz [...] foi confeccionada a calçada em volta da igreja

²⁰³ Pio X (1903-1914), o único Pontífice canonizado do século XX, teve sua história marcada pelo vislumbre da I Guerra Mundial, pelo reforço da autoridade romana no combate ao modernismo e pela tentativa de renovação dos elementos da fé católica. Neste contexto, no início do século XX, o modernismo é definido como a junção de todos os erros, de todas as heresias cometidos pela Igreja. Erros que não se restringiam ao Iluminismo, mas se somavam a outros elementos presentes na modernidade. Há, com isso, uma lista de erros que precede a definição e que se encontra no *Syllabus* da Encíclica *Quanta Cura* (1864) de Pio IX (1846-1878): o panteísmo, o racionalismo, o socialismo, o comunismo, as sociedades secretas e outros elementos que faziam frente ao pensamento católico. Na relação com o mundo moderno e com os valores vigentes, a instituição parecia estar em constante ameaça. Neste aspecto, é significativo seu posicionamento enquanto guia desprezado e atacado que, ainda assim, buscava agir no mundo e retomar o papel há tempos perdido. Frente a isso, destaca-se o Ultramontanismo, enquanto conceito e política a ser seguida pela Igreja, além de uma tentativa de fazer valer sua voz em mundo de mudanças aceleradas. Por isso, contra a introdução de tais elementos nos meios eclesiais, os candidatos às ordens religiosas deveriam proferir o juramento antimodernista. O referido juramento condensa a condenação da Igreja ao mundo moderno e os erros que afrontavam a verdade católica. De modo particular, no campo teológico e doutrinário, as condenações a qualquer inovação são explícitas, pois o patrimônio da fé, transmitido pela tradição, deveria ser mantido. (DIAS, Juliano Alves. *Et veritas liberabit vos: o catolicismo entre o modernismo e a tradição* (1960-2013). 2013. 114 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, SP, p. 27, 28, 35 e 36).

²⁰⁴ PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, MT/MS, 1957-1983, p. 1.

matriz [...] foi feita a instalação da rede elétrica na casa paroquial e na igreja matriz²⁰⁵.

Em Coxim, antes chamada de São José de Herculânea, os franciscanos permaneceram por 17 anos. Eles haviam assumido a comunidade no ano de 1939 e a entregaram em 1956, tendo construído, nesse período, uma casa na cidade. A propriedade, contudo, foi vendida antes da paróquia ser devolvida ao Bispo²⁰⁶. Para assumir o lugar, foi então nomeado o frei Felipe Geremia, no dia 16 de janeiro de 1957. Sua primeira impressão da comunidade não foi positiva, pois ele a descreveu com grande pessimismo, relatando que havia pouca frequência dos fiéis nas missas, prevalecia a ignorância religiosa e as festas paroquiais eram controladas por “pessoas interesseiras”²⁰⁷.

Além disso, sem uma residência fixa, o frade viu-se obrigado a buscar abrigo na casa de diversos paroquianos e em pensões. Incapaz de garantir meios de subsistência, chegou a passar por privações e fome, abandonando a paróquia e o ordem capuchinha. Na carta de despedida, ele alegou que os motivos foram a solidão, os desafios psicológicos e a falta de “força moral” para continuar, isto é, havia envolvimento afetivo com mulheres²⁰⁸.

O frei Romualdo Mulinari o menciona como um “Judas”, alguém que traiu a ordem e seus irmãos²⁰⁹. Frei Felipe foi então considerado um transgressor, enfrentando a estigmatização devido à sua incapacidade de aderir às normas e expectativas estabelecidas pela Ordem e pela Igreja. Ele também foi usado como um exemplo negativo, recebendo pouca ou nenhuma misericórdia por parte dos outros confrades.

O substituto de frei Felipe, em Coxim, foi o frei Gilberto Motter, que conseguiu construir uma pequena casa para morar. Essa “era tão pequena e abarrotada de coisas que não havia mais lugar nem para um radinho de mão”. A casa paroquial de Coxim só seria construída

²⁰⁵ *Ibid.*, p. 6.

²⁰⁶ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano II, Brasília, DF, n. 2, dez.1983, p. 33.

²⁰⁷ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 724.

²⁰⁸ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano I, Brasília, DF, n. 1, dez.1982, p. 34.

²⁰⁹ ACCRS, Relatório Anual da Custódia Provincial de Mato Grosso - 1959, frei Celestino de A. Prado à Cúria Geral, 25/01/1960, p. 4.

no ano de 1968, quando outros frades chegaram para auxiliar o frei Gilberto e não tinham nem mesmo lugar para ficar²¹⁰.

A ausência de uma convivência fraterna intensa representou um desafio considerável para os frades capuchinhos. Dentre os primeiros frades instalados em Mato Grosso, o frei Otávio Simionato foi o que mais vivenciou as consequências do isolamento. Em seu relato, afirmou, inclusive, que apesar das dificuldades estruturais e com a comunidade, a solidão fora seu maior obstáculo. Otávio e os outros frades foram obrigados a abrir mão da vida fraterna devido ao reduzido número de membros e às vastas distâncias a serem percorridas entre as paróquias, resultando em encontros breves e desordenados com os demais religiosos.

Apenas em 1959, o superior da Custódia de Mato Grosso determinou que os frades deveriam reunir-se trimestralmente. Esses encontros tinham três momentos pré-estabelecidos: a solução de casos, a prestação de contas e um pequeno retiro. No entanto, depois dos encontros estabelecidos, alguns frades retornaram para suas casas e permaneceram cuidando das paróquias sozinhos. Frei Otávio, por exemplo, ficou sozinho na condução da paróquia de Corguinho de 1957 até 1976, quando recebeu a companhia do frei Victorio Remigio Vian, como auxiliar, para assistir à região de Rio Negro²¹¹.

Otávio relatou que os momentos de encontros entre os freis não eram suficientes para vencer o isolamento e até o desprezo dos confrades. Ele afirmou que os poucos encontros nas comunidades eram como “[...] que uma fuga de tantos problemas, dúvidas e anseios que vinham deixando a gente numa encruzilhada sem escolha”²¹².

Incompreensão e menosprezo foram sempre uma constante, mesmo por parte de confrades. No seu combate sempre existiu coragem e destemidez e uma certa violência, contrapondo a estas circunstâncias, atitudes um tanto não fraternas, inspirando vingança. Como resultado de tudo isso, surgiram momentos de profunda aflição e abandono de serviço²¹³.

²¹⁰ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 725.

²¹¹ *Ibid.*, p. 720.

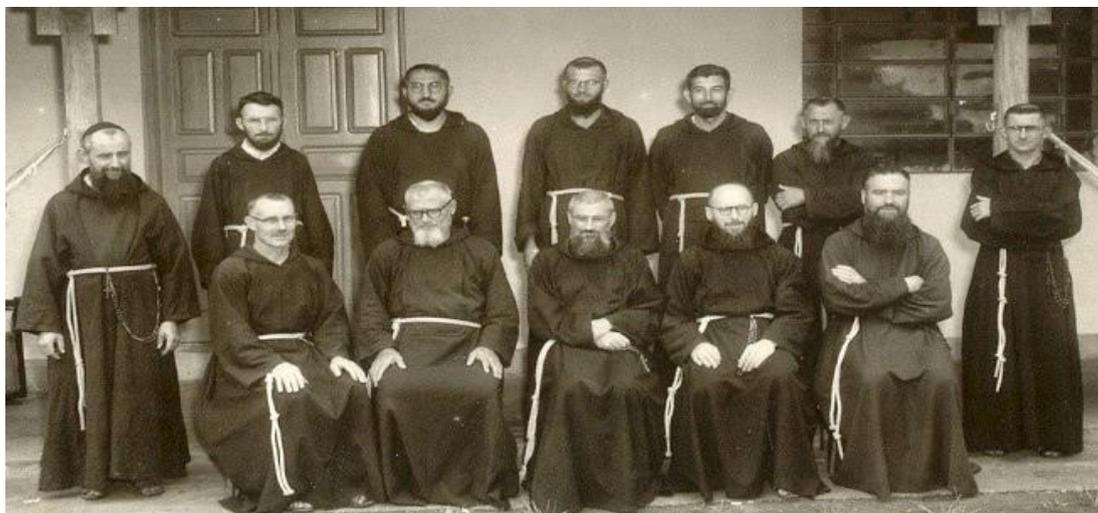
²¹² SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012], p. 26.

²¹³ *Ibid.*, p. 27.

Frei Otávio, como se observa, relata diversos momentos em que enfrentou a solidão e o abandono, acompanhados de pensamentos de desistência não apenas da missão, mas também da vida religiosa. A mesma dinâmica foi vivenciada por frei Felipe Geremia, em Coxim. As experiências dos frades demonstram, assim, que as dificuldades não se limitavam às questões materiais, mas incluíam também os desafios psicológicos a que foram submetidos ou até intensificados pelos superiores religiosos, em prol do sucesso da missão e da implantação da Ordem em Mato Grosso.

Figura 1: Primeiro retiro da então Custódia de Mato Grosso em 1958

Disposição dos Frades na fotografia: (Em pé, da esquerda para a direita: frei Ernesto Zambonin, frei Felipe Geremia, frei Nicásio Muraro, frei Adriano Piccoli, frei Caetano Pedro Weber, frei Jerônimo Gresele e frei Otávio Simionato - Sentados, da esquerda para a direita: frei Lourenço Armiliato, frei Luiz Maria Liberali, frei Romualdo



Mulinari, frei Vital Aresi, frei Gregório Bonatto.

Fonte: Fotografia não identificada, parte do acervo particular da província capuchinha do Brasil Central.

2.2 – As estratégias de normalização das primeiras comunidades

Afora as econômicas, os frades procuraram estabelecer relações de proximidade com os fiéis, sobretudo com as elites locais, visando exercer seu poder e influência e garantir, por extensão, a inserção na sociedade mato-grossense. Segundo o conceito de governabilidade de Foucault, a Igreja Católica, ao longo de sua história, desenvolveu uma complexa ação pastoral visando orientar e guiar seus fiéis em questões religiosas, morais e éticas²¹⁴. Tal ação envolvia uma variedade de práticas e técnicas disciplinares sobre a população:

²¹⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Graal, 2009, p. 28.

O poder religioso é, portanto, o poder pastoral. Enfim, característica absolutamente essencial e fundamental: esse poder globalmente pastoral permaneceu, ao longo do cristianismo, distinto do poder político. Isso não quer dizer que o poder religioso nunca tenha se dado como tarefa outra coisa senão encarregar-se das almas dos indivíduos [...] só se encarrega da alma dos indivíduos na medida em que essa condução das almas também implica uma intervenção, e uma intervenção permanente, na condução cotidiana, na gestão das vidas, mas também nos bens, nas riquezas, nas coisas. Ele diz respeito não apenas aos indivíduos, mas [também] à coletividade [...] e é um texto de São João Crisóstomo que diz que o bispo deve zelar por todas as coisas, o bispo deve ter mil olhares, porque não deve simplesmente se encarregar dos indivíduos, mas de toda a cidade e finalmente - isso está no *De sacerdotio - [do] orbis terrarum*, [do] mundo inteiro²¹⁵.

Os capuchinhos, do mesmo modo, adotaram uma série de estratégias pastorais para estabelecer sua presença nas comunidades, seja colaborando com os leigos, seja se posicionando nos espaços de influência na sociedade mato-grossense. Segundo Foucault, o poder é disseminado em várias instituições e práticas sociais, e não está centralizado em uma única fonte²¹⁶. Nesse contexto, os religiosos buscaram estabelecer uma rede de poder ao se aliarem às elites locais. Tal apoio não estava limitado apenas ao campo espiritual, mas também ao financeiro. Com o auxílio de líderes com influência na comunidade, os capuchinhos conquistavam recursos financeiros e materiais para garantir sua subsistência e para financiar a construção e reforma de templos e casas paroquiais.

Estabelecer relações com líderes políticos, benfeitores e famílias abastadas foi, assim, uma prática recorrente em todas as paróquias assumidas pelos capuchinhos, tendo em vista a necessidade de fortalecer o projeto de evangelização e consolidar a posição e influência dos religiosos na sociedade. Diversos expedientes foram utilizados para angariar fundos, e as estratégias mais comuns incluíam desde a realização de festas, leilões e visitas às fazendas da região até celebrações de missas especiais em homenagem aos benfeitores. Esse engajamento não se limitou à esfera religiosa; ao contrário, permeou aspectos sociais e políticos, ampliando a capacidade de orientar as dinâmicas sociais e impulsionar a agenda evangelizadora.

²¹⁵ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo, SP, Martins Fontes, 2008. p. 204.

²¹⁶ Para Foucault, o poder não pode ser localizado e observado numa instituição determinada ou no Estado. Não é, portanto, considerado algo que o indivíduo cede a um governante, como na compreensão política clássica dos contratualistas. Para Michel Foucault, o poder acontece como uma relação de forças (BRÍGIDO, Edimar. I. Michel Foucault: uma análise do poder. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, Curitiba, PR, v. 4, n. 1, p. 56-75, 2013. p. 59).

A parceria entre os frades e as elites criou relações que beneficiavam a ambos. Enquanto os capuchinhos buscavam o apoio dessas elites para garantir recursos e suportes, também se submetiam aos interesses e agendas dessas mesmas lideranças. Tal entrelaçamento certamente influenciou a condução da evangelização e a organização das paróquias. Os frades, ao dependerem das elites para a sustentação de seus empreendimentos religiosos, tiveram que considerar os desejos e objetivos das classes dominantes, moldando, com isso, a maneira como as atividades evangelizadoras eram implementadas.

Um exemplo notório da aliança entre os frades e leigos influentes é registrado na paróquia de Aparecida do Taboado. A paróquia estava sob a jurisdição dos franciscanos observantes desde 1941²¹⁷ e os freis frequentemente expressavam a dificuldade de trabalhar na cidade, comparando a tarefa com a “cavar em terra seca”. A população demonstrava boa vontade, porém a falta de conhecimento sobre os preceitos religiosos e a disseminação do espiritismo representavam ameaças à posição da Igreja Católica²¹⁸.

Os capuchinhos assumiram a paróquia em 27 de fevereiro de 1955, data consistentemente confirmada por diversas fontes e bibliografias. Contudo, existe divergências em relação a quem assumiu a paróquia. Algumas fontes afirmam que a paróquia foi assumida pelo superior do Noroeste Paulista, frei Caetano Angheben, enquanto outras trazem o frei Lourenço Armiliato como primeiro pároco.

A cidade de Aparecida do Taboado, no entanto, ascendeu rapidamente ao status de uma das principais paróquias da Custódia em Mato Grosso, tornando-se a terceira maior em geração de renda. Evidencia-se, por isso, um número maior de frades atuando na comunidade em comparação com outras regiões, em que os frades permaneciam sozinhos por um longo período. Nos relatos das atividades dos frades, fica evidente a estreita relação estabelecida entre os religiosos e membros da elite local, a exemplo da interação com o Coronel João Alves Lara.

²¹⁷ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 317.

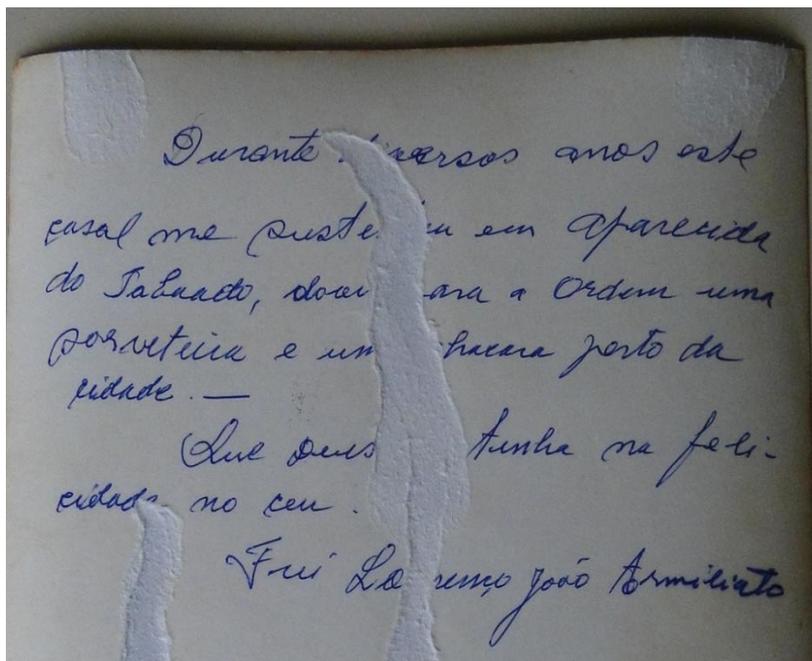
²¹⁸ *Ibid.*, p. 323.

Figura 2: Homenagem aos benfeitores da Missão Mato-grossense dos Frades Capuchinhos



Fonte: Parte do acervo fotográfico do Muscap.

Figura 3: Verso da Foto acima



Fonte: Parte do acervo fotográfico do Muscap.

Figura importante na região, Lara que não apenas doou terrenos, mas também financiou necessidades dos frades, inclusive a aquisição de uma sorveteria e uma chácara. Além disso, foi o próprio João Alves Nogueira Moreira de Lara quem construiu a primeira capela na cidade, em 1926, dedicando-a à Nossa Senhora Aparecida. Além disso, ele foi um dos primeiros juízes

de paz da localidade, sendo o responsável por doar terras para a construção da primeira escola da região.

Os sólidos ganhos provenientes da paróquia, resultado da plantação de café e da contribuição constante da família Lara, e o aumento da população impulsionaram a criação de um seminário menor na cidade. Essa iniciativa visava formar novos frades:

Parece-nos ser esta a maior vitória perante a Igreja e perante a Ordem a abertura em março próximo dum seminário seráfico na Custódia! Cremos seja até caso inédito que uma Custódia, em tão breve tempo, no ato mesmo de sua lugarização oficial, abre um Seminário, para, de imediato, iniciar a formação de seus futuros missionários! Parece inacreditável, e logo em Mato Grosso! [...] Acreditamos firmemente, que teria sido perder tempo dedicar-se a outras obras na Custodia, se se pospusesse esta: a do Seminário pois, esta é obra 'rainha', que qual sementeira, bem cedo oferecerá novos missionários [...] o local do seminário é Aparecida do Taboado pois possuímos aí dois grandes terrenos para essa finalidade, parte foram adquiridas e parte foram doadas pelo grande amigo e benfeitor o Sr. Coronel João Alves Lara. [...] Sincero aplauso merece o nosso bondoso Pe. frei Lourenço DD. Pároco de Aparecida do Taboado que, além de providenciar pelos terrenos, por seu amor a Custódia, por seu tino administrativo, por seu espírito de sacrifício, tudo fez para que o futuro seminário tenha a sua subsistência, fazendo em terreno próprio ótima plantação de café²¹⁹.

As favoráveis condições financeiras da Custódia em Aparecida do Taboado impulsionaram os capuchinhos a lançar este projeto ambicioso, a criação de um seminário menor em Mato Grosso, depois de apenas cinco anos de atuação no Mato Grosso. Na diocese de Corumbá, o seminário menor foi fundado após 43 anos de sua criação, isto é, em 1953. Isso porque eram inúmeras as dificuldades financeiras, faltavam edifícios adequados e havia escassez de candidatos e de padres disponíveis para atuarem como professores²²⁰.

No entanto, até 1964, os capuchinhos enfrentaram desafios na formação de padres em Mato Grosso. O Seminário Menor foi inaugurado em março de 1959 com cinco seminaristas, mas ao final do mesmo ano esse número tinha diminuído para três. Para o ano subsequente, 1960, estava previsto o ingresso de mais oito seminaristas, mas a empreitada não gerou os resultados esperados, uma vez que em 1961, dois anos após sua abertura, o seminário encerrou suas atividades.

²¹⁹ PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano VI, n. 1. Caxias do Sul, RS, out.1959. p.18

²²⁰ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 312.

O fracasso do seminário foi notado e analisado por frei Alfredo Sganzerla em sua obra “Capuchinhos do Brasil”. Ele refletiu sobre a província e suas perspectivas, apontando para a introdução de um modelo de formação originário do Rio Grande do Sul na região Centro-Oeste. Tal implantação enfrentou consideráveis diferenças, juntamente com a falta de comprometimento de todos os frades no processo, conforme destaca frei Alfredo Sganzerla:

As tentativas de formação para a nossa vida não foram as mais consoladoras. A grande diferença entre o Sul e o Centro Oeste do país será uma das tônicas mais importantes na formação. Os modelos do sul não deram frutos como se esperava. E assim esta iniciativa básica, desde o começo entra na desconfiança. Era melhor dedicar-se à vida paroquial mesmo se o grupo ia envelhecendo. O Seminário, grande alegria, grande esperança, cai para uma tarefa de alguns. As duas tentativas, como Aparecida do Taboado e Hidrolândia foram de mínimos resultados. Ambas foram fechadas uma para sempre e outra reaberta com nova forma²²¹.

Outras práticas pastorais utilizadas pelos capuchinhos para controlar suas primeiras paróquias foram a catequese e o ensino religioso, atividades realizadas em instituições de educação católica. A catequese católica foi tomada não apenas como transmissão da doutrina religiosa, mas também uma forma de exercício de poder, uma vez que buscava direcionar e moldar o comportamento dos indivíduos de acordo com normas e valores estabelecidos pela sociedade mato-grossense e pela diocese de Corumbá.

D. Orlando, neste sentido, afirmava que o ensino da doutrina cristã era a melhor estratégia para superar as adversidades e estabelecer, com a ajuda das instituições políticas, valores ético-sociais e disciplinares na sociedade mato-grossense²²². A catequese serviu então como uma ferramenta a partir da qual a Igreja exercia seu poder direcionando a conduta dos fiéis, moldando suas crenças e comportamentos, e contribuindo para a governança moral e espiritual da sociedade.

Em 1962, sob a liderança de frei Vital Aresi, foi fundado o Ginásio Educandário Frei Mariano, o primeiro de Aparecida do Taboado. O objetivo era proporcionar educação às crianças da cidade e formá-las conforme comportamentos e costumes católicos. Os Ginásios e Colégios²²³ católicos buscavam ocupar um espaço ocioso deixado pelo Estado. O objetivo era

²²¹ ZAGONEL, Carlos A. *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre, RS, Editora EST, 2001. p. 288.

²²² MARIN, Jérri Roberto. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, PR, ANPUH, Ano III, v. 3, n. 7, maio 2010. p. 227, 228.

²²³ As instituições que ofereciam apenas o primeiro ciclo do curso secundário eram denominadas “Ginásios”, e as que ofereciam os dois ciclos eram denominadas “Colégios”.

educar as crianças e jovens nos princípios católicos e, conseqüentemente, afastá-los das religiões e ideias modernas:

A educação era a atividade mais importante, porque a ela cabia a formação integral do homem, conceito que envolve muito mais do que a educação escolarizada, abrangendo todo o conjunto de suas atividades[...] esse é um dever e um direito que a Igreja julgava serem exclusivamente seus, e que não lhe podiam ser subtraídos, sob pena de se colocar em risco todo o conjunto social que se manteria ereto, colado pelo cimento da fé e da educação católica²²⁴.

Formar bons católicos desde a infância era o melhor caminho para se consolidar a Igreja de Aparecida do Taboado. A responsabilidade pelo estabelecimento educacional permaneceu com os frades até 1966, quando a instituição se transformou em uma escola estadual, recebendo o nome de Escola Estadual Frei Vital de Garibaldi²²⁵.

Figura 4: Construção do Ginásio Educandário Frei Mariano em Aparecida do Taboado.



Fonte: Página da Secretaria de Educação do Mato Grosso do Sul²²⁶.

²²⁴ MANOEL, Ivan. Aparecido. Cidadãos para a terra e para o céu: o projeto educacional do catolicismo ultramontano (1850-1950). *Fronteiras – Revista de História*, Dourados, v. 7, n. 13, 2021, p.119.

²²⁵ BIAZÚS, frei Jaime. *Síntese Histórica: 50 anos de criação da custódia, 25 anos da proclamação da Província*. Brasília, DF, maio 2006. p. 35.

²²⁶ COM INVESTIMENTOS DE R\$6,4 milhões, duas unidades da REE de Aparecida do Taboado recebem reforma nesta terça-feira (24). *Site da Secretaria de Estado de Educação (SED)*, Campo Grande, MS, 20 maio 2022. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/com-investimentos-de-r64-milhoes-duas-unidades-da-ree-de-aparecida-do-taboado-recebem-reforma-nesta-terca-feira-24/>. Acesso em 22 jan. 2024.

Leigos e freiras também colaboraram com os frades na instrução, mobilização e sensibilização de uma população, considerada, à época, apática e pouca propensa a praticar o catolicismo. O auxílio das congregações femininas foi considerado fundamental para a catequese, o cuidado com os paramentos litúrgicos e a ornamentação das igrejas, além da educação das crianças de acordo com os princípios da fé católica.

Em Rio Verde de Mato Grosso, o pároco, frei Cristóvão, em 1962, iniciou um novo projeto a pedido do bispo diocesano: a criação de um colégio católico na cidade, denominado Colégio de Jesus Crucificado, no escritório da casa paroquial. Frei Cristóvão enfrentou desafios na busca por professores qualificados para lecionar na nova escola, mas tinha a expectativa de receber freiras para ocupar essa função, conforme acordado previamente com o bispo de Campo Grande, D. Antônio:

Conforme o desejo do Senhor bispo e a pedido do povo foi fundado um colégio de Jesus Crucificado que começa a funcionar no escritório da casa paroquial, as aulas foram abertas dia 12 de março de 1962. Os professores um pouco arbitrários não corresponderam ao que se esperava. Por fim, graças a Deus e consideração de Dom Antônio bispo de Campo Grande, temos por parte do senhor bispo promessas de irmãs para Rio Verde para o começo do ano de 1962²²⁷.

As religiosas designadas para ministrar as aulas pertenciam à Congregação das Irmãs de Jesus Adolescente²²⁸. A data exata de sua chegada não é mencionada, tampouco o número de freiras que desembarcou na cidade. Devido à falta de acomodações adequadas, frei Cristóvão disponibilizou a própria casa paroquial para receber as irmãs e ele próprio se hospedou em uma casa alugada, temporariamente, até a conclusão da construção do colégio²²⁹. A construção do colégio não é documentada no livro tomo da paróquia de Rio Verde, até o ano de 1964. No

²²⁷ PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, 1957-1983, p. 10.

²²⁸ A Congregação das Irmãs de Jesus Adolescente foi fundada em 8 de dezembro de 1938 pelo bispo de Corumbá, D. Vicente Bartolomeu Priante. O carisma das irmãs ligava a instrução religiosa à educação, e a congregação dedicava-se também a obras sociais entre crianças pobres e ao trabalho nos hospitais, e oferecia assistência aos idosos desamparados. Sua criação estava inserida na campanha de nacionalização das vocações sacerdotais e religiosas. A nova congregação foi a primeira a ser criada em toda a Província eclesiástica de Cuiabá. O aspirantado fora aberto em Campo Grande e era realizado junto ao das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, no Colégio Sagrado Coração de Jesus. A nova congregação teve uma irmã, filha de Maria Auxiliadora, como primeira superiora. (MARIN, Jéri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 305).

²²⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, 1957-1983, p. 20.

entanto, nos anos subsequentes, de 1962 a 1964, frei Cristóvão dedicou-se a angariar doações, realizou leilões e contou com o apoio da comunidade local para finalizar a construção.

As festividades desempenhavam um papel de extrema importância nas primeiras comunidades capuchinhas, atraindo um considerável número de participantes, inclusive aqueles que não eram católicos. Esses eventos representavam momentos anuais em que as paróquias obtinham a maior parte de seus recursos financeiros. Na Diocese de Corumbá, várias festas eram realizadas para homenagear os santos padroeiros das igrejas ou atender à devoção dos fiéis. Essas celebrações incorporavam diversas influências culturais, elementos europeus, andinos, bolivianos, paraguaios, indígenas, africanos e brasileiros, que também contribuíram para a formação da população mato-grossense.

Durante as celebrações festivas eram designados os festeiros, isto é, devotos encarregados de liderar as festividades em cooperação com as autoridades eclesiásticas. Sua responsabilidade envolvia a coordenação das atividades, como orações, rezas, promessas, ladainhas, cantos, bailes, leilões, cortejos, procissões e coletas de esmolas. Além disso, as festividades proporcionavam espaço para diversas formas de entretenimento: jogos, brincadeiras, touradas, corridas de cavalo, quermesses, banquetes, representações teatrais, bailes, queima de fogos, paus de sebo, enfeites de ruas e praças, todos voltados para honrar o santo venerado. Esses eventos não se limitavam ao domínio das manifestações religiosas, mas assumiam também um caráter social, festivo e político. No entanto, algumas práticas não eram bem recebidas pelos bispos diocesanos²³⁰.

D. Orlando Chaves, em sintonia com o projeto de reforma católica, buscou padronizar as festas e celebrações na Diocese, seguindo a linha de seus antecessores. Para ele, muitas festividades eram excessivas e contrárias à integridade da fé e moral cristã. Durante os festejos, um número considerável de pessoas sofria graves ferimentos ou se embriagava devido aos excessos praticados. Por isso, em 1953, D. Orlando promulgou novas diretrizes referentes às novenas, tríduos e festas religiosas da diocese, estabelecendo que:

A profanação das festas diminuía a presença nas práticas sacramentais, esterilizando o avanço da Igreja Católica na sociedade. Os foguetes deveriam ser utilizados com moderação, apenas antes das funções religiosas, para convocar todos à festa. Era proibido seu uso durante as missas ou rezas. O dinheiro angariado nas listas, leilões, ofertas e coletas realizadas durante as

²³⁰ MARIN, Jérri. Roberto. Controle e disciplina: as festas religiosas na diocese de Corumbá (1910-1957). In: VII Encontro de História de Mato Grosso do Sul - Patrimônio Histórico e Cultural: identidade e poder, 2004, Campo Grande, MS, *Anais do VII Encontro História de Mato Grosso do Sul*. UCDB/ANPUH, 2004. p. 2.

novenas, tríduos e festas devia ser destinado a fins religiosos. Após o término da festa, os festeiros, ou comissão, eram obrigados a prestar contas ao pároco, em duas vias, uma das quais deveria ser enviada à Cúria. Os párocos eram responsáveis pela vigilância das festas e por manter seu caráter religioso. Na aprovação dos balancetes das festas, cujo fim era a construção de igrejas e capelas, tinham de ser reservados 5% dos lucros dos leilões e esmolas para as obras diocesanas, acrescidos de 5% da receita geral da festa²³¹.

As regras estabelecidas pela Diocese não foram empregadas na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, em Rio Verde. O pároco, frei Cristóvão, enfrentou conflitos com algumas lideranças locais, especialmente os festeiros responsáveis por organizar a festa da padroeira, Nossa Senhora Auxiliadora. Esse período representava um momento crucial para a paróquia, pois era quando ela obtinha a maior arrecadação financeira do ano. Os desentendimentos com os festeiros ocorriam tanto na matriz quanto nas pequenas capelas e estavam, quase sempre, relacionados à falta de prestação de contas com o vigário. Problema que chegava a resultar em acusações diretas de desvio de fundos da igreja.

A estratégia adotada por Frei Cristóvão para reduzir o poder dos festeiros e obrigá-los a prestar contas foi designar um festeiro para cada dia da festa. Essa abordagem foi implementada pela primeira vez na festa de 1963, mas não obteve êxito. Os festeiros selecionados para cada dia uniram-se contra o pároco e prestaram contas. Em 1964, o religioso continuou a lamentar a falta de prestação de contas e também expressou preocupações quanto à violência e às brigas ocorridas durante a festa, com relatos de pessoas mortas e baleadas:

Em 1964, também fizeram a festa à rebeldia do pároco, para interesses próprios. No primeiro dia da novena houve uma morte, no quinto dia mais uma morte e diversos baleados e a festa terminou. Até o presente dia 12 de fevereiro de 1965 não houve prestação de contas, meia dúzia quer tirar proveito próprio, um prejuízo da comunidade católica bem intencionada ²³².

O pároco, respaldado pelas legislações de D. Orlando, empreendeu esforços para ampliar seu controle sobre a paróquia, mas se deparou com resistência dos leigos. Para além das considerações econômicas, havia o interesse em abolir as manifestações entendidas como incompatíveis com os ideais civilizatórios e de progresso almejados pelo episcopado.

²³¹ *Ibid.*, p. 18.

²³² PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, 1957-1983, p. 22.

Assim, observa-se que os frades, por meio do poder eclesiástico, buscaram influenciar as práticas e controlar o comportamento da comunidade, alinhando-os a determinadas normas e valores. Essa ação não se restringia apenas ao exercício de controle, mas também à regulação e orientação dos fiéis, evidenciando a busca por governamentalidade nas paróquias.

Para incrementar o movimento religioso das paróquias, os freis também adotaram como estratégia pastoral a realização de missões populares, cujos pregadores eram frades gaúchos. Sob a liderança de frei Bernardino e com o auxílio de freis Justino e Osvaldo, essas missões eram realizadas em várias paróquias. Frei Bernardino Vian havia se consolidado como a principal liderança das missões populares capuchinhas no Rio Grande do Sul. As missões populares capuchinhas faziam, assim, parte de uma tradição iniciada pelos frades franceses fundadores da PCCXS.

As missões eram então compreendidas como períodos de intensa pregação e assistência espiritual; visavam estabelecer um ambiente sagrado e religioso na paróquia, bem como reformar as práticas religiosas. Os católicos eram divididos por sexo e idade, sendo as pregações direcionadas para cada público específico. Homens, mulheres e crianças tinham atividades diferenciadas a fim de tornar mais eficaz os resultados. Era um período de grande movimento religioso, com a administração dos sacramentos e, sobretudo, de regularização da situação religiosa dos católicos. Durante as missões populares ocorriam pregações, celebrações religiosas, ensino do catecismo e confissões. Havia a crença de que essas missões despertavam a fé entre os indivíduos considerados frios, apáticos e insensíveis, por isso, a estratégia era proferir pregações eloquentes e emocionantes. Elas eram, no entanto, consideradas pouco ortodoxas devido à grande frequência com que eram administrados os sacramentos, muitas vezes sem o devido preparo dos fiéis.

Outra estratégia foi a peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima por todas as paróquias onde ocorriam as missões. Nas cerimônias, chamava a atenção o uso de pombinhas treinadas que acompanhavam a imagem de Nossa Senhora de Fátima, gerando um efeito encantador ao pousarem aos pés da imagem. O controle das subjetividades religiosas influenciava as percepções e as devoções dos fiéis, pois o extraordinário e o incomum eram considerados meios eficazes para converter, instruir e mobilizar os fiéis. Sobre as missões, frei Bernardino e o processo de organização dos missionários pode-se evidenciar:

Constituía-se assim, em 1952, [...] equipe marcada pelo carisma de frei Bernardino, considerado o maior missionário popular capuchinho de todos os tempos, pelos longos anos como missionário, pelo roteiro cumprido, pela

singularidade apostólica com a imagem de Fátima, a Fátima dos pombinhos, tendo percorrido quase todo o Brasil [...] Antes do Concílio Vaticano II os conteúdos, em geral, constavam de: Abertura e sermões sobre salvação, alma, pecado, morte, juízo, inferno, paraíso, encerramento. O método usado era o de sermões dirigidos a todo o povo e palestras às classes (homens, mulheres, moços, moças e crianças). Moralismo, sacramentalismo, intimismo e individualismo eram marcas dessas pregações²³³.

A imagem das pombinhas treinadas junto à figura de Nossa Senhora de Fátima não apenas representa um ícone religioso, mas suscita uma série de significados e valores. Ela evoca, por exemplo, sentimentos de devoção, encantamento e conexão espiritual, influenciando a atitude dos indivíduos em relação à fé. O símbolo da pomba, dessa forma, atua como uma ferramenta de governabilidade ao dirigir as emoções e as crenças dos fiéis. Os frades, nesse sentido, conseguiam direcionar o comportamento das pessoas por meio da criação e manipulação de significados simbólicos e os missionários exerciam uma forma de poder indireto, porém igualmente eficaz, sobre as subjetividades dos fiéis.

Figura 5: Frei Gregório e as pombinhas de Nossa Senhora.



Fonte: Parte do acervo fotográfico do Muscap

Em Rio verde de Mato Grosso, por exemplo, os missionários passaram uma semana na paróquia e houve grande participação da população em suas atividades. Segundo a citação no

²³³ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. Os capuchinhos do Rio Grande Sul. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 143, 144.

livro tombo da paróquia, foram distribuídas mais de 1000 comunhões, enquanto a missão feita pelo pároco, frei Cristóvão, com o auxílio de alguns leigos, no mesmo ano de 1962, contabilizou apenas 30 comunhões.²³⁴

2.3 – As disputas no mercado religioso

Com o influxo de novas populações provenientes da nova “Marcha para o Oeste”, os embates entre freis e a população tomaram proporções mais intensas. Neste sentido, D. Orlando adotou uma abordagem ofensiva, buscando uma maior visibilidade da presença da Igreja na sociedade mato-grossense. Para tanto, ele promoveu reformas e melhoramentos nos prédios religiosos, principalmente na catedral, visitas devocionais²³⁵ de Nossa Senhora Auxiliadora, de Fátima, Aparecida e do Carmo, e empreendimentos na área social e de instituições educacionais e assistenciais.

Contudo, como reação ao aumento das manifestações católicas, observou-se o crescimento dos grupos de oposição anticlerical. Os críticos empenharam-se em minar a autoridade do bispo. O jornal *O Democrata* e um grupo de intelectuais autointitulado “Os livres pensadores” questionavam a aliança do bispo com as facções oligárquicas predominantes no Estado, bem como suas posturas autoritárias perante o clero, a aparente negligência em relação às preocupações dos trabalhadores e a alegada afeição pelo dinheiro²³⁶.

No contexto do mercado religioso em Mato Grosso, havia uma concorrência por espaço entre diversas denominações. Um relatório de D. Orlando para a Nunciatura Apostólica, de 1944, especifica as principais religiões concorrentes:

A religião mais difundida era a Batista, seguida pela Presbiteriana, Umbandista e Espírita, mas atuavam também os Evangélicos, tais como Adventistas, Assembleia de Deus, Congregação Cristã Brasil, entre outras. Entre os indígenas, os Evangélicos, principalmente os Presbiterianos

²³⁴ PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, 1957-1983, p. 18.

²³⁵ A visita da imagem considerada milagrosa era um evento religioso triunfal, revestido de muita pompa. A visita das imagens consistia numa estratégia para converter, aproximar e reforçar a fé de uma população que ainda se mantinha indiferente à igreja. Ressaltavam-se ainda os prodígios, milagres, conversões e curas realizados pela imagem de Nossa Senhora. Milagres, curas e graças poderiam ser alcançadas de acordo com a fé e a devoção de cada indivíduo. MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 394.

²³⁶ *Ibid.*

disputavam espaço com a Igreja Católica. Os espíritas estavam mais difundidos na sede episcopal e o clero não conseguiu precisar o número exato de adeptos, porque a maioria declarava-se católica e considerava o espiritismo como uma irmandade católica²³⁷.

Em várias paróquias, os capuchinhos atribuíram o insucesso de suas empreitadas pastorais às incursões de outras igrejas. Um exemplo disso ocorreu em Rio Verde de Mato Grosso, onde frei Nicásio, ao analisar o desempenho do ano de 1958, expressou sua preocupação com os representantes da doutrina espírita que convidavam os fiéis da paróquia para suas celebrações. Outro problema era que as manifestações e práticas religiosas não se correspondiam às suas expectativas, baseada nos modelos idealizados da sagrada família:

Dificuldades, tudo vai devagar. Há muita esperança no futuro longínquo é só viver de esperança. Há necessidade de mudar a mentalidade acuada desse povo, onde não há religião há imundices. É o caso. Necessita de muita marreta e bigorna, sobretudo a marreta nunca pode faltar. Há muitos vícios arraigados, especialmente a imoralidade que está endeusada. Há muito (limpa?) a ser feita. É preciso coragem e boa vontade. Guerra aberta aos 'salvos' e aos 'reencarnados'²³⁸.

Os capuchinhos frequentemente criticavam a população mato-grossense, sobretudo a falta de participação nas celebrações, a indiferença pelos conteúdos religiosos e práticas religiosas, além do desrespeito e da indiferença aos religiosos. Os jovens eram acusados de não vivenciar a moralidade, enquanto os adultos não seguiam os preceitos de um casamento religioso, vivendo em concubinato. Era, por isso, comum várias uniões e filhos com diferentes pais ou mães. Além disso, muitos costumes não eram considerados cristãos, tais como o alcoolismo, os concubinatos, o gosto por bailes, a jogatina, a falta de observância dos dias santos, a ausência de jejuns e a não participação na comunhão.

Diante da baixa frequência da população nas missas, os frades decidiram incentivar a realização de novenas e terços nos lares, uma vez que essas práticas devocionais atraíam um maior número de participantes. Eles substituíam, muitas vezes, as missas por celebrações de terços, com o objetivo de ampliar a presença e o engajamento²³⁹ dos fiéis. Apesar das festas e solenidades atraírem uma quantidade maior de fiéis, boa parte dos participantes não

²³⁷ *Ibid.*, p. 386.

²³⁸ PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, 1957-1983, p. 9.

²³⁹ *Ibid.*, p. 13.

comungava, o que gerava críticas e preocupações recorrentes por parte dos frades²⁴⁰. Em todas as paróquias, incluindo Rio Verde, foram utilizados sistemas de som, instalados em veículos ou nas partes mais elevadas dos templos, para difundir informações sobre as atividades religiosas planejadas e convidar a população a participar das celebrações.

Em Rio Verde de Mato Grosso, a escassa participação nas missas e a perda de fiéis para outras religiões levaram o frei Nicásio a caracterizar a população como pouco instruída em matéria religiosa. Para reconquistar os fiéis, ele lançou uma campanha contra os “salvos”, referindo-se aos protestantes, e os “reencarnados”, aludindo aos espíritas. Frei Cristóvão, sucessor de Nicásio, também enfrentou desafios com os protestantes, destacando os Batistas como responsáveis pela saída de muitos fiéis da comunidade. O frade também expressou preocupação com as críticas aos princípios católicos e aos fiéis, rotulando-os pejorativamente como “comedores de hóstia”, pois estavam, em verdade, prejudicando a reputação da comunidade católica²⁴¹. A categorização das outras religiões como ameaças e a utilização de termos desdenhosos para descrever os fiéis que as seguiam ilustram como os frades buscaram influenciar e governar a conduta das pessoas dentro das suas paróquias.

Na comunidade de Corguinho, frei Otávio Simionato também reclamou da presença de protestantes na cidade. Além disso, recorreu às famílias influentes da paróquia para auxiliá-lo no combate às novas igrejas que estavam chegando. Segundo o religioso,

Em termos de religião era um covil de cobras e lagartos. Cada espertalhão que vinha de fora por burro que fosse, abria uma porta em qualquer esquina. Começava a berrar condenando os católicos e anunciando o fim do mundo e sempre conseguindo adeptos – o que deu coragem a gente foi a firmeza da fé cristã e católica de todas as famílias mais importantes de Corguinho – logo deu para perceber o ambiente familiar da comunidade²⁴².

O frei Luís Maria Liberali, no entanto, foi quem mais enfrentou as outras religiões. Suas experiências de confronto com os protestantes, os comunistas²⁴³, os maçons e diversos outros

²⁴⁰ Em Rio Verde uma campanha foi criada visando aumentar a comunhão na paróquia, quando aproximadamente 180 fiéis assinaram o compromisso de comungar nas missas da primeira sexta-feira de cada mês em busca de uma “Grande Promessa” (grifos meus). *Ibid.*, p. 17.

²⁴¹ *Ibid.*, p. 17.

²⁴² SIMIONATO, Otávio. História de um sacerdote capuchinho. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012], p. 19.

²⁴³ “Como simpatizava com as ideias de Plínio Salgado sobre Deus, Pátria, família, etc., os comunistas me tacharam de fascista e procuravam todos os meios para me perturbar, inclusive com inscrições nos muros na cidade, como: “Morra o padre Liberali, fascista”. Estavam em exílio todos os chefes comunistas. Mas os seus

grupos foram divulgadas em seus escritos. Em Bataguassu, o frei Luís manteve esse fervor em combater outras religiões e filosofias contrárias à Igreja. As ações do frade dialogavam com a postura da Igreja, quando, no período da Guerra Fria, ela empenhou um novo projeto de engajamento, buscando promover uma prática social voltada para o desenvolvimento e o enriquecimento das comunidades. Esse enfoque, conhecido como Teologia do Desenvolvimento, anteriormente referido, emergiu como resposta à influência da maçonaria, do protestantismo, do comunismo e até mesmo do capitalismo liberal após a Segunda Guerra Mundial²⁴⁴.

No contexto brasileiro, especialmente após a restauração da democracia em 1945, o movimento anticomunista²⁴⁵ ganhou força renovada em resposta ao crescimento eleitoral do PCB e à expansão das organizações populares e sindicais, particularmente em São Paulo²⁴⁶. Tal situação gerou preocupações significativas entre os católicos, que temiam o aumento do apoio ao Partido Comunista entre os fiéis. Por isso, durante os anos de 1940 e 1950, a ICAR do Brasil buscou a colaboração do Estado para fortalecer e redirecionar representações do campo religioso contra o que considerava, a nível internacional, a maior ameaça à civilização cristã: o comunismo²⁴⁷.

Dentro da diocese de Corumbá, D. Orlando sustentava a convicção de que havia uma infiltração comunista em Mato Grosso. Diante da escassez de leigos qualificados para enfrentar a ameaça socialista, ele via o clero como a única força capaz de denunciar e liderar uma campanha contra os propagadores dessas ideias subversivas. Em resposta à suposta expansão

representantes no Brasil eram bem ativos. Se anunciaram que eu deveria morrer, naturalmente deram um jeito para eu desaparecer” (MAZZAROLLO, Isidoro. *Frei Luís Maria Liberali, missionário e sertanista*. Porto Alegre, RS, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983, p. 17).

²⁴⁴ SOUZA, Rogério Luiz de. Ética católica e capitalismo: Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 70, n.1, 2010, p. 381-382.

²⁴⁵ Segundo Rodeghero, o fenômeno do anticomunismo diz respeito a uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas. O anticomunismo é o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por representações denominadas de imaginário anticomunista. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc. (RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, SP, v. 22, n. 44, 2002. p. 464).

²⁴⁶ FARIAS, Damião Duque de. Intolerância política: a luta católica contra o comunismo na cidade de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial. *Fronteiras - Revista de História*, Dourados, MS, v. 8, n. 15, 2004. p. 61.

²⁴⁷ *Ibid.*, p. 60.

comunista, foram estabelecidos departamentos e grupos dentro da diocese, cujo propósito era proporcionar assistência social aos mais desfavorecidos, com o intuito de evitar que os estratos menos privilegiados e os trabalhadores se voltassem para o ideário comunista ou se unissem aos sindicatos²⁴⁸.

O frei Luiz Maria Liberali, ao construir a autoimagem de padre combativo e exemplar, tornou-se referência no combate às religiões concorrentes. Em 1957, um resumo da situação das comunidades em Mato Grosso foi divulgado na revista *Pax et Bonum*, e na descrição do trabalho realizado o frei é citado: “frei Luís Maria Liberali, com seu ardor, dominou e amordaçou a situação, conseguiu amordaçar os protestantes”²⁴⁹. Em seus registros pessoais, embora tenha dedicado poucas palavras ao período que passou em Bataguassu, ele documentou os enfrentamentos vividos com os protestantes:

Dava combate cerrado ao protestantismo, [ilegível] a vontade de Deus a respeito da fé, sua Igreja, dando a disposição de quem pensasse que outra religião cristã veio do tempo de Cristo. Um [ilegível] de cruzeiros, que ninguém procurou²⁵⁰.

A preocupação com a frequência dos fiéis nas cerimônias de sacramento estendia-se às crianças, incentivadas, durante a catequese, a praticar o catolicismo e a combater as religiões concorrentes. Em Corguinho, as crianças eram instruídas a atirarem pedras nas janelas dos templos de outras denominações religiosas. Os frades se envolviam em disputas públicas utilizando carros de som e alto-falantes para pregar contra outros líderes religiosos, a exemplo de frei Luís Maria, que chegou a ser ameaçado de prisão pelo uso abusivo do som alto na cidade de Bataguassu²⁵¹.

Ao examinarmos a expansão da presença dos frades em algumas das primeiras comunidades de Mato Grosso, é possível identificar uma representação heroica, autoimposta pelos religiosos. Eles se retratam como agentes da civilização e evangelizadores da população,

²⁴⁸ MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 391-392.

²⁴⁹ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 694.

²⁵⁰ ACERVO DO MUSCAP. *Diário de um Sacerdote: frei Luís Maria (1933 a 1976)*. AcMuscap – Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul, RS [s.d], p. 225.

²⁵¹ ACERVO DO MUSCAP. *Apontamentos referentes a história da vice província: Goiás e Mato Grosso: frei Luís Maria*. AcMuscap – Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul, RS [s.d], p. 51.

estabelecendo paralelos com os doze apóstolos de Cristo. Essa comparação é destacada em momentos específicos, como no retiro espiritual de 1956, embora a rotatividade de frades tenha excedido o número doze nos primeiros anos de atuação em Mato Grosso, conforme demonstra a *Tabela-2*.

No esforço de se equiparar aos doze apóstolos de Cristo, os capuchinhos elegeram até mesmo um “Judas”, representado por frei Felipe Geremia, que havia abandonado a ordem religiosa. Frei Romualdo Mulinari, primeiro Custódio, escreveu ao provincial PCCXS, descrevendo-o como desleal, traidor. No relatório enviado posteriormente ao Ministro Geral em 1959, lamentava:

Infelizmente temos a lamentar uma apóstata, mas não foi por falta de recurso espiritual, pois isso já vinha de longa data, sem ele o manifestar aos seus superiores. Andava com a alma e enegrecida pela ‘apostasia do coração’. Ainda antes de ir para a custódia o inditoso do padre frei Felipe, como ele mesmo deixou escrito, estava com este péssimo plano no coração, plano por ele ocultado com a maior hipocrisia. Deus se compadeça²⁵².

As imagens de apóstolos de Cristo e de missionários são utilizadas com recorrência. Em geral, os freis assumem a figura de desbravadores do sertão, das terras inóspitas e incivilizadas. Abnegados, eles embrenham-se nas selvas para “ganhar almas” para Deus. Nos relatos, suas trajetórias são então descritas:

Não é possível reproduzir em palavras e neste breve relatório o que realizam no campo apostólico os nossos abnegados e heroicos religiosos da custódia, basta dizer que todos os senhores bispos do centro-oeste do Brasil disputam a sorte de ter em sua diocese os nossos padres, para os auxiliarem na grande vasta missão de salvar essa parte do Brasil contra a tremenda e alarmante invasão do espiritismo, protestantismo, comunismo e maçonaria²⁵³.

Nesse contexto, embora em seus relatos os frades tenham criado uma representação heroica, as fontes oferecem outra visão, mais complexa. Os frades enfrentaram desafios que vão além das narrativas idealizadas. A solidão, por exemplo, resultou em deserções, problemas psicológicos e conflitos entre os religiosos. A necessidade de recursos materiais os levaram a estabelecer alianças com às elites locais, buscando apoio financeiro e influência para si e suas

²⁵² ACCRS, Relatório Anual da Custódia Provincial de Mato Grosso - 1959, frei Celestino de A. Prado à Cúria Geral, 25/01/1960, p. 4.

²⁵³ ACCRS, Relatório Anual da Custódia Provincial de Mato Grosso - 1959, frei Celestino de A. Prado à Cúria Geral, 25/01/1960, p. 4.

paróquias, servindo ao governo e a ICAR na regulamentação de condutas e comportamentos das pessoas.

A escassa prática da vida fraterna, um carisma fundamental na ordem franciscana, levou muitos frades a viver longos períodos de solidão, isolados uns dos outros. Depois disso, vivendo tanto tempo isolados dos confrades, eles até mesmo se recusavam a trabalhar em outras condições, isto é, de retornar à vida conventual. Muitos não estavam preparados para enfrentar as transformações sociais, culturais e econômicas que se desenrolaram a partir das décadas de 1960 e 1970.

Em suas análises, os religiosos quase sempre revelavam uma visão preconceituosa da população de Mato Grosso, considerando-a inferior à sociedade sul-rio-grandense em termos materiais e religiosos. Com isso, promoveram uma avaliação desfavorável da organização social mato-grossense.

III – A SEDE CUSTODIAL – CAMPO GRANDE COMO CENTRO DA MISSÃO

Nos anos de 1950-1960, Campo Grande emergia como um dos principais centros urbanos de Mato Grosso, ostentando a maior população da região. A conjunção da localização estratégica e da infraestrutura ferroviária da NOB transformou-a no principal centro comercial e político do sul do estado.

O significativo fluxo de mercadorias e pessoas conferiu a Campo Grande uma relevância econômica e logística crucial também para os interesses da Ordem em Mato Grosso. A partir de 1956, a cidade tornou-se referência para os frades, servindo como base de locomoção para suas respectivas paróquias no interior do estado e como fonte de arrecadação, pois eles buscavam aumentar os rendimentos em uma cidade mais próspera. Inicialmente, durante as primeiras negociações com o bispo de Corumbá, havia a compreensão de que uma paróquia seria designada aos capuchinhos na cidade de Campo Grande. Entretanto, esse acordo não se concretizou.

Campo Grande também se destacou como um dos lugares mais desafiadores no estabelecimento da Custódia. Sem uma paróquia, os frades tinham que improvisar acomodações na SMCAE. Posteriormente, foram obrigados a buscar outros recursos e estabelecer alianças políticas para concretizar a construção de uma paróquia própria. A obtenção de uma paróquia em Campo Grande, Mato Grosso, não apenas proporcionaria bases estruturais e financeiras à ordem, mas também abriria caminhos para a expansão da Custódia em áreas mais remotas e carentes.

A tarefa de fundar uma comunidade paroquial na cidade foi então assumida pelo frei Gregório de Protásio Alves, um frade que havia trabalhado por breve período na comunidade de Maracaju, também em Mato Grosso. Posteriormente, ele se transferiu para a SMCAE. Durante um período o frei Gregório ofereceu assistência aos frades em Sidrolândia e, depois, empreendeu esforços para arrecadar fundos e erguer um Santuário em homenagem a Nossa Senhora de Fátima na cidade de Campo Grande.

O estabelecimento dos frades em Campo Grande, no entanto, coincidiu com uma mudança de direcionamento na expansão dos frades capuchinhos na região Centro-Oeste. Enquanto ainda estavam em processo de estabelecimento nas paróquias do interior da diocese de Corumbá, os frades receberam um chamado para expandir sua presença no estado de Goiás e assegurar um papel na construção da nova capital federal, liderada por Juscelino Kubitschek.

O esforço inicial de estabelecimento em Mato Grosso foi prontamente relegado a segundo plano, com o intuito de conquistar espaço e influência em Brasília.

3.1 A Escola Miguel Couto

Como referido, ao chegarem a Campo Grande, em 1956, os frades não receberam nenhuma uma paróquia de D. Orlando. Diante dessa situação, iniciaram a busca por um terreno para se estabelecerem, mas os locais visitados, todos distantes do centro, foram descritos como abandonados, carentes de infraestrutura básica ou com custos de aquisição elevados para o orçamento da missão naquele momento. Nesse contexto, diante dessa escassez de opções, frei Romualdo Mulinari, o superior da nova Custódia Capuchinha de Mato Grosso, optou por aceitar o convite para prestar assistência espiritual na SMCAE. O objetivo era assegurar condições básicas de subsistência aos freis, ao mesmo tempo em que se planejava, para o futuro, a construção de uma paróquia na região:

Como, pois, resolver a nossa permanência em Campo Grande? depois de tudo considerado o melhor seria atender a parte moral e espiritual da escola Miguel Couto, recebendo alimento, casa, cama etc... do mesmo estabelecimento em troca do serviço prestado. E aos poucos levantar convento²⁵⁴.

Depois de se estabelecerem na SMCAE, os capuchinhos receberam propostas dos franciscanos observantes para assumirem paróquias em outras cidades, porém nenhuma delas se localizava em Campo Grande. O frei Romualdo recusou algumas dessas paróquias, alegando falta de pessoal, mas, curiosamente, aceitou outras. A verdadeira razão de sua recusa era o potencial de rendas que essas paróquias poderiam oferecer. As paróquias das cidades de Ladário e Porto Murtinho, por exemplo, foram algumas das opções apresentadas, e embora os frades franciscanos observantes tivessem considerado abandoná-las há algum tempo²⁵⁵, o frei Romualdo declinou de ambas.

Os salesianos também apresentaram aos capuchinhos a oportunidade de assumir a curadoria da catedral de Corumbá e de estabelecer uma futura paróquia em Três Lagoas, propostas apresentadas ao bispo e, depois, aceitas. Em 1957, frei Vital Aresi assumiu o cargo

²⁵⁴ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969. p. 2.

²⁵⁵ Os franciscanos observantes desejavam abandonar essas paróquias desde 1944, mas foram obrigados a permanecer nelas até o ano de 1963 (MARIN, Jérri Roberto. *A igreja católica em terra que só Deus conhecia: O acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS Ed. UFMS, 2009, p. 326).

de cura da catedral de Corumbá, permanecendo lá até 1959, quando assumiu a direção do seminário menor capuchinho em Aparecida do Taboado. Em relação à cidade de Três Lagoas, após alguns meses de colaboração entre os frades capuchinhos e os salesianos, em 1958, os capuchinhos “tiveram que se retirar” da paróquia. A justificativa apresentada pelos salesianos para a saída dos frades de Três Lagoas foi o argumento de que não era permitido estabelecer uma nova paróquia na região antes das eleições de 1960, motivo considerado falacioso pelo Frei Gregório e que gerou o desagrado dos capuchinhos²⁵⁶.

Em função disso, os capuchinhos passaram a rotular os salesianos como mesquinhos, uma vez que a paróquia de Três Lagoas representava um lugar lucrativo.²⁵⁷. Os frades vinham de uma disputa por poder e por terras em São Paulo e, aos poucos, foram se adaptando às disputas por espaço também na diocese de Corumbá, onde as ordens religiosas e o clero diocesano estavam envolvidos em constantes lutas por poder, recursos econômicos e por maior influência na sociedade. As escassas comunidades que geravam renda eram alvos de interesse tanto das ordens religiosas quanto do clero diocesano, todos competindo pela apropriação dos espaços mais prestigiosos e lucrativos.

A rivalidade por território e influência entre capuchinhos e salesianos em Três Lagoas era de conhecimento das congregações e da diocese, e ilustram um intrincado processo de luta por posição. Esse conceito, associado à busca de capital simbólico e econômico, delineado por Pierre Bourdieu²⁵⁸, expandia-se para além das dimensões puramente econômicas, adentrando os domínios do capital social e cultural na sociedade mato-grossense.

²⁵⁶ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p. 8.

²⁵⁷ Os salesianos tinham como estratégia concentrar suas atividades nas paróquias mais lucrativas na diocese de Corumbá. Com a chegada de novas congregações e ordens religiosas, estabeleceram um acordo com o bispado para concentrar esforços nas paróquias mais rentáveis e gradualmente ceder aquelas menos lucrativas. Nesse contexto, as paróquias de Três Lagoas, Campo Grande e Corumbá eram identificadas como as mais rentáveis (MARIN, Jéri Roberto. *A igreja católica em terra que só Deus conhecia: O acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 310-311).

²⁵⁸ A concepção de “disputa por posição” é fundamental na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Esse conceito está intimamente relacionado à sua perspectiva sobre o campo social e às diversas manifestações de poder que ocorrem nesse contexto. A disputa por posição diz respeito à competição entre os atores sociais dentro de um determinado campo, visando ocupar posições mais vantajosas e influentes. Esse embate implica na acumulação e mobilização de distintas formas de capital, buscando alcançar prestígio, reconhecimento e influência dentro desse domínio social. A concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar, em bases duradouras e em profundidade, a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus* religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência. A natureza e a forma das interações diretas entre os agentes ou as instituições que estão empenhados nesta concorrência, e os instrumentos e as estratégias que utilizam nessa luta, dependem do sistema

A luta por posição configurava-se, assim, um fenômeno complexo e enraizado nas estruturas sociais e delineado pelas práticas cotidianas dos religiosos em diferentes campos sociais. Os salesianos, detendo as paróquias e as escolas mais prestigiadas, bem como ocupando cargos episcopais nas dioceses de Corumbá e Campo Grande, desfrutavam de uma posição hierárquica superior. Em contrapartida, os capuchinhos empenhavam-se na busca por posições mais vantajosas dentro da mesma diocese.

Por isso, na falta de uma paróquia estabelecida em Campo Grande, os frades capuchinhos iniciaram suas atividades pastorais na SMCAE. Eles implementaram uma rotina na instituição de ensino baseada em cinco principais componentes: orações diárias, missas aos domingos, catequese, confissão e aulas de canto²⁵⁹. Essas práticas eram semelhantes às utilizadas nos seminários menores capuchinhos no Rio Grande do Sul e serviram como mecanismos de controle e regulação exercidos pela PCCXS sobre os estudantes da Escola.

Os capuchinhos, desse modo, operavam através de mecanismos disciplinares e de controle social para moldar as ações, pensamentos e comportamentos dos jovens e crianças. As práticas diárias de orações, missas e aulas de canto funcionavam como instrumentos de disciplina e controle ao estabelecerem um padrão comportamental e de devoção dentro do contexto religioso. A repetição constante dessas atividades adaptava os ritmos e hábitos de vida dos alunos, criando um senso de normalidade e conformidade em relação às crenças e valores religiosos, práticas que deviam acompanhar os estudantes até a fase adulta, transformando-os em fiéis católicos por toda a vida.

Educar as crianças emergiu como uma solução para enfrentar a escassa participação da população adulta nas práticas sacramentais. Poucos indivíduos comungavam, não se confessavam e não observavam os preceitos matrimoniais da Igreja. Entre os raros participantes, predominavam mulheres e crianças, pois os homens não frequentavam os sacramentos e raramente expressavam publicamente seus sentimentos religiosos. Desde que assumiu a diocese de Corumbá, D. Orlando havia implementado diversas campanhas com o intuito de incrementar a participação da população, pelo menos nas denominadas obrigações

de interesses e da autoridade propriamente religiosa que cada um deles assumiu: a) à sua posição na divisão do trabalho de manipulação simbólica dos leigos e b) à sua posição na estrutura objetiva das relações de autoridade propriamente religiosa que definem o campo religioso (BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6.ed. São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 2007. p. 88-89).

²⁵⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p. 6.

mínimas. Essas incluíam casar no religioso, batizar os filhos, confessar e comungar pelo menos uma vez por ano, além de promover a prática diária da oração²⁶⁰.

A catequese e a confissão desempenhavam papéis essenciais na governamentalidade das escolas e paróquias, ao monitorar e regular o conhecimento e a moral dos estudantes e dos católicos. A catequese tinha como objetivo transmitir os princípios e ensinamentos religiosos da Igreja Católica. Por sua vez, a confissão, ao incentivar a revelação dos pecados, permitia que os capuchinhos exercessem controle sobre a consciência e a moral dos jovens e adultos, contribuindo para a conformidade destes às normas religiosas.

Assim, embora apresentadas como valor espiritual, as práticas pastorais funcionavam principalmente como dispositivos de poder que regulavam e moldavam os comportamentos dos educandos da SMCAE. Essa experiência educacional se mostrou tão eficaz que os frades capuchinhos estabeleceram sua própria instituição escolar, a escola de Fátima, e à medida que avançavam na criação da primeira paróquia em Campo Grande, construíram uma escola que educava mais de 120 alunos²⁶¹.

Os alunos, entretanto, não se submetiam passivamente ao controle imposto pelos capuchinhos em ambas as experiências educacionais. Eles demonstravam desinteresse pelos conteúdos apresentados, não aderiam aos ensinamentos dos frades e chegavam ao extremo de depredar o patrimônio das escolas. Na Escola Miguel Couto, frei Gregório comparou os estudantes a animais selvagens que resistiam ao processo educativo, descrevendo-os como “xucros que nem fio de adaga”²⁶². Já na escola de Fátima, os capuchinhos enfrentaram resistência dos alunos ao ponto de necessitarem de um guarda para manter a ordem. Gregório cita que os alunos da escola eram tão rebeldes que foi preciso contratar um guarda para cuidar do patrimônio da escola, chama-os de “indiaiada silvestre”²⁶³.

A descrição dos povos indígenas como sinônimo de “selvagens” revela uma visão preconceituosa em relação a essas populações, retratada como animais a serem civilizados. Tal

²⁶⁰ MARIN, Jéri Roberto. *A igreja católica em terra que só Deus conhecia: O acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 355.

²⁶¹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro I). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.]

²⁶² ALVES, Gregório de Protásio. *Bodas de ouro sacerdotais – De frei Gregório de Protásio Alves*. Porto Alegre, RS, Editora Nova Dimensão, 1989. p. 40.

²⁶³ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p. 2.

preconceito, contudo, não se limita à concepção dos indígenas, estendendo-se à visão da região conhecida como “sertão”, percebida como uma terra que necessitava ser conquistada e civilizada. Frei Gregório endossa essa perspectiva ao afirmar que ele e os frades, em conjunto com a Igreja Católica, desempenhavam um papel civilizatório em Mato Grosso. Exaltava, por extensão, a missão dos frades de impulsionar o processo civilizatório na sociedade mato-grossense.

No empenho de controlar jovens e adultos e ampliar sua influência em Campo Grande, os frades capuchinhos sempre contaram com o respaldo de diversas congregações femininas. Logo após sua chegada, receberam auxílio das Irmãs Franciscanas Catequistas, uma congregação que já colaborava com os franciscanos observantes na Paróquia São Francisco e no Patronato de Menores São Francisco. As irmãs desempenharam, por exemplo, papel significativo na organização de celebrações festivas e procissões na Escola Miguel Couto²⁶⁴.

Além disso, diversas outras congregações femininas que desempenhavam atividades em Campo Grande estabeleceram relações de colaboração na escola, entre elas, as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado²⁶⁵ e as Irmãs Vicentinas²⁶⁶. Os frades chegaram a solicitar que as Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria se estabelecessem de forma permanente na escola para oferecer assistência contínua na SMCAE, porém não obtiveram sucesso²⁶⁷.

O trabalho e a importância das congregações femininas no estabelecimento da Ordem Capuchinha no Mato Grosso não são devidamente reconhecidos pelos frades. Raramente, nas memórias dos religiosos, as irmãs são mencionadas, e quando são ocupam papéis secundários, como prestadoras de serviços para os religiosos homens, envolvendo-se, principalmente, na preparação de alimentos e na lavagem de roupas. Embora as congregações femininas tenham desempenhado um papel crucial para os frades, suas contribuições foram silenciadas nas memórias individuais dos freis e da presença da ordem capuchinha em Mato Grosso. O silenciamento, como demonstra a teóloga Uta Rankeheinem, revela que na “história do cristianismo [...] as mulheres foram silenciadas e privadas de seus direitos”²⁶⁸.

²⁶⁴ *Ibid.*, p. 6.

²⁶⁵ *Ibid.*, p. 9.

²⁶⁶ *Ibid.*, p. 17.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 8.

²⁶⁸ RANKEHEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro, RJ, Rosa dos tempos, 1999. p. 140.

3.2 A construção da garça branca do frei Gregório: A paróquia Nossa Senhora de Fátima.

A construção de uma paróquia ou santuário em homenagem a Nossa Senhora de Fátima em Campo Grande foi sugerida por D. Orlando no ano de 1957²⁶⁹. A proposta inseriu-se em um contexto sociocultural peculiar da época, em que a Virgem de Fátima desfrutava de uma considerável popularidade. Isso se devia, em parte, à aura de mistério que envolvia o último segredo de Fátima, ainda não revelado naquele período²⁷⁰. A especulação em torno desse segredo alimentava a devoção a Nossa Senhora de Fátima, tornando-a uma figura de grande relevância no cenário religioso.

Antes da chegada dos frades a Mato Grosso, em 1953, D. Orlando encomendou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, originária de Portugal, com o propósito de iniciar uma peregrinação pela diocese. Organizaram-se visitas às casas dos fiéis, peregrinações e grandes celebrações em honra a Virgem. Tais peregrinações e visitas de imagens de Nossa Senhora, sob diversas denominações como a de Fátima, do Forte Coimbra, da Imaculada e da Abadia, eram práticas comuns na diocese de Corumbá. O bispo empregava esses eventos com o objetivo de converter a população e mobilizar a sociedade em favor da Igreja:

As visitas das imagens objetivavam cristianizar a sociedade mato-grossense. Em torno delas foram desenvolvidas campanhas pela legitimação dos casamentos civis e uniões livres, pelo incremento das práticas sacramentais e da vida eucarística, pela conversão dos acatólicos e pelo combate a todos aqueles que consideravam seus inimigos, como: espíritas, protestantes,

²⁶⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p. 5.

²⁷⁰ Os segredos de Nossa Senhora de Fátima foram revelados aos três pastorinhos, Lúcia dos Santos, Francisco Marto e Jacinta Marto, durante uma série de aparições que ocorreram, em 1917, na cidade de Fátima, Portugal. Nossa Senhora apareceu para essas crianças várias vezes ao longo de seis meses, começando em 13 de maio de 1917 até outubro do mesmo ano. Cada uma das aparições trazia mensagens específicas que, em parte, constituíam os segredos. Segundo os relatos, Nossa Senhora confiou esses segredos às crianças em três partes, conhecidas como os "Três Segredos de Fátima". O terceiro, que permaneceu em segredo por muitos anos, foi finalmente revelado pela Igreja Católica em 2000: uma visão que se acredita estar relacionada com eventos históricos significativos, incluindo o atentado contra o Papa João Paulo II, em 1981. Os dois primeiros segredos eram mensagens sobre a devoção, oração e penitência, bem como previsões sobre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial. Eles foram revelados pelas crianças antes de suas mortes em decorrência da pandemia da gripe espanhola, ocorrida entre 1918 e 1919. Portanto, os segredos de Fátima foram revelados em partes, durante as aparições de 1917, e o terceiro, em 2000, depois de significativo sigilo. (CARVALHO, José Carlos. O Segredo e os segredos da Mensagem de Fátima à luz das Escrituras. *Humanística e Teologia*, Porto, Portugal. v. 38, n. 2, 2017, p.103 - 120).

maçons, favoráveis ao divórcio, seguidores da umbanda, indiferentes e comunistas. Esses deveriam abjurar sua fé e abraçar o catolicismo²⁷¹.

É importante destacar que a devoção a Nossa Senhora de Fátima também estava intrinsecamente relacionada ao contexto político da Guerra Fria. O conteúdo anticomunista associado às aparições de Fátima era especialmente atrativo em uma época em que o mundo estava polarizado entre os blocos capitalista e socialista. Nesse sentido, a prática da recitação do rosário de Nossa Senhora de Fátima não era apenas uma manifestação religiosa, mas também uma expressão de posicionamento político, sendo adotada por muitos católicos como um símbolo de proteção na luta contra o comunismo²⁷².

A proposta de D. Orlando para que os capuchinhos construíssem uma paróquia ou santuário dedicado à Nossa Senhora de Fátima em Campo Grande revela, portanto, a interseção entre religião e poder político da época. A devoção religiosa estava intimamente ligada às dinâmicas políticas e ideológicas mais amplas, especialmente em meio à Guerra Fria.

O primeiro terreno adquirido pelos frades em Campo Grande, visando construir o Santuário em honra a Nossa Senhora de Fátima, foi comprado em novembro de 1956. Trata-se de uma propriedade de 5000 m², adquirida pelo valor de 150 mil Cruzeiros e localizada ao lado da SMCAE. Inicialmente, foi efetuado um pagamento inicial de 20 mil cruzeiros, dos quais 15 mil foram cobertos pela Custódia Capuchinha e 5 mil pela SMCAE. O montante restante foi parcelado, sem a aplicação de juros²⁷³.

No terreno adjacente à Escola, os frades iniciaram a construção de uma chácara denominada Chácara Miguel Couto e de um pequeno convento, que servia como residência para eles. Entretanto, a chácara não foi utilizada como base para a construção da paróquia em Campo Grande, devido à sua localização distante do centro da cidade. Como resultado, a propriedade foi posteriormente vendida. Os frades continuaram a residir no convento da chácara até o mês de setembro de 1963, quando foi inaugurada a primeira casa paroquial do Santuário Nossa Senhora de Fátima, em outra localização²⁷⁴.

²⁷¹ MARIN, Jérri Roberto. *A igreja católica em terra que só Deus conhecia: O acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 393.

²⁷² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 2002, p. 305-306.

²⁷³ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p. 2-3.

²⁷⁴ *Ibid.*

A construção efetiva do Santuário de Fátima teve início somente em 1959, com a responsabilidade da execução atribuída a Frei Gregório de Protásio Alves²⁷⁵. No mesmo ano, Gregório havia se retirado da paróquia de Maracaju, após enfrentar ameaças de morte devido à dificuldade em chegar pontualmente à missa de corpo presente de um importante fazendeiro da região. Situação que o levou a fugir para Campo Grande. Inicialmente, ele prestou assistência na SMCAE, na paróquia de Sidrolândia, e assumiu a função de Superior da Zona de Campo Grande na ausência do primeiro custódio, Frei Romualdo Mulinari.

Sob a orientação do provincial PCCXS, Frei Celestino Dotti, os frades receberam a instrução de estabelecer uma paróquia no centro da cidade. D. Antônio Barbosa, Bispo de Campo Grande, havia concedido ao superior dos capuchinhos a liberdade de construir a nova paróquia onde julgasse mais conveniente. Esse imperativo implicou na necessidade de encontrar um novo local para conduzir suas atividades religiosas na região, um local que englobasse uma infraestrutura administrativa para os capuchinhos, abrangendo tanto a paróquia quanto um convento para os frades²⁷⁶.

Nesse contexto, frei Gregório iniciou um processo de busca ativa por um terreno adequado que pudesse acomodar a construção do Santuário de Fátima. Isso envolveu a análise de diferentes terrenos, levando em consideração não apenas os aspectos financeiros, mas também a localização estratégica. Além disso, foram estabelecidas alianças estratégicas com líderes políticos e religiosos da cidade, a fim de alcançar tal objetivo. Para obter recursos financeiros para a aquisição do terreno foram realizadas campanhas de doações, dirigidas aos fiéis, além da solicitação de incentivos fiscais da prefeitura.

²⁷⁵ Frei Gregório Bonatto, registrado com o nome de David Bonatto, nasceu em 1915, na cidade de Protásio Alves, na época denominada Nova Prata. Ele tinha fortes raízes italianas, já que seus avós, Bernardo e Elisa, deixaram a Itália após um trágico incêndio que ceifou a vida de três de seus filhos. Em busca de uma nova oportunidade de vida e de recomeço, eles escolheram o Brasil como destino, e foi aqui que nasceu João Bonatto, o pai de Frei Gregório. A mãe do religioso, Matilde Brezolin, raramente é mencionada nos relatos e escritos que abordam a sua vida. A subsistência da família estava, em grande parte, vinculada à agricultura e ao trabalho manual. A jornada religiosa de Frei Gregório teve início em 1927, quando ele ingressou no seminário capuchinho localizado em Veranópolis, no Rio Grande do Sul. Após treze anos de formação, ele foi ordenado padre na mesma cidade, em janeiro de 1940. Ao longo de sua carreira religiosa, ele serviu nas paróquias de Cacique Doble e Sananduva, situadas no sul do Brasil. Mais tarde, mudou-se para o noroeste paulista, onde exerceu suas funções por um período de três anos, de 1953 a 1956, na cidade de Votuporanga. Sua trajetória o conduziu ao Mato Grosso, onde ele exerceu seu ministério em Maracaju de 1957 a 1959 (SGANZERLA, Alfredo. *Frei Gregório de Protásio Alves: Missionário Popular*. Campo Grande, MS, Gráfica e Editora América, 2005. p. 11-24).

²⁷⁶ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p. 18.

Figura 6: A primeira igreja no terreno definitivo.



Primeira igreja construída em 1962 no terreno onde hoje está erguido o Santuário Nossa Senhora de Fátima em Campo Grande/MS.

Fonte: Parte do acervo particular da Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Campo Grande/MS.

Para o projeto do Santuário de Fátima, Frei Gregório contou com o apoio de diversas lideranças políticas, incluindo deputados estaduais e municipais, o prefeito local e até o governador de Mato Grosso²⁷⁷. Os recursos obtidos dessa rede de colaboração evidenciam a interconexão entre poder religioso, político e social. A dinâmica destaca também como o poder religioso dos frades operou de forma multifacetada na sociedade, influenciando decisões políticas e moldando a sociedade mato-grossense de acordo com seus interesses e objetivos em várias instâncias.

O terreno onde o Santuário foi construído foi adquirido em abril de 1962, após várias pesquisas e desentendimentos²⁷⁸. Esse compreendia 22 lotes, correspondendo a dois quarteirões

²⁷⁷ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro I). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.].

²⁷⁸ Durante a pesquisa por terrenos, houve uma divergência com a artista Lídia Bais, uma figura pública da cidade, que havia sido indicada por outras congregações como uma possível doadora de terras, mas não quis doar seus terrenos aos frades. Frei Gregório a ofende chamando-a de louca e remetendo-a aliada de espiritas e de cultos afro-brasileiros. PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso* (Zona de Campo Grande). Campo Grande, 1956-1969. p. 25.

na antiga Vila Santo André, atualmente conhecido como bairro Monte Líbano. A negociação para a compra do terreno foi conduzida em acordo com o novo superior da Custódia, frei Victorio Remigio Vian, que havia sido eleito em janeiro de 1962. O valor total da compra foi de 2 milhões de cruzeiros, com um pagamento inicial de 600 mil. Além disso, foram acordadas três parcelas, uma de 400 mil cruzeiros e duas de 500 mil cruzeiros cada, sem a incidência de juros²⁷⁹.

Apesar da satisfação por terem encontrado um terreno espaçoso que atendia ao propósito de estabelecer uma paróquia e um convento para os frades, algumas lideranças expressaram descontentamento em relação a dois aspectos da localização do terreno. O primeiro ponto de insatisfação era o fato de ser aquela uma região ainda pouco habitada, e o segundo estava relacionado à violência; eles se queixavam dos “pistoleiros que clareavam as noites com o pipoquear dos revólveres”²⁸⁰ na vila Santo André.

Os frades, em contrapartida, argumentavam que seriam os pacificadores do local e que a criação de uma nova paróquia traria ordem e progresso à região²⁸¹. Apesar das reclamações acerca da violência no bairro, o banditismo e a chamada “institucionalização da violência costumeira”²⁸² ainda eram comuns em vários lugares de Campo Grande durante os anos de 1950. Os frades, inclusive, portavam armas, que incluíam revólveres, espingardas e facas, para se defender.

A antiga vila Santo André, atualmente conhecida como Bairro Monte Líbano, situava-se afastada do centro de Campo Grande. Era um local caracterizado por vastas áreas de vegetação e escassez de residências, habitado principalmente por descendentes de libaneses, lavradores e pessoas de baixa condição econômica que não tinham meios para residir no centro

²⁷⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro D). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.].

²⁸⁰ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano I, Brasília, DF, n. 1, dez.1982, p. 29.

²⁸¹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro D). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.].

²⁸² Segundo Valmir Corrêa, o advento do período republicano consolidou na região de Mato Grosso uma situação de violência e banditismo que remontava ao período colonial. Tornou-se comum o uso intensivo da violência, mesmo entre familiares e habitantes da mesma vila ou cidade, dada a ausência de um Estado atuante. A população, desprovida de um mecanismo regulador, costumava portar armas e resolver suas divergências por meio da força. CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso* (1989-1943). 2ª. ed. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2006, p. 36-37.

da cidade²⁸³. Apesar de distante do núcleo urbano, a vila encontrava-se mais próxima da Escola e da chácara Miguel Couto.

Até 1964, ano em que a Paróquia Nossa Senhora de Fátima foi oficialmente estabelecida, a diocese de Campo Grande contava com 16 paróquias²⁸⁴. D. Antônio Barbosa, seguindo a política de expansão territorial de D. Orlando Chaves, empenhou-se na criação de novas paróquias na diocese, buscando ocupar espaços e padronizar o território diocesano. Os frades foram agentes do processo de paroquialização da diocese, marcando presença em uma área de expansão urbana da cidade de Campo Grande. Eles procuravam controlar e converter a população do bairro, assumindo um papel civilizador e normatizador no novo território.

O aumento no número de paróquias representava um empreendimento de governamentalidade da Igreja, visando controlar a população, disciplinar os sujeitos e afastar as igrejas concorrentes:

A criação de uma paróquia era por si só a antessala de uma futura sede municipal. A paróquia era o laboratório prévio das experiências possíveis de estruturação administrativa, legitimação da elite política de comando local, criação de escolas e obras pias e assistenciais e de controle da população desde que sob o olhar vigilante do Bispo, que se pode considerar o anteparo do poder estadual²⁸⁵.

Com a presença dos frades no bairro, a Igreja se estabelece em um novo território, aplicando mecanismos biopolíticos à população. Os frades passam a exercer influência e controle sobre diversas esferas, incluindo relações familiares, atividades sexuais, casamento, natalidade, vida produtiva, saúde e morte dos habitantes do bairro. Assumem, desse modo, um papel de gestão da vida e da população por meio da paróquia.

Com o terreno negociado, iniciaram-se as campanhas para arrecadar os fundos necessários para pagar o restante do valor do terreno e construir a paróquia. Nesse esforço, o frei Gregório adotou diversas estratégias de angariação de recursos. Ele participou de inúmeras

²⁸³ TORRES, Thailla. Libanês, chegou sozinho, foi chamado de louco, mas não abriu mão do Monte Líbano. *Campo Grande News*, Campo Grande – MS, 26 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/libanes-chegou-sozinho-foi-chamado-de-louco-mas-nao-abriu-mao-do-monte-libano>>. Acesso em: 10, jan. de 2024.

²⁸⁴ CASTILHO, Maria Augusta de. *Religião, símbolo e poder no 1. bispado de Campo Grande-MS: 1958-1978*. Campo Grande, MS, Ed. UCDB, 1998. p.76-79.

²⁸⁵ SOUZA, Rogério Luiz de. A paroquialização como fenômeno geopolítico e estratégia biopolítica no processo de formação da República no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 78, n. 310. Petrópolis, RJ, 2018, p. 326-327.

atividades, como tocar em bailes, vender livros e artigos religiosos (como terços, santinhos e imagens), além de dar aulas particulares de canto e acordeom. Frei Gregório também se dedicou a fidelizar dizimistas e outros doadores. Contudo, as táticas mais impactantes foram a organização de festas paroquiais e as visitas a fazendeiros. Essas últimas, em particular, evidenciaram o poder de negociação e persuasão de frei Gregório, que buscava a todo momento o apoio junto às elites locais.

Em maio de 1962, foi realizada a primeira festa para angariar fundos em honra à Senhora de Fátima. É importante observar que os preparativos e a própria festa não ocorreram no terreno adquirido, mas sim no centro da cidade, especificamente na rua 14 de julho, na paróquia São José, com a aprovação do pároco da Paróquia São José, Padre João Falco. Frei Gregório conseguiu estabelecer alianças e negociar espaços dentro da cidade, influenciando e moldando o ambiente urbano e religioso local, a fim de alcançar maior lucratividade em suas atividades.

A primeira estratégia adotada consistiu na realização de procissões, novenas e na visita às casas das famílias mais abastadas, com o objetivo de obter doações. Em média, cada visita resultou em 800 cruzeiros. Os membros das associações leigas foram também mobilizados para angariar fundos, servindo como instrumentos de mobilização comunitária e engajamento da população em prol dos objetivos da construção da paróquia. Os sócios do Apostolado da Oração e Filhas de Maria, por exemplo, foram encarregados de organizarem as procissões e de selecionarem as melhores casas para serem visitadas durante as novenas ²⁸⁶.

As festas paroquiais, como anteriormente referido, representavam uma preocupação para os bispos tanto da diocese de Corumbá quanto, posteriormente, da diocese de Campo Grande²⁸⁷. Isso porque muitas dessas festas eram consideradas excessivas e contraproducentes para a integridade da fé e da moral cristã. Elas frequentemente envolviam símbolos e rituais não católicos, atraindo também um público diversificado que incluía pessoas não religiosas.

²⁸⁶ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro I). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.]

²⁸⁷ A Diocese de Campo Grande foi estabelecida em 15/06/1957 por meio da Bula *Inter Gravíssima* do Papa Pio XII, sendo desmembrada da Diocese de Corumbá e da então Prelazia de Registro do Araguaia (atual Diocese de Guairatinga). Sua instalação ocorreu em 24/05/1958, tendo como primeiro bispo D. Antônio Barbosa (1958-1986). O processo de desmembramento da Diocese teve início em 1954. Devido à vasta extensão territorial e ao considerável fluxo migratório de brasileiros e imigrantes paraguaios e bolivianos, D. Orlando já havia solicitado a nomeação de bispos auxiliares para ajudá-lo na administração da diocese de Corumbá. Esse plano buscava descentralizar a administração e expandir a hierarquia católica, sendo um importante passo no processo de reforma da Igreja Católica (MARIN, Jéri Roberto. *A igreja católica em terra que só Deus conhecia: O acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2009, p. 414-415).

Nas festas organizadas pelo frei Gregório observa-se que ele não aderiu totalmente às normas estabelecidas pelo bispo. Sua principal preocupação era reunir o maior número possível de pessoas, visando angariar recursos para seus objetivos. Assim, com o auxílio de seu grupo musical Alvorada, Frei Gregório promovia apresentações musicais que frequentemente se estendiam até altas horas da madrugada. O grupo musical representava uma estratégia pastoral de evangelização com o propósito de atrair uma ampla variedade de pessoas, incluindo não católicos. Muitos se mobilizavam para apreciar uma banda que não só tocava músicas sacras, mas também vaneira, chamamé e outros ritmos comuns em festas populares da cidade. Ao término das festas, tornava-se difícil perceber a diferença entre um evento religioso e uma festa comum da cidade

As festas geravam incômodo a alguns moradores das proximidades, que reclamaram do barulho persistente após as 10 horas da noite. Em resposta às queixas, a justificativa apresentada pelo frei Gregório era que, “*durante o carnaval, o pau quebrava até as 2 da manhã*”²⁸⁸, sugerindo uma espécie de padrão de comportamento em relação ao horário das festividades.

Nas festas organizadas pelo Frei Gregório, as diretrizes morais e religiosas da diocese eram relegadas a segundo plano, como evidenciado durante a primeira celebração em prol da construção da paróquia. Após dias frios e com pouca arrecadação, um episódio marcante se desenrolou na cidade: 15 moças, convidadas por uma empresa privada, realizaram um desfile de biquíni em um teatro próximo às festividades. Essa situação provocou uma grande mobilização de pessoas, resultando no aumento dos lucros da festa. No final da noite, o frei expressou sua alegria:

Campo Grande, quase em peso foi assistir. A firma foi prejudicada em parte, quem levou o dinheiro foi a moçada. Mas Fátima venceu porque naquela noite deu mais do que as outras noites passadas, 110.000 mil cruzeiros! Viva a Fátima!²⁸⁹.

Nas festas paroquiais, a dinâmica de arrecadação de recursos seguia um padrão notável. Leilões eram promovidos ao longo desses eventos e destacava-se a habilidade de frei Gregório em cativar fazendeiros, resultando em significativas doações em dinheiro e animais. Nessa época, a população rural de Campo Grande ainda representava cerca de 58% do total, com boa

²⁸⁸ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Livro D). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.]

²⁸⁹ *Ibid.*

parte da economia local associada às atividades agrícolas e criatórias²⁹⁰. Frei Gregório descreve o ambiente das festas e as táticas para ganhar mais dinheiro nos leilões:

As quermesses eram feitas ao ar livre. Eram bem armadas, muito vozerio e cheias de alegria. Ao chegar o festeiro com sua família, o magote de fazendeiros e representantes de diversas regiões, davam um alô aos membros do Conjunto Alvorada, composto por Sebastião E. de Araújo, Frei Gregório, José Flores e as cinco Marias, para tocar uma peça musical campeira, o povo sem mais explodia numa estrondosa salva de palmas. Começava então, de imediato, o leilão, cantado pelos eméritos leiloeiros: Marciano, Raul Barbosa, Farias, Alonso e Aquino Miranda, com muita vibração, brincadeiras de fazer *correr a cotia* e porfiando para que o lance fosse cada vez mais elevado, especialmente em se tratando de leilão de gado e assados em geral. Com esses fazendeiros campeiraços, a renda da festa estava garantida. Era dinheiro que *nem ladrão acabava*.

É relevante destacar que a consolidação do Santuário de Fátima ocorreu, em grande medida, devido ao respaldo financeiro proporcionado pela elite agropecuária local. Frei Gregório estabelecia laços de interesse com esses fazendeiros, não apenas recebendo suas contribuições, mas também atendendo às suas demandas. Além de conceder bênçãos especiais e officiar casamentos, o frei exibia suas habilidades musicais ao tocar sanfona, empenhando-se para assegurar a satisfação desse influente grupo. Existia uma interseção entre as práticas de poder e controle social com os eventos religiosos na sociedade mato-grossense dos anos 60. Frei Alfredo ressalta que a ligação entre frei Gregório e os fazendeiros era praticamente indivisível:

Ele tinha amigos em todas as áreas, especialmente os fazendeiros. Frei Gregório identificou-se com eles e eles com o Frei. Três nomes que no tempo eram inseparáveis: Frei Gregório, o fazendeiro e a sanfona. Como resultado as bezerras vinham em abundância e assim a Igreja foi construída²⁹¹.

Os lucros nas festas e leilões eram extraordinários. Na primeira festa, realizada em maio de 1962, o ganho líquido foi de aproximadamente um milhão e 600 mil cruzeiros. Com esse montante e com uma pequena ajuda do Bispo D. Antônio Barbosa, eles conseguiram quitar os terrenos adquiridos antes do vencimento das parcelas. Na segunda festa, ocorrida em 1963, o

²⁹⁰ MORO, Nataniél Dal. *Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2007. 365 f. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007. p. 99.

²⁹¹ SGANZERLA, Alfredo. *Frei Gregório de Protásio Alves: Missionário Popular*. Campo Grande, MS, Gráfica e Editora América, 2005. p. 25-26.

valor arrecadado alcançou 2 milhões de cruzeiros, que foram utilizados para construir uma pequena capela e a casa paroquial nos terrenos. Em 1º de janeiro de 1964, o Bispo de Campo Grande, D. Antônio, publicou a ereção da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, com territórios desmembrados das paróquias Santo Antônio, São José e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro²⁹².

A festa de 1964, já realizada no terreno da paróquia, expandiu-se significativamente. Frei Gregório investiu fortemente em propaganda, o que resultou em um lucro três vezes maior do que nos anos anteriores. Pela primeira vez, foram veiculadas propagandas em três rádios da cidade: PRI-7 (atual Difusora Pantanal), Rádio Cultura FM e Rádio Educação Rural. Além disso, ele mandou imprimir materiais promocionais para distribuição na cidade. Nesse processo, a mídia desempenhou um papel crucial como instrumento de disseminação do poder religioso na cidade.

Frei Gregório promoveu, concomitantemente, concursos de beleza destinados às jovens da paróquia, destacando a eleição da rainha da festa de maio, no qual as moças das famílias mais influentes eram as concorrentes. Esse empreendimento visava não apenas à seleção da rainha, mas também à expansão da visibilidade e influência das famílias mais abastadas na paróquia. Os concursos de belezas atraíam mais público para as festas. Com o aumento na participação de pessoas nas festas, os lucros também cresceram consideravelmente, alcançando a cifra aproximada de 5 milhões e 600 mil cruzeiros²⁹³.

Figura 7: Rainha da Festa de Maio



Fonte: Parte do acervo fotográfico do Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Campo Grande/MS.

²⁹² PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Decreto de Ereção da Paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1964, 2 fl. p.1.

²⁹³ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro I). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.]

Os lucros gerados nas festas desempenharam um papel crucial tanto no início quanto no decorrer do processo de construção do Santuário de Fátima, ocorrido entre os anos de 1962 e 1974. Novamente, observa-se que a colaboração das elites locais não apenas se manteve como também se manifestou de outras formas, por meio de inúmeras contribuições financeiras e doações de materiais essenciais para a construção. Políticos influentes, comerciantes e fazendeiros, embora se autodenominassem católicos, uniram-se ao frei Gregório em busca de legitimação de suas posições na estrutura social vigente.

Assim, as doações e financiamentos provenientes dessas elites não apenas respaldaram as atividades religiosas, mas também exerceram influência nas agendas e prioridades dos frades. O entrelaçamento de interesses entre Frei Gregório, os capuchinhos e as elites mato-grossenses tornam-se evidente no discurso de apoio ao golpe de 1964. A elite agrária do Centro-Oeste, temendo uma revolução socialista no Brasil e uma possível reforma agrária, uniu-se à Igreja Católica no desejo de intervenção militar no governo de João Goulart em 1964²⁹⁴. Frei Gregório, que mantinha diversas relações com fazendeiros e grandes latifundiários para a construção da paróquia, elogiou o golpe como uma revolução necessária no início do mês de abril de 1964, declarando-o como uma “vitória contra o comunismo”²⁹⁵.

Em dezembro de 1964, a primeira igreja de madeira foi erguida e a casa paroquial foi concluída. O início da construção do Santuário, em 1965, enfrentou desafios que dificultaram sua conclusão. Tanto a finalização da planta quanto a construção dos 36 pilares de sustentação demandaram mais esforço do que inicialmente imaginado. O tamanho imponente do templo contribuiu para um custo que excedeu as receitas da paróquia nos primeiros anos de sua existência²⁹⁶.

Após a conclusão da estrutura em 1965, a obra experimentou uma significativa pausa nos anos de 1966 e 1967, retomando com mudanças expressivas apenas em 1968. Frei Gregório, durante esse período, empenhou-se na promoção de diversos eventos, como bailes, quermesses, festas, leilões e visitas a fazendas, buscando arrecadar fundos para a conclusão do templo. A finalização do Santuário, que levou cerca de 10 anos, coincidiu com o aproveitamento por parte

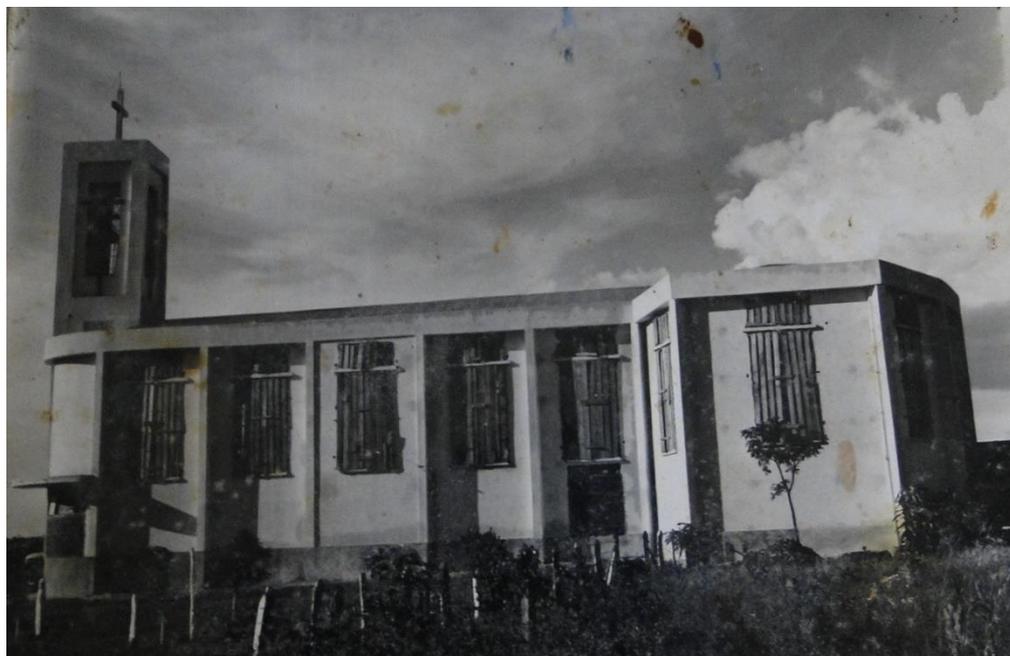
²⁹⁴ LEITE, Eudes Fernando. *Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados, MS, Editora UFGD, 2009. p. 62.

²⁹⁵ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro I). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.]

²⁹⁶ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso* (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969, p.36

de frei Gregório do crescimento do bairro, da melhoria na estrutura urbana e do fortalecimento da condição financeira dos paroquianos. O santuário foi solenemente inaugurado em 13 de maio de 1974, com a presença do bispo Dom Antônio Barbosa e do pároco frei Gregório²⁹⁷.

Figura 8: O Santuário de Fátima em Construção (1972).



Fonte: Parte do acervo fotográfico do Muscap

3.3 A expansão para o Goiás e Brasília em detrimento de Mato Grosso

A construção de Brasília ocorreu na segunda metade da década de 1950, sob a liderança do presidente Juscelino Kubitschek, que governou o Brasil de 1956 a 1960. Tal projeto se destacou como um dos eventos mais significativos de sua gestão, e sua relevância não se limitou à edificação dos grandiosos palácios no Planalto Central, mas também teve um impacto profundo na opinião pública. O empreendimento, assim, inspirou debates intensos e adquiriu um significado simbólico de grande importância. Nos jornais de grande circulação da época, era comum encontrar referências à função integradora de Brasília, realçando seu papel fundamental na efetiva unificação do país, sobretudo através do seu plano rodoviário, que estabeleceria conexões cruciais entre as diversas regiões do Brasil. Essa visão fortalecia a ideia de uma nação coesa e interligada²⁹⁸.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 43.

²⁹⁸ VIEIRA, Tamara R. Brasília: Uma clareira aberta nos sertões do Brasil o papel dos médicos e higienistas na construção da nova capital (1956-1960). In: XXIII Simpósio Nacional; Associação Nacional de História, 2005, Londrina, PR, *Anais ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História*, 2005.

As oportunidades inéditas que Brasília oferecia eram amplamente divulgadas em todo o Brasil, convidando todos para contribuir e preencher o que era percebido como um “vazio” no Planalto Central. A Igreja Católica, em sintonia com o poder político, mobilizou-se para desempenhar papel também no processo de “civilização” desse território então em desenvolvimento. Em 26 de março de 1956, por meio da bula *Suma Christi Voluntas*, o Papa Pio XII instituiu a arquidiocese de Goiânia. Pouco tempo depois, em 1957, a nova arquidiocese recebeu seu primeiro bispo, D. Fernando Gomes dos Santos²⁹⁹. Ele foi encarregado de estabelecer a arquidiocese de Goiânia e também de organizar o controle do território de Brasília, que estava apenas começando a ser construído e fazia parte da área episcopal da arquidiocese de Goiânia³⁰⁰.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecida em 1952 e com laços estreitos com o poder político desde o início³⁰¹, convidou várias ordens e congregações religiosas para participar do esforço na Nova Capital³⁰². Os capuchinhos, atendendo à ordem do ministro geral, também se envolveram na conquista de territórios na nova capital, vista como “a obra do século para o Brasil” pelos frades.

A chegada dos frades a Brasília aconteceu sem a autorização de D. Fernando Gomes. A equipe de missionários populares capuchinhos da PCCXS estava percorrendo a diocese de Leopoldina, em Minas Gerais, quando decidiram se dirigir às obras em andamento em Brasília. O líder do grupo, frei Bernadino Vian, chegou à cidade e ofereceu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima a Sarah Kubitschek, que estava planejando construir uma igreja em homenagem à santa, em cumprimento a uma promessa e da cura de sua filha Márcia, que estava

²⁹⁹ Foi nomeado primeiro como bispo de Penedo (AL), em 1943, e mais tarde transferido para a diocese de Aracajú, em 1949. Teve influente atuação na criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), compondo desde a década de cinquenta sua Comissão Central (QUADROS, Eduardo Gusmão de. *O difícil nascimento da Arquidiocese de Goiânia*. In: MARIN, Jérri Roberto, et al. *Circunscrições eclesiais católicas no Brasil: articulações entre Igreja, Estado e Sociedade*. Campo Grande, Ed. UFMS, 2021. p. 233).

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 231-237.

³⁰¹ SCHALLENMUELLER, Christian Jecov. *Tradição e Profecia*. O pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964). 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) USP, São Paulo, 2011, p. 71.

³⁰² DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 701.

com uma grave doença. Os frades afirmam ter lançado a pedra fundamental da igreja de Fátima³⁰³:

[...] Sem delongas, mesmo sem autorização do bispo (D. Fernando Gomes), numa daquelas revoadas turísticas à nova terra, lançaram a pedra fundamental. Os jornais noticiaram o fato por todo o Brasil³⁰⁴.

Os frades capuchinhos demonstraram uma rápida capacidade de organização ao se estabelecerem em Brasília. Eles conseguiram estabelecer uma relação próxima com a família do presidente da República, Juscelino Kubitschek, e enxergaram o território como promissor. Em seguida, buscaram uma autorização oficial do bispo D. Fernando Gomes para assumir a Igrejinha e estabelecer outras paróquias na região.

Figura 9: Construção da Igrejinha de Fátima

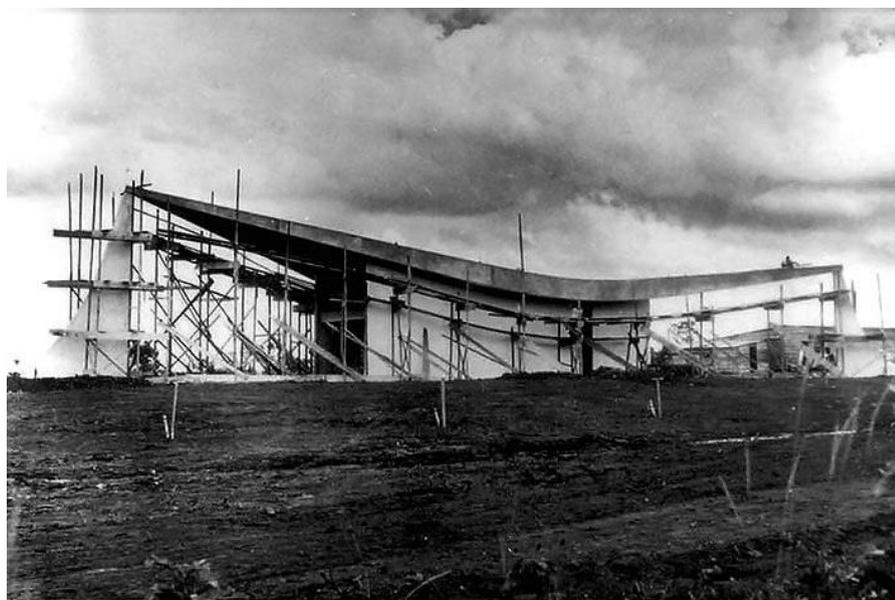


Foto: Humberto Franceschi, parte do acervo do arquivo público do Distrito Federal.

³⁰³A Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima, foi a primeira igreja construída em Brasília, sendo inaugurada em junho de 1958. A obra foi projetada por Oscar Niemeyer, cuja arquitetura faz alusão a um chapéu de freiras. Ela está localizada no perímetro tombado do Conjunto Urbanístico de Brasília, registrado no Livro do Tombo Histórico em 14 de março de 1990. Inicialmente, recebeu um tombamento provisório em 2007, que foi posteriormente convertido em tombamento definitivo em 2017, como parte do conjunto das obras de Oscar Niemeyer. Além disso, a igreja está registrada no Livro do Tombo das Belas Artes. Os Frades Menores Capuchinhos continuam responsáveis por sua manutenção até os dias de hoje. A obra é famosa não apenas pela presença religiosa, mas também pelo valor arquitetônico e cultural na cidade de Brasília. Igrejinha (DF) inicia serviços de conservação recomendados pelo Iphan. (IGREJINHA (DF) INICIA serviços de conservação recomendados pelo Iphan. *Ministério da Cultura*, Brasília, DF, 18 jan. 2022 Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/igrejinha-df-inicia-servicos-de-conservacao-recomendados-pelo-iphan>>. Acesso em: 10 de out. de 2023).

³⁰⁴ A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano I, Brasília, DF, n. 1, dez.1982, p. 48.

Quando questionado pelos capuchinhos, D. Fernando Gomes decidiu negociar e concordou em conceder uma paróquia em Brasília, com a condição de que eles assumirem comunidades nos interiores do estado de Goiás. Essa disputa por espaço, influência e recursos levou o Bispo diocesano a condicionar a concessão de paróquias na tão desejada nova capital mediante o compromisso dos frades em assumirem paróquias em outras regiões, mais necessitadas.

Os frades aceitaram assumir paróquias mais carentes e distantes, em Goiás. Em 1958, eles assumiram a administração de uma paróquia em Goiânia (no bairro Macambira), outra na cidade de Piracanjuba e uma terceira em Caldas Novas. Somente após esse período, D. Fernando autorizou os frades a assumirem a Igreja Nossa Senhora de Fátima. Esse processo de expansão da Ordem Capuchinha no estado de Goiás aconteceu simultaneamente à instalação da ordem em Mato Grosso, o que deixou as paróquias nesse último estado em segundo plano.

Mais frades do Rio Grande do Sul foram convocados para assumir paróquias em Goiás. Enquanto isso, as paróquias nas dioceses de Corumbá e Campo Grande continuavam a enfrentar escassez de frades. Ao priorizar Goiás em detrimento da diocese de Corumbá, o ministro provincial da PCCXS, Frei Celestino Dotti, incrementou o contingente de frades em Goiás e deixou alguns frades em Mato Grosso praticamente isolados, a exemplo de frei Otávio Simionato, em Corguinho. A mudança de foco para Goiás e Brasília tornou-se evidente já em 1959, quando frei Romualdo Mulinari, o superior da missão, abandonou o que, naquela época, constituía o centro da missão em Campo Grande, dirigindo-se para Goiás. Em julho de 1959, a sede da Custódia de Mato Grosso foi transferida para Brasília³⁰⁵.

Em janeiro de 1960, frei Celestino Dotti, enviou um relatório anual detalhando a situação da Custódia de Mato Grosso. O relatório foi redigido por frei Romualdo Mulinari, que naquele momento já residia em Brasília. Frei Romualdo expôs claramente que Mato Grosso oferecia poucas oportunidades para a expansão da Ordem, com ênfase na carência de recursos e de vocações:

Nos faz notar a dificuldade em manter os religiosos residentes no Estado de Mato Grosso. Diz ele que nem ganham o necessário para a sua alimentação, e aproveita para pedir o auxílio da Província. Faz ainda notar que é bastante reduzida a possibilidade de vocações no Estado de Mato Grosso. Além da própria observação trás o exemplo dos RR. PP. Franciscanos, que depois de

³⁰⁵ *Ibid.*, p. 50.

20 anos que lá trabalham tem apenas um Irmão de família japonesa e alguns Seminaristas³⁰⁶.

O movimento econômico da Custódia em 1959 evidenciava um ganho consideravelmente maior em Brasília e Goiás do que em Mato Grosso. As contribuições em Brasília totalizavam 1 milhão e 400 mil cruzeiros, enquanto Campo Grande, que ainda não possuía uma paróquia, e Aparecida do Taboado, a comunidade mais produtiva em Mato Grosso, somavam juntas 1 milhão e 100 mil cruzeiros³⁰⁷. Além disso, o número de vocações em Goiás era mais expressivo. Diante do fracasso do seminário em Aparecida do Taboado em 1962, os frades optaram por estabelecer um novo seminário na cidade de Hidrolândia. O próprio Custódio, frei Victorio Remigio Vian, liderou os esforços para organizar esse seminário, que foi inaugurado em agosto de 1964, contando com a presença de 28 seminaristas³⁰⁸.

Apesar da decisão dos frades da Custódia de concentrar seus esforços em Goiás e Brasília, a incorporação oficial desses novos territórios a Mato Grosso só ocorreu em 1964. O provincial aguardou uma melhor estruturação da Ordem em Goiás e Brasília para, oficialmente, transferir a sede da Província. O Ministro Geral, frei Clemente, emitiu decretos que resultaram na mudança do nome da Província Capuchinha de Caxias do Sul para Província Capuchinha do Rio Grande do Sul, enquanto a Custódia de Mato Grosso passou a se chamar Custódia de Goiás e Mato Grosso.

A mudança representou a consolidação de uma transformação interna que já estava ocorrendo desde 1958, e refletia a falta de confiança dos frades na possibilidade de expandir a Ordem em Mato Grosso. Isso tornou Goiás e Brasília os principais campos de atuação dos frades para o desenvolvimento da Ordem no Planalto Central. Nesse contexto, os lucros financeiros foram considerados um indicativo do direcionamento divino, orientando o caminho que a Ordem Franciscana Capuchinha deveria seguir.

³⁰⁶ ACCRS, Relatório Anual da Custódia Provincial de Mato Grosso - 1959, frei Celestino de A. Prado à Cúria Geral, 25/01/1960, p. 7.

³⁰⁷ ACCRS, Relatório Anual da Custódia Provincial de Mato Grosso - 1959, frei Celestino de A. Prado à Cúria Geral, 25/01/1960, p. 2.

³⁰⁸ DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996, p. 745.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração dos frades da PCCXS para o território de São Paulo e, posteriormente, para o MT, torna-se evidente com o crescimento da província gaúcha no pós-Segunda Guerra Mundial. O significativo número de frades e o anseio por mais poder e territórios além das terras sul-rio-grandenses motivaram frei Caetano de Monte Belo, conselheiro na PCCXS, a aproveitar sua posição privilegiada como visitador em nome da Cúria Geral. Ele buscou transformar as terras paulistas, que estavam sob a jurisdição da Província Capuchinha Italiana de Trento, em um território sem dono, aberto à ação de seus confrades gaúchos.

O potencial econômico do Noroeste de São Paulo, uma região em expansão, e a escassez de padres e religiosos na área contribuíram para que as disputas por paróquias e fiéis se tornassem a tônica das relações entre os frades gaúchos e paulistas, durante os anos de 1946 a 1954. Nesse período, os frades da PCCXS iniciaram estratégias na administração do território paulista, utilizando-o como campo para o exercício de poder e influência, com o desejo de criar ali uma nova circunscrição religiosa. No entanto, tiveram seus objetivos frustrados pela intervenção da Cúria Geral Capuchinha.

Os conflitos relacionados a poderes, recursos e territórios entre os capuchinhos de São Paulo e os do Rio Grande do Sul serviram como uma espécie de modelo e introdução às políticas de expansão da PCCXS para além dos limites de sua área de atuação original. Intrigas, disseminação de boatos, insultos e acordos políticos foram táticas empregadas na busca por novos territórios e influência. Com isso, os frades paulistas rejeitam a presença dos freis gaúchos em suas terras, logrando sua retirada de São Paulo. O Mato Grosso, por sua vez, emerge como uma alternativa para os missionários que preferem não retornar ao RS sem conquistas. A diocese de Corumbá, vista pelo bispo D. Orlando Chaves como uma região de missão, torna-se o espaço para os capuchinhos gaúchos expandirem suas atividades.

Desde o momento de sua chegada, os frades adotam uma postura preconceituosa e depreciativa em relação à região de Mato Grosso. Enfrentam desafios culturais e materiais consideráveis ao tentar estabelecer-se em novas terras. No entanto, recorrem a estratégias e abordagens previamente utilizadas em São Paulo e na própria PCCXS para consolidar sua presença na diocese de Corumbá. Ao se depararem com disputas para conquistar espaço no cenário religioso de Mato Grosso, os frades utilizam diversas estratégias de poder pastoral, como festas, procissões, terços e visitas às famílias. Buscam não apenas consolidar sua presença

religiosa, mas também acumular capital religioso, transformando sua relação pastoral em influência e reconhecimento nas suas primeiras paróquias.

Frei Gregório exemplifica a estratégia de expansão dos capuchinhos em terras mato-grossenses. Designado como responsável por estabelecer uma paróquia em Campo Grande, a maior cidade do então sul de Mato Grosso, uma região com promissoras perspectivas econômicas e geográficas para se tornar a sede da missão capuchinha, o frade sanfoneiro buscou concretizar esse projeto por meio de uma aliança com as elites locais, diversos políticos influentes e fazendeiros. Para angariar fundos, ele organizou festas que, em vários aspectos, desrespeitavam as normas da Diocese.

Concomitantemente à expansão e consolidação da Ordem em Mato Grosso, surgiam possibilidades de conquistar novos territórios no Brasil Central. A nova capital do país, Brasília, oferecia oportunidades e recursos mais abundantes do que os encontrados em Mato Grosso. Gradualmente, os frades passaram a priorizar Goiás e Brasília, precarizando a presença no então Mato Grosso. Abandonaram paróquias na região mato-grossense e reduziram a quantidade de frades, enquanto simultaneamente aumentavam o número de religiosos em Goiás e Brasília. Essa nova expansão também é marcada pelo foco em recursos, poder e terras, utilizando inclusive um discurso em que o lucro é colocado como sinal da vontade de Deus.

Assim, a ampliação da presença da Ordem capuchinha do Rio Grande do Sul para São Paulo, Mato Grosso, Goiás e o Distrito Federal evidencia, sobretudo, a supremacia de motivações econômicas, políticas e territoriais. Dentro desse cenário, a importância atribuída à vida fraterna, fundamental na espiritualidade franciscana, torna-se um exemplo claro de como o aspecto espiritual foi relegado em favor da conquista de mais paróquias, territórios e recursos.

Esta pesquisa não tem como objetivo alcançar conclusões definitivas sobre o tema; ao contrário, busca incentivar investigações adicionais sobre a Ordem Capuchinha em Mato Grosso e em outras regiões. A realidade, conforme se desdobrou, não é totalmente apreensível e, portanto, está continuamente sujeita a ser reescrita, reformulada e reinterpretada. No entanto, a análise da presença dos frades capuchinhos em Mato Grosso contribui para o avanço das pesquisas sobre a Igreja nos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O exame das narrativas religiosas continua a nos desafiar, demandando uma investigação contínua. Neste sentido, diversas e novas perspectivas podem ser adotadas para compreender a presença da ordem franciscana capuchinha nesta região fronteiriça.

REFERÊNCIAS E FONTES

Referências Bibliográficas

ABREU, Silvana. Ocupação, Racionalização e Consolidação do Centro-oeste brasileiro: o Espaço Mato-grossense e a Integração Nacional. In: MARIN, Jérri Roberto e VASCONCELOS, Cláudio Alves de. *História, Região e Identidade*. Campo Grande, Editora UFMS. 2003.

ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. Editora Brasiliense, 1979.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. *Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul*. 2006. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados. 2006.

AMMANN, Safira. B. *Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil*. 9ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 1997.

AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 143-170, 2012.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *Frei Gregório de Protásio Alves – um homem de Deus em Campo Grande*. Campo Grande, MS: Associação de Novos Escritores de Mato Grosso do Sul, 2004.

AZZI, Riolando. Os Capuchinhos e o movimento brasileiro de reforma católica do século XIX. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 35, n. 123, p. 139-308, 1975.

CARVALHO, José Carlos. O Segredo e os segredos da Mensagem de Fátima à luz das Escrituras. *Humanística e Teologia*, Porto, Portugal v. 38, n. 2, p. 113-136, 2017.

BASSANEZI, Maria Silvia. Os eventos vitais na reconstituição da história. IN: LUCA, Tania Regina; PINSKY, Carla Bassanezi (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 141-172.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6.ed. São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 2007.

BRÍGIDO, Edimar. I. Michel Foucault: uma análise do poder. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*. Curitiba, PR, v. 4, n. 1, p. 56-75, 2013.

BRITEZ, Adriana Espíndola. *Episódios da trajetória de Oliva Enciso: a gênese de instituições educativas filantrópicas e profissionalizantes não estatais no sul do antigo Mato Grosso (1930-1970)*. 2020. 294 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 2020.

BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo no Brasil em época de transição*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1974.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, SP, v. 5, n. 11, abr. 1991.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e fronteira: o Sul de Mato Grosso, 1870-1920*. Campo Grande, MS, Editora UCDB, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *Revista Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v.3, n. 1, p. 45-62, 2007.

DE CASTILHO, Maria Augusta. História, memória e identidade dos 50 anos do bispado em Campo Grande–MS. In: XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História, 2007, São Leopoldo, RS, *Anais ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História*, 2007.

DESPERTAR ÉTICO. Necrologia. *Revista eclesiástica brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 54, n. 214, 1994.

DIAS, Juliano Alves. *Et veritas liberabit vos: o catolicismo entre o modernismo e a tradição (1960-2013)*. 2013. 114 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Franca, SP, 2013.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. *Anais do Simpósio Nacional de História*, v. 26, p. 1-15, jul. 2011.

FARIAS, Damião Duque de. Intolerância política: a luta católica contra o comunismo na cidade de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial. *Fronteiras - Revista de História*, Dourados, MS, v. 8, n. 15, p. 59-72, 2004.

FERREIRA, Jorge. 1946–1964: a experiência democrática no Brasil. *Revista Tempo*, Niterói, RJ, v. 14, n. 28, p.11-18. 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo, SP, Martins Fontes, 2008.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá-MT: Entrelinhas: Ed. UFMT, 2012.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão *et al*, Campinas, SP, Unicamp, 1990.

LEITE, Eudes Fernando. *Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados, MS, Editora UFGD, 2009.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e centro-oeste*. Campinas: Unicamp, 1986.

LIPPI, Lúcia Oliveira. Sinais de modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo (1930-1945)*. Rio de Janeiro, RJ, Civilização Brasileira, 2003.

MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)*. Maringá, PR, Eduem, 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido. A Ação Católica Brasileira: notas para estudo. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, PR, v. 21, p. 207-215, 1999.

MANOEL, Ivan Aparecido. Cidadãos para a terra e para o céu: o projeto educacional do catolicismo ultramontano (1850-1950). *Fronteiras - Revista de História*, Dourados, MS, v. 7, n. 13, p. 109-124, 2021.

MARIN, Jérri Roberto. Controle e disciplina: as festas religiosas na diocese de Corumbá (1910-1957). In: VII Encontro de História de Mato Grosso do Sul - Patrimônio Histórico e Cultural: identidade e poder, 2004, Campo Grande, MS, *Anais do VII Encontro História de Mato Grosso do Sul*. UCDB/ANPUH, 2004.

MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja católica em terra que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, Editora. UFMS, 2009.

MARIN, Jérri Roberto. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, PR, ANPUH, Ano III, v. 3, n. 7, maio 2010.

MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: Reflexões Provisórias. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, 2001.

MARIN, Jérri Roberto. *Igreja Católica e a romanização: olhares possíveis*. In: Jérri Roberto Marin. (Org.). *Questões de religiões: teorias e metodologias*. 1ed. Dourados: Editora da UFGD, 2013.

MORO, Nataniél Dal. *Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2007. 365 f. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964), São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 2002, p. 305-306.

NEVES, Leonardo dos Santos; PINTO, Helder de Moraes. O diário é uma série de vestígios: Possibilidades de análise de narrativas autobiográficas como método de pesquisa para a História da Educação em Minas Gerais. *Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH - Mariana, MG*. n.1, v.1, p. 4, jul, 2012. Disponível em <<http://www.encontro2012.mg.anpuh.org>>. Acesso em 21 jan. 2021.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. O difícil nascimento da Arquidiocese de Goiânia. In: MARIN, Jéri Roberto, et al. *Circunscrições eclesiais católicas no Brasil: articulações entre Igreja, Estado e Sociedade*. Campo Grande, Ed. UFMS, 2021.

QUEIRÓZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: A E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século XX*. Bauru, SP, Edusc; Campo Grande, MS, Editora UFMS, 2004.

PAULO II, Papa. *Código de direito canônico*. São Paulo: Edições Loyola, 1997. Cânones - 620, 621, 625, 634, p. 113-115.

PAULO II, Papa. *Código de Direito Canônico*. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo: Loyola, 1987. Cânone 535, inciso 4. p. 81.

PICCININI, Bonifácio, D. Orlando Chaves, SDB Arcebispo de Cuiabá. *Site Salesianos ORG*, In Memoriam – Bispos, Cuiabá, MT, Mitra Arquidiocesana, 1982. p. 1-15. Disponível em: <https://salesianosp.org.br/in-memoriam-bispos>. Acesso em: 22 jan. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 3, 1989.

PONCIANO, Nilton. P. *Fronteira, religião e cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul (1943-1965)*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2006.

RANKEHEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos tempos, 1999.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, SP, v. 22, n.44, p. 463-487, 2002.

ROSAS, Celso Antônio da Fonseca. *A cafeicultura no contexto da agropecuária no extremo Noroeste Paulista*. 2002. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Assis, SP, 2002.

SCHALLENMUELLER, Christian Jecov. *Tradição e Profecia: O pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964)*. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) USP, São Paulo, 2011,

SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II*. 2016, 245 f. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Ciências e Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2016.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Rogério Luiz de. *A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)*. 2001, 257 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001.

SOUZA, Rogério Luiz de. Ética católica e capitalismo: Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 70, n.1, p. 378-399, 2010.

SOUZA, Rogério Luiz de. A paroquialização como fenômeno geopolítico e estratégia biopolítica no processo de formação da República no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 78, n. 310. Petrópolis, RJ: 2018.

VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)*. Porto Alegre, RS: Edi PUCRS, 2008.

VERUSSA, Odair. *Memória Histórica da Província dos Capuchinhos de São Paulo*. São Paulo, SP, Província Imaculada Conceição dos Capuchinhos de São Paulo, 2020.

VIEIRA, Tamara R. Brasília: Uma clareira aberta nos sertões do Brasil o papel dos médicos e higienistas na construção da nova capital (1956-1960). In: XXIII Simpósio Nacional; Associação Nacional de História, 2005, Londrina, PR, *Anais ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História*, 2005.

ZUGNO, Vanildo Luiz. *Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Porto Alegre, RS, ESTEF, 2017.

Periódicos

A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano I, Brasília, DF, n. 1, dez.1982.

A CAMINHADA. *Órgão de comunicação da província capuchinha do Brasil Central*, Ano II, Brasília, DF, n. 2, dez.1983.

BIAZÚS, frei Jaime. *Síntese Histórica: 50 anos de criação da custódia, 25 anos da proclamação da Província*. Brasília, DF, maio 2006.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano I, Caxias do Sul, RS, n.1, maio 1954.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano II, n. 1. Caxias do Sul, RS, jan.1955.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano III, n. 2. Caxias do Sul, RS, abr.1956a.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano III, n. 3. Caxias do Sul, RS, ago.1956b.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano III, n. 4. Caxias do Sul, RS, out.1956c.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano IV, n. 4. Caxias do Sul, RS, jun.1957.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano VI, n. 1. Caxias do Sul, RS, out.1959.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano XL, Caxias do Sul, RS, n.147, out. 1992.

PAX ET BONUM. *Periódico oficial da Província de Caxias do Sul*, Ano LXVI, Caxias do Sul, RS, n. 230, out. 2018.

Arquivos

ACERVO DO MUSCAP. *Diário de um Sacerdote: frei Luís Maria (1933 a 1976)*. AcMuscap – Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul, RS [s.d].

ACERVO DO MUSCAP. *Apontamentos referentes a história da vice província: Goiás e Mato Grosso: frei Luís Maria*. AcMuscap – Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul, RS [s.d].

ACCRS, Arquivo da Cúria dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. *Ata do primeiro encontro do definitório da nova Província*. Livro de documentos de 1942, Caxias do Sul, RS, 1942.

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1943. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1944. Caxias do Sul, RS

ACCRS, Arquivo da Cúria dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Carta Circular do M. R. Pe. Alberto de São Marcos de Caxias – 11 de fevereiro. Livro de documentos de 1946, Caxias do Sul, RS, 1946.

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1947. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro

de documentos de 1949. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1950. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1951. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1952. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Livro de documentos de 1953. Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Relatório anual da Custódia Provincial de Mato Grosso - 1959, frei Celestino de A. Prado à Cúria Geral, Caxias do Sul, RS

ARQUIVO DA CÚRIA DOS CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACCRS), Relatório do frei Hilário Frighetto, Caxias do Sul, RS

PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. *Livro Tombo I*. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rio Verde De Mato Grosso, MT/MS, 1957-1983.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Custódia de Mato Grosso*, (Zona de Campo Grande), Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, 1956-1969.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima* (Livro I). Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1962-1968. [n.p.]

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. *Decreto de Ereção da Paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Campo Grande, MS, 1964, 2 fl. p.1.

SIMIONATO, Otávio. *História de um sacerdote capuchinho*. Manuscritos, [Corguinho, MS? Costa Rica, MS? Camapuã, MS? e Rio Verde de Mato Grosso, MS?] [Entre 2006-2012].

Jornais

ALVES, Gregório P. A Batina do Vigário. *Correio do Estado, Suplemento Cultural*. Campo Grande – MS, ano 65, n. 20.459, p. 6, 20 e 21 jan. 2018.

Livros

ALVES, Gregório de Protásio. *Bodas de ouro sacerdotais de frei Gregório de Protásio Alves*. Porto Alegre, RS, Nova Dimensão, 1989.

CONSTITUIÇÕES CAPUCHINHAS de 1925. Ordenações dos Capítulos Gerais. Roma: Cúria

Geral da Ordem, [s.d].

DE BONI, Alberto; COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande Sul*. Porto Alegre, RS, EST Edições, 1996.

MAZZAROLLO, Isidoro. *frei Luís Maria Liberali, missionário e sertanista*. Porto Alegre, RS, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.

SGANZELA, Alfredo. *Frei Gregório de Protásio Alves: Missionário popular*. Campo Grande: Gráfica e Editora América, 2005.

ZAGONEL, Carlos Albino. *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre: Editora EST, 2001.

Fonte eletrônicas e sites

ASL - Academia Sul Mato Grossense de Letras. Aos 96 Anos de idade, falece a acadêmica Oliva Enciso. Campo Grande, MS. *Site da ASL*, 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://acletrasms.org.br/aos-96-anos-de-idade-falece-a-academica-oliva-enciso/>>. Acessado em 06 jan. 2023.

CHAVES, Ricardo. O último Correio Riograndense. *Jornal GZH, Almanaque*, Cidade Porto Alegre, RS, p.1, fev. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/02/o-ultimo-correio-riograndense-9716394.html>>. Acesso em 06 fev. 2022.

CHENEY, David M. Catholic Hierarchy, Diocese of Lins. *Site Catholic Hierarchy ORG*. Disponível em: <https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dlins.html>. Acesso em 22 jul. 2022.

COM INVESTIMENTOS DE R\$6,4 milhões, duas unidades da REE de Aparecida do Taboado recebem reforma nesta terça-feira (24). *Site da Secretaria de Estado de Educação (SED)*, Campo Grande, MS, 20 maio 2022. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/com-investimentos-de-r64-milhoes-duas-unidades-da-ree-de-aparecida-do-taboado-recebem-reforma-nesta-terca-feira-24/>. Acesso em 22 jan. 2024.

IGREJINHA (DF) INICIA serviços de conservação recomendados pelo Iphan. *Ministério da Cultura*, Brasília, DF, 18 jan. 2022 Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/igrejinha-df-inicia-servicos-de-conservacao-recomendados-pelo-iphan>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

HISTÓRIA. *Site Catedral São José*. Coxim, MS. Disponível em: <https://catedralsaojose.wordpress.com/2015/09/24/historia/>. Acesso: 16 jan. 2023.

MECOM, Museu Etnográfico da Colônia Maciel. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*. Museu Etnográfico da Colônia Maciel, Pelotas, RS, 2022. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/museumaciel/imigracao-italiana-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 25 fev 2022.

NECROLOGIA: Frei Gregório. Franciscanos Capuchinhos – Província do Brasil Central, *Institucional*, Brasília, DF, p.1. Disponível em:

<<https://www.capuchinhosrs.org.br/brasilcentral/institucional/necrologia/outubro>>. Acesso em: 17 jul, 2023

NECROLOGIA: Frei Bruno de Gillonnay. Franciscanos Capuchinhos – Província Sagrado Coração de Jesus, *Institucional*, Caxias do Sul, RS, p.1. Disponível em: <<https://www.capuchinhosrs.org.br/caprs/institucional/necrologia/novembro>>. Acesso em: 28 fev. 2022).

PREFEITURA DE DRACENA. *Site Oficial*. História do Município Dracena, SP. Disponível em: <https://www.dracena.sp.gov.br/portal/servicos/1001/historia-do-municipio/>. Acesso em 16 de junho de 2022.

TORRES, Thaila. Libanês chegou sozinho, foi chamado de louco, mas não abriu mão do Monte Líbano. *Campo Grande News*, Campo Grande – MS, 26 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/libanes-chegou-sozinho-foi-chamado-de-louco-mas-nao-abriu-mao-do-monte-libano>>. Acesso em: 10, jan. de 2024.

ANEXOS

ANEXO 1

LISTA DE MINISTROS GERAIS

frei Donat de Welle (1938 - 1946)

frei Clemente de Milwaukee (1946 - 1952)

frei Benigno de Sant'Ilario Milanese (1952 - 1958)

frei Clement of Milwaukee (1958 - 1964)

ANEXO 2

LISTA DE SUPERIORES DA PROVINCIA CAPUCHINHA DO RIO GRANDE DO SUL

frei José Cherubini (1933 a 1937) – Comissário / (1937 a 1942) - Custódio Provincial / (1942 a 1945) – Ministro Provincial

frei Alberto Stawinski (1945 a 1948)

frei Venâncio Pivatto (1948 a 1951 / 1951 a 1954)

frei Basílio Miotti (1954 a 1957)

frei Celestino Dotti (1957 a 1960)

ANEXO 3

LISTA DE SUPERIORES DA PROVINCIA CAPUCHINHA DE SÃO PAULO

frei Manuel de Seregnano - (1932 a 1935 / 1935 a 1938)

frei Fidélis Motta - (1938 a 1942)

frei Plácido Bruschetta - (1942 a 1945 / **1945 a 1947– Intervenção**)

frei Caetano de Montebelo - (1947 a 1950)

frei Plácido Bruschetta - (1950 a 1953) – Em 21/12/1950 é criada a Custódia do Noroeste Paulista sobre o comando do frei Caetano de Monte Belo.

frei Anselmo de Moena (1953 a 1957) – Ministro Provincial

ANEXO 4

LISTA DE SUPERIORES DA CUSTÓDIA DE MATO GROSSO (1956 a 1964)

O **frei Romualdo Mulinari**, membro do conselho da PCCXS, assumiu a presidência da Custódia de Mato Grosso em julho de 1956, permanecendo no cargo até 9 de dezembro de 1958. Nessa data, ocorreu a primeira eleição da Custódia, e ele foi eleito como Custódio, governando até 13 de janeiro de 1962. Durante seu mandato, contou com o frei Vital de Garibaldi e o frei Demétrio de Encantado como primeiro e segundo assistentes, respectivamente.

frei Victorio Remigio Vian foi eleito como Custódio em 13 de janeiro de 1962, ocupando o cargo até 25 de novembro de 1964. Em sua gestão, os freis Caetano de Monte Belo e Amadeu Antônio Semin atuaram como primeiro e segundo assistentes, respectivamente.

frei Ismael de Flores da Cunha foi eleito Custódio em 25 de novembro de 1964, governando até 5 de fevereiro de 1968. Durante seu período, os freis Romualdo Mulinari e Odorico de Antônio Prado desempenharam os cargos de primeiro e segundo assistentes, respectivamente.

ANEXO 5

FRADES QUE TRABALHARAM NO NOROESTE PAULISTA:

- 1- Caetano Angheben
- 2- Pio Boschetti
- 3- Gervásio Ferronato
- 4- Protásio Ferronato
- 5- Ernesto Zambonin
- 6- Roque Costella
- 7- Archimedes Balottin
- 8- Justino Dotti
- 9- Casimiro Zaffonato
- 10- Bernadino Vian
- 11- Orestes Reginato
- 12- Eusébio Ferreto
- 13- Lauro Reginato
- 14- Lourenço Armiliato
- 15- Jacinto Ferri
- 16- Gregório Bonatto
- 17- Eliseu Mencatto
- 18- Demétrio Zanchetta
- 19- Inácio Curtarelli
- 20- Nicásio Muraro
- 21- Alceu Richetti
- 22- Otávio João Simionato
- 23- Luís Maria Liberalli
- 24- Joaquim Dall'Agnol